

Vitor dos Santos Canale

**Torcidas organizadas e seus jovens torcedores:  
Diversidades e normativas do torcer**

***Torcidas organizadas* and their young supporters:  
diversities and normatives of supporting**

Campinas

2012

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**Vitor dos Santos Canale**

**Torcidas organizadas e seus jovens torcedores:**  
**Diversidades e normativas do torcer**

Orientadora: Profa. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis

Coorientadora: Carmen Lúcia Soares

***Torcidas organizadas and their young supporters:***  
**diversities and normatives of supporting**

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós Graduação da Faculdade de Educação Física, da Universidade Estadual de Campinas, para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física, área de concentração: Educação Física e Sociedade.

Dissertation presented to the Post Graduation Programme of the School of Physical Education of State University of Campinas to obtain the Master's degree in Physical Education. Concentration area: Physical Education and society.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO VITOR DOS SANTOS CANALE, E ORIENTADO PELA PROF<sup>ª</sup>. DR<sup>ª</sup>. HELOISA HELENA BALDY DOS REIS.



---

Orientador

Campinas, 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
ANDRÉIA DA SILVA MANZATO – CRB8/7292

BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA UNICAMP

Canale, Vitor dos Santos, 1985-

L628i Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: diversidades e normativas do torcer / Vitor dos Santos Canale. - Campinas, SP: [s.n], 2012.

Orientadores: Heloisa Helena Baldy dos Reis. Carmen Lúcia Soares

Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Futebol. 2. Futebol - Torcedores. 3. Gaviões da Fiel (Futebol). I. Reis, Heloisa Helena Baldy dos. II. Soares, Carmen Lucia. III. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. IV. Título.

Informações para a Biblioteca Digital:

**Título em inglês:** Torcidas Organizadas and their young supporters: diversities and normatives of supporting

**Palavras-chaves em inglês:**

Soccer

Football fans

Gaviões da Fiel (Soccer)

**Área de Concentração:** Educação Física e Sociedade

**Titulação:** Mestrado em Educação Física.

**Banca Examinadora:**

Heloisa Helena Baldy dos Reis [orientador]

Carmen Lúcia Soares [coorientador]

Carlos Alberto Máximo Pimenta

Felipe Tavares Paes Lopes

**Data da defesa:** 08-11-2012

**Programa de Pós-Graduação:** Educação Física

## COMISSÃO EXAMINADORA



---

Orientador

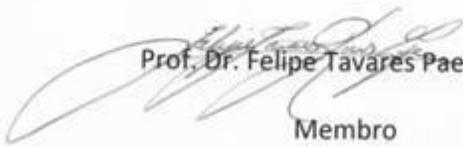
PROF<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Helena Baldy dos Reis

Orientadora



Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta

Membro



Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes

Membro



Dedico este trabalho à minha mãe,  
Ana Maria dos Santos (*in memoriam*),  
sinônimo de amor, luta e dedicação.  
De todos os caminhos que abrimos  
juntos nunca pensei que chegaríamos  
aqui.

Da sua torcida nasceu essa conquista,  
obrigado por sempre estar comigo.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Laura, sopro de amor e felicidade da minha vida, antídoto contra a monotonia da busca do sentido para vida, sem seu carinho este trabalho não existiria.

À minha família que a vida agregou: Fatiminha Fraccaro por sua preocupação e apoio incondicional, Glaucia Fraccaro por cuidar da Laura e de mim, Bruninho esse irmão querido que mesmo longe nunca falha e Fernandão, meu irmão sumido. Aos gatos Bibico e Chop, assíduos acompanhantes da dissertação. Ao Pai Mário e Mãe Vânia, esteios espirituais, afetivos e morais todas as palavras que existem não expressam o que vocês e a nossa Casa representam para mim.

Ao pessoal do Miguxos F.C., que depois virou o Pagode do Souza F.C., por vários dos momentos mais descontraídos e emocionantes da minha vida na Unicamp, se todo futebol fosse assim...

Aos meus grandes amigos corintianos Thomaz Fonseca, João Priolli e Samuel ‘Bussunda’ Pereira, pelo apoio, a conversa, a cervejinha e os aperitivos dessa vida. Discutir futebol com vocês é conhecer um pouco mais da vida, esse momento que acontece entre os jogos.

Lesão, Glen e Max pela companhia nos jogos, na quadra e por várias dicas esclarecedoras. Parceiros das arquibancadas, cada um me ensinando ao seu jeito o que é ser paulistano e corintiano.

À professora Heloisa Reis pelos anos de orientação, incentivos e trabalho juntos e à professora Carminha pela leitura animada e atenciosa.

À todos do GIEF, muito mais que um grupo de estudos, um grupo de amigos. Diana, Serginho, Marcel, Enrico, Paulo, Max, Marco, Marcos, Tiago tudo que esse trabalho porventura tenha de positivo tem um pouco de vocês.

Às contribuições de Vila Maria, Heloisio Dutra e Alex Minduin, que me confiaram suas histórias sobre as torcidas organizadas de ontem e de hoje, meu profundo respeito e admiração por suas caminhadas. Aos professores Pimenta e Toledo, pelas atenciosas conversas sobre metodologia e modos de observação nas torcidas organizadas, é enriquecedor ser um pesquisador neófito e ser tratado com tamanho respeito e atenção.

Ao Paulinho, Romarinho e Emerson Sheik, por promover a união entre os modos de ser da torcida e do time, justamente no título mais esperado da história corintiana.



CANALE, Vitor dos Santos. **Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: Diversidades e normativas do torcer.** 2012. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

### RESUMO

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa sobre as coletividades torcedoras ao longo do século XX no Brasil e suas relações com a violência nos distintos períodos deste século, momento de afirmação e disseminação do futebol no país. O objetivo desta dissertação é traçar, a partir de uma retomada histórica dos coletivos de torcedores, a gênese de um modelo hegemônico de torcida organizada, fundado pelos Gaviões da Fiel, que influenciou a existência de outras torcidas em São Paulo e pelo Brasil. A partir de marcos das formas coletivas de torcer, como os sócios dos clubes das capitais paulistas e cariocas das primeiras décadas do século, torcidas uniformizadas e organizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro entre as décadas de 1940 e 1960 e o nascimento e disseminação entre os jovens das torcidas organizadas até 1995, ano da tragédia do Pacaembu, enfrentamento entre torcedores de Palmeiras e São Paulo no estádio paulistano, acontecimento marcante nos estudos sobre violência relacionada ao futebol, são observáveis os caminhos de uma lógica e normativa torcedora, fundamentada no clubismo e em outras representações internas e externas ao futebol, caras aos jovens torcedores. Assim, as rivalidades e a violência relacionadas ao futebol são questões que abarcam além do esporte em si, dialogando com as relações de cor e de classe, com os embates entre diferentes grupos dentro das metrópoles, somados à necessidade de exercer socialmente condutas impostas pela masculinidade, bem como o desejo do torcedor de participar enquanto agente ativo do espetáculo do futebol, buscando o reconhecimento e o papel central das torcidas no esporte, seja pela festa ou pela violência. A metodologia e fontes utilizadas foram revisão bibliográfica sobre violência no esporte e torcidas, notícias jornalísticas tratadas enquanto fontes primárias, entrevistas com membros da torcida organizada Gaviões da Fiel, acrescidas de observações de campo nos Gaviões da Fiel e em sua dissidência, o Movimento Rua São Jorge.

Palavras-Chave: Futebol, Torcida Organizada, Gaviões da Fiel.



CANALE, Vitor dos Santos. **Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: Diversidades e normativas do torcer.** 2012. 121f. Dissertation (Master's degree in Physical Education) – School of Physical Education, State University of Campinas, Campinas, 2012.

## ABSTRACT

This dissertation is the result of a survey of football supporter groups throughout the twentieth century in Brazil, concerned with their relations to violence in different periods of this century, a time of affirmation and dissemination of football in the country. The aim is to show how contemporary forms of collective organizations of fans own their current constitution to earlier ones, detaching the football supporter groups and their younger fans from a wave of violent self-genesis. Starting from landmarks of collective forms of supporting, such as club membership in the cities of São Paulo and Rio de Janeiro in the early decades of the century, uniformed and organized supporter groups in the states of São Paulo and Rio de Janeiro between the 1940s and 1960s, and the birth and spread of young supporters and young supporting groups until 1995, year of the tragedy in the Pacaembu stadium, it can be observed that supporting is an activity with its own logic and normative rules. These are specially based on “clubism” and other internal and external representations to football, dear to the young fans. Thus, rivalries and violence are related to matters spanning beyond the sport itself, dialoguing with the relations of color and class, the clashes between different groups within the metropolis, the need to exercise social behavior imposed by masculinity and the desire to participate as an active agent of the spectacle of football, seeking recognition and the role of central supporters in sports, either by cheering or by violence. The methodology and sources used were a literature review on violence in sport and supporting groups, primary sources, interviews with members of the “Gaviões da Fiel” supporting group, and field observations of the “Gaviões” in its dissenting group, the “Movimento Rua São Jorge”.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALN – Aliança Libertadora Nacional

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

CGC – Cadastro Geral de Contribuintes

FEF – Faculdade de Educação Física – Unicamp

FIFA – Federation Internationale de Football Association

FPF – Federação Paulista de Futebol

GEF – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Futebol

GF – Gaviões da Fiel

GIEF – Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol

IB – International Board

IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp

MDB – Movimento Democrático Nacional

MR-8 – Movimento Revolucionário 8 de Outubro

MRSJ – Movimento Rua São Jorge

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

TO – Torcida Organizada

TOF – Torcida Organizada do Fluminense

TOV – Torcida Organizada do Vasco

TU – Torcida Uniformizada

UBA – Universidad de Buenos Aires

VAR Palmares – Vanguarda Armada Revolucionária Palmares



## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2. SOBRE AS PRÁTICAS TORCEDORAS COLETIVAS - DA FITINHA NO CHAPÉU ÀS TORCIDAS UNIFORMIZADAS.....</b>	<b>27</b>
2. 1 marco de distinção em tão fidalgo esporte: os donos do jogo e as fitinhas no chapéu.....	27
2.2 A compostura perdida... os novos torcedores e seus exóticos modos.....	41
2.3 torcidas uniformizadas, charanga e torcidas organizadas: novos paradigmas torcedores no futebol profissional .....	46
<b>3. ASPECTOS DA NORMATIZAÇÃO E DA LEGITIMIDADE TORCEDORA EM CONFORMAÇÕES COLETIVAS.....</b>	<b>55</b>
3.1 Modernização e conformação em âmbito nacional do futebol brasileiro e as novas conformações de torcedores em São Paulo .....	58
3.2 O Corinthians, o corintianismo e uma nova vanguarda torcedora nos anos de chumbo do Parque São Jorge.....	63
<b>4. CLUBISMO, CORINTIANISMO, PERTENCIMENTO NA TORCIDA ORGANIZADA E VIOLÊNCIA NO FUTEBOL.....</b>	<b>85</b>
4.1. O vínculo clubístico e o clubismo.....	86
4.1.2 O pertencimento clubístico e as torcidas organizadas .....	92
4.2 Por quê os torcedores brigam?.....	95
4.2.1 O que a academia brasileira tem a dizer?.....	102
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>113</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>117</b>



## 1. INTRODUÇÃO

As emoções mais viscerais que em primeiro lugar vêm à minha mente são as do futebol. Os jogos que eu joguei, aqueles que assisti, moram em lugares que variam do obscuro aos mais luminosos da minha memória. Sentir o coração parar de aflição segundos antes de uma cobrança de pênalti, esquecer-se das agruras da vida com o prazer de um gol, de um título, se sentir mais vivo só de saber que em algum lugar existirá um futebol, bem ou mal jogado, te esperando, tanto faz, pois lá estará uma bola rolando no chão.

Muito se argumenta do pertencimento nacional por meio do futebol e do pertencimento clubístico, condição fundamental a qualquer torcedor; mas pouco se expressa sobre a relação dos indivíduos com o jogo em si. O amor ao jogo e tudo que o torna imponderável, é o que me atrai, me aproxima e toma conta de mim.

O futebol dos campeonatos infantis e adolescentes em Valinhos, que passou a ser o futebol dos Muchachões<sup>1</sup>, sem nunca deixar de ser o jogo das quartas e domingos na televisão, no rádio e por vezes nos estádios. Todos esses momentos de fruição, de prazer, todos esses espaços de exercer uma identidade boleira, se não foram determinantes, ao menos, foram fundamentais para as minhas escolhas acadêmicas e de vida.

A escolha do futebol como campo de estudo, não meramente dimensão apaixonada da vida, não advém apenas da ideia de regozijo pessoal, mas um caminho para pensar o Brasil a partir desta área de estudos multidisciplinar. Reconhecer a importância do futebol na vida dos indivíduos não só na contemporaneidade como durante todo o século XX brasileiro é pensar processos vastos e de longa duração, que direta ou indiretamente atrelam o futebol e a sociedade brasileira, dimensões que não existem autonomamente uma a outra.

A minha trajetória de estudos sobre o futebol começou durante a iniciação científica ao pensar em como se articulavam os conceitos de futebol-arte e identidade nacional nas crônicas de João Saldanha. O que culminou com a maior aproximação com o campo da Educação Física, já que minha graduação é em História. O contato inicial a partir do GEF<sup>2</sup>, grupo coordenado pela professora Heloisa Reis, foi aprofundado nos estudos da iniciação científica, orientados pela mesma.

---

<sup>1</sup> Torneio de várzea disputado na Unicamp e organizado pela Atlética do IFCH (Instituto de Filosofia e Ciência Humanas). O nome Muchachão, é uma homenagem a Muchacho, bibliotecário folclórico do Instituto.

<sup>2</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Futebol

A participação no GIEF (Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol) desde 2008 trouxe a possibilidade de entrar em contato com uma imensa variedade de temas e perspectivas sobre o futebol. A chance de desenvolver leituras, projetos, artigos em um dos raros ambientes de poder horizontais no meio acadêmico foram um dos estímulos para refletir sobre a diversidade de assuntos do futebol e seus possíveis enfoques.

A possibilidade de mudar radicalmente o enfoque dos estudos, que num primeiro momento versavam sobre os textos de crônicas esportivas e hoje refletem sobre os torcedores, predominantemente os torcedores organizados, exemplifica a diversidade de possibilidades para se pensar a sociedade brasileira a partir do futebol.

Contudo, refletir sobre a diversidade da sociedade brasileira não é pensar só em diferentes grupos, métodos de pesquisa ou problemas possíveis, mas também, e principalmente, pensar a simultaneidade de papéis sociais que os indivíduos desempenham nas diferentes atribuições que tem ou escolhem para si em seu cotidiano.

O torcedor, e nesta dissertação será analisado o torcedor organizado, tem sofrido um processo que obscurece a diversidade de sua atuação social como cidadão nos espaços em que o futebol não predomina. O estereótipo dos torcedores individualmente e em grupos versa sobre a violência, a alienação, vagabundagem, posições essas gestadas numa sociedade que vê no trabalho e nas pretensas esferas sérias da vida, os únicos valores possíveis de exaltação.

A reflexão sobre a condição marginal do torcedor, os embates por legitimidade, conceito que mudará diversas vezes ao longo do século XX, e as relações de sociabilidade e violência desses torcedores serão de grande importância para pensar um panorama de longa duração que dialoga e é tributário do momento atual.

A escolha de ir a campo analisar detidamente grupos de jovens dentro das torcidas organizadas, mais especificamente o grupo chamado de moleques ou maloqueiros<sup>3</sup> vem da percepção do papel que a mídia imputa a esses jovens, e também, da observação do papel dos jovens dentro das torcidas organizadas, seu pertencimento ao grupo, os valores, identidades que os formam e que ajudam a formar dentro das torcidas.

Se por um lado os jovens torcedores são tachados como baderneiros, violentos, deturpadores de uma pretensa ordem do futebol, por outro lado são reconhecidos como

---

<sup>3</sup> Tanto moleques como maloqueiros são termos nativos utilizados pelos torcedores organizados para referir-se aos jovens torcedores organizados, majoritariamente da periferia da cidade de São Paulo. O emprego do termo não traz significado pejorativo e é utilizado recorrentemente entre os torcedores.

abnegados que desempenham tarefas primordiais à manutenção da torcida organizada e à sua apresentação nas arquibancadas. Muitos desses jovens zelam pela sede de suas instituições, fazendo trabalhos desde recepção até a venda de artigos da torcida; participam do departamento de bandeiras confeccionando-as, fazendo sua manutenção e expondo-as nos estádios; integram também as baterias das agremiações. Por terem uma relação, muitas vezes, intermitente com o mundo do trabalho ou por trabalharem informalmente nas torcidas os jovens torcedores têm a oportunidade de viver o cotidiano das torcidas organizadas de um modo específico, diferente dos torcedores que devem responder às demandas da vida adulta, como a manutenção de emprego e família (TOLEDO,1996).

Assim, pensar como se mesclam as visões do torcedor violento e do torcedor abnegado, que correlações de forças estão envolvidas em ambas as caracterizações e como elas dialogam com a conduta dos grupos de torcedores é importante para o entendimento das representações feitas sobre as diferentes formas de torcer em grupo do século XX. Bem como historicizar as condutas dos jovens torcedores e as suas representações dentro de uma dinâmica maior, que seja capaz de refletir sobre as formas de torcer ao longo do século passado, para a partir disso, compreender que a violência no espetáculo futebolístico não é uma criação das torcidas organizadas e nem sequer é meramente um problema interno e específico ao futebol, mas um problema da sociedade que este esporte faz parte, relacionado com a dinâmica das grandes metrópoles, o estilo de vida dos jovens e o perene pânico moral relativo às multidões.

O objetivo desta dissertação é traçar, a partir de uma retomada histórica dos coletivos de torcedores, a gênese de um modelo hegemônico de torcida organizada, fundado pelos Gaviões da Fiel, que influenciou a existência de outras torcidas em São Paulo e pelo Brasil.

Modelo este que sobre diversos aspectos se apresenta como a soma de experiências torcedoras e políticas anteriores, bem como de constantes mudanças e desafios ao longo de sua história, num embate frequente entre a manutenção de determinados valores e a criação de novas lógicas.

A relevância científica da pesquisa se dá pela influência que o modelo organizativo, a lógica e os valores fundantes dos Gaviões da Fiel têm dentro das concepções das torcidas organizadas de São Paulo. O modelo bem sucedido dos Gaviões da Fiel, a medida que a torcida amealhou influência e poder dentro do Corinthians, um grande número de associados, o reconhecimento e respeito do torcedor em geral, o status nos enfrentamentos físicos, além da

manutenção de uma grande sede e diversos departamentos, fazem da torcida um paradigma para suas adversárias, num misto de respeito e admiração, por vezes velados, e estimulam o desejo de superação no sistema de status que rege as relações entre torcidas. Por isso, a experiência histórica dos Gaviões da Fiel e sua genealogia trazem elementos para a reflexão dos modelos e lógicas dos torcedores organizados em São Paulo.

Por não ser uma temática propriamente nova, dada a tradição de estudos sobre torcidas organizadas que remontam ao final dos anos 1970, a presente dissertação empreende um avanço no reconhecimento de uma tradição, em constante metamorfose das torcidas organizadas paulistanas a partir do modelo proposto pelos Gaviões da Fiel, enquanto os estudos anteriores de maior relevância focaram-se em análises das principais torcidas da cidade de São Paulo, suas convergências e divergências, não interessados na genealogia dos valores dessas agremiações.

Os procedimentos metodológicos utilizados foi a revisão bibliográfica da produção sobre violência no espetáculo esportivo desenvolvida na Escola de Leicester, primeiro paradigma da temática; os estudos da Universidad de Buenos Aires, referência sobre embate entre torcedores na Argentina, cuja produção tem contato direto com a produção nacional pelo trabalho do Professor Pablo Alabarces.

No Brasil a produção nacional sobre torcidas e torcidas organizadas encontra-se em diversas áreas do conhecimento, como Educação Física, Antropologia, Sociologia e História, afirmando a abordagem multidisciplinar que a questão recebe na academia. As bases de dados utilizadas foram a base Acervus, que reúne o material disponível em todas as bibliotecas da Unicamp, bem como o artigo de Enrico Spaggiari e Sérgio Giglio: A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009) e o livro Levantamento da produção sobre futebol nas Ciências Humanas e Sociais do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcida da Universidade Federal de Minas Gerais, em todos as palavras torcida, torcedores e torcidas organizadas foram os descritores chave da pesquisa, também fundamental foi a intensa rede de trocas de informações que tem se formado entre os pesquisadores da ampla temática do futebol nos diversos congressos que abordam a temática esportiva mesmo que de modo transversal.

Somada à revisão bibliográfica a utilização de fontes como periódicos e sites de internet proporcionaram a possibilidade de acompanhar mesmo que a distância e com todos os problemas existentes nestas fontes o cotidiano da torcida estudada. Os sites institucionais das torcidas e seus

perfis em redes sociais foram utilizados como os canais institucionais dessas agremiações para a comunicação com seus torcedores e o público em geral.

As entrevistas semi-estruturadas com dois fundadores dos Gaviões da Fiel<sup>4</sup> tiveram por objetivo reconstituir a partir da fala torcedora os primeiros anos da torcida, o ideário inicial da agremiação, bem como a violência nas primeiras décadas da torcida. O viés político da instituição que foi ressaltado em ambas as entrevistas e as reflexões sobre a figura emblemática de Flávio de la Selva, sócio número um da torcida, foram informações que não estavam previstas no roteiro inicial das questões, mas por serem consideradas de grande importância pelos entrevistados como um modo de entender toda a história dos Gaviões da Fiel não podiam deixar de serem pensados na dissertação.

A entrevista semi-estruturada com uma das lideranças do Movimento Rua São Jorge (MRSJ) teve por objetivo inicial obter informações sobre a organicidade do movimento, respostas sobre questões estruturais e conhecer a fala institucional do grupo sobre a questão da violência, tema cujo qual os representantes do movimento são recorrentemente sabatinados em esferas governamentais. Também inclusa nas aspirações da entrevista estava a chancela do entrevistado para que eu frequentasse a sede da torcida, comparecesse às atividades como palestras, festas, concentrações de jogos e excursões; a acolhida de Alex Minduin se mostrou fundamental para a abertura dos espaços e para diversas experiências ao longo do percurso da observação de campo.

O Movimento Rua São Jorge foi observado ao longo do ano de 2011 com a participação intermitente em festas, reuniões, concentrações para os jogos e uma excursão. O acesso ao site e os contatos pessoais foram os meios privilegiados para obter informações sobre a realização das atividades e também para entender os rumos que o movimento trilhou ao longo do ano. A partir dos primeiros meses de 2012 por conta da volta do MRSJ aos Gaviões da Fiel, objetivo almejada pelo grupo de torcedores desde sua saída da sede da torcida no Bom Retiro quatro anos antes, as observações de campo seguiram nos Gaviões da Fiel até a final da Copa Libertadores da América, momento do título inédito da equipe corintiana. Todas as idas a campo foram descritas e refletidas a partir de um caderno de campo, cujas informações auxiliaram a refletir não apenas o momento presente da torcida como as continuidades de determinados valores e práticas na história dos Gaviões da Fiel.

---

<sup>4</sup> Um deles também fundador da torcida organizada corintiana Camisa 12.

A escolha do Movimento Rua São Jorge, grupo de torcedores dissidentes dos Gaviões da Fiel, para a observação de campo baseia-se na hipótese repercutida pela Polícia Militar do Estado de São Paulo e pelo Ministério Público local de que esse agrupamento de torcedores tem um alto número de jovens tidos como violentos. Esta hipótese também se baseia em relatos de torcedores e em relatos midiáticos de que o MRSJ é conhecido entre os corintianos como o grupo mais violento dentro dos Gaviões da Fiel.

O Movimento da Rua São Jorge, por se constituir em um movimento de torcedores vinculados aos Gaviões da Fiel, não sendo assim uma torcida autônoma, obrigou-me no percurso de pesquisa a inicialmente filiar-me aos Gaviões da Fiel<sup>5</sup> antes do contato inicial com o MRSJ. Na tentativa de uma aproximação com o movimento a realização de uma entrevista com uma das lideranças foi fundamental para possibilitar as minhas idas e consecutivo acompanhamento da dinâmica dos torcedores.

As visitas à sede, espaço onde fiz parte das entrevistas, acompanhei a palestra aos novos sócios, além da concentração para jogos no Pacaembu e uma excursão<sup>6</sup>, propiciaram não somente a experiência de torcedor participante do Movimento Rua São Jorge, como foram momentos de observação da dinâmica torcedora, da relação desse grupo com os outros integrantes da cidade e do espetáculo futebolístico como um todo, além da aproximação junto ao coletivo de torcedores. Assim, a aproximação que propicia a melhor observação dos acontecimentos, e muitas vezes o entendimento deles, além da possibilidade de diálogos mais abertos com os torcedores se mescla ao distanciamento do pesquisador necessário à reflexão dos processos sociais. Situações de extrema importância para a análise das continuidades e mudanças dentro das torcidas organizadas, forma de superação dos lugares comuns e preconceitos que revestem as representações sobre as torcidas organizadas. As idas a campo, neste caso, foram uma experiência determinante para todas as análises desenvolvidas durante a dissertação.

No segundo capítulo, intitulado *Sobre as práticas torcedoras coletivas – Da fita no chapéu às torcidas organizadas*, busco estabelecer uma sequência de práticas coletivas de torcer, seus envolvidos, como essas práticas se relacionaram com a dinâmica histórica de seu período e sua importância no estabelecimento de um clubismo primeiro no espaço das cidades de cada agremiação, posteriormente estadual e, por fim, o clubismo como acontecimento nacional para as

---

<sup>5</sup> No sistema de pertença desses torcedores, todo apoiador do Movimento Rua São Jorge é um torcedor dos Gaviões da Fiel, mas nem todos os Gaviões aderem ao MRSJ.

<sup>6</sup> Flamengo e Corinthians, jogo disputado no dia 05/06/2011 pelo Campeonato Brasileiro de Futebol.

maiores equipes do país. As análises deste capítulo abarcam da primeira década do século XX até a derrocada das torcidas uniformizadas paulistas, recorte que inclui desde a primeira etapa de disseminação do futebol nas capitais passando por uma crescente popularização, que vai desde a chegada dos torcedores populares aos *grounds* até a naturalização da figura do torcedor e posterior formação de organizações de vínculo fluído para o apoio às suas equipes. Etapa esta que pode ser caracterizada como uma escalada do torcedor popular em termos de status e importância no esporte. Neste período serão abordadas mais detidamente as Charangas, as Torcidas Organizadas cariocas e as Torcidas Uniformizadas paulistas. O clubismo e a conformação de uma massa de torcedores, bem como a já existente violência entre os adeptos do futebol, são questões que irão ser de grande importância ao longo do século e agem como espectro moral, exemplo e formas aglutinadoras dos torcedores desde então. O capítulo se encerra com a derrocada da grande maioria das torcidas uniformizadas paulistas, exceção feita à Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), marcando mais de uma década de ausência quase total de organizações de torcedores na cidade de São Paulo, enquanto no Rio de Janeiro o panorama de efervescência das torcidas organizadas locais e da Charanga se mantém durante a segunda metade da década de 1950 e início dos anos 1960.

Frente à impossibilidade de analisar as diversas peculiaridades regionais, me ateno aos casos do Rio de Janeiro e de São Paulo, principalmente no que tange às similaridades e diferenças dos modos organizativos dos torcedores em ambas as capitais. A existência de um circuito frequente de partidas amistosas entre equipes dos dois estados pode ser interpretado como a possibilidade de trocas de experiência frequentes não apenas entre atletas e dirigentes, mas também entre os torcedores, principalmente os chefes de torcida, elementos de liderança carismática do período.

No terceiro capítulo analiso o processo que levará à fundação dos Gaviões da Fiel, atualmente a maior torcida organizada corintiana e, possivelmente, a maior do país. Sua trajetória será pensada a partir da bibliografia acadêmica sobre o assunto, bem como de entrevistas com os envolvidos na fundação e no processual crescimento da torcida. A existência dos Gaviões da Fiel não pode ser compreendida como uma questão significativa apenas para a história do futebol, o que já não é diminuto, mas deve ser analisada sob o espectro da relevância do associativismo na sociedade brasileira pós-ditadura, a ocupação do espaço público e a luta dos torcedores por poder e representatividade dentro da estrutura interna dos clubes, espaços de poder negado às classes

populares. A história dos Gaviões da Fiel, como primeira torcida organizada de grande impacto social, será de extrema relevância para a reflexão dos grupos que se formam dentro da instituição, suas determinações e a maneira como a violência se apresenta no cotidiano dos torcedores organizados desta torcida organizada.

Os Gaviões da Fiel ao inventar um modo de organização até então inexistente em São Paulo vai servir de exemplo a outras torcidas organizadas do Corinthians e de clubes adversários, casos de uma relação multifacetada entre os torcedores dos diversos times, misto de amizade, admiração, reconhecimento, mas também de rivalidade e enfrentamento.

Pensar a diversidade de interações possíveis entre os agrupamentos de torcedores é um modo privilegiado de entender as dinâmicas e os processos históricos em sua complexidade, sem se deixar levar por modelos prontos ou hipóteses acabadas. O capítulo analisa o marco de expansão das torcidas organizadas em seu número de sócio, transição entre a década de 1980 e 1990, conforme análises de Toledo (1996, 2002), Pimenta (1997) e Reis (2006). Momento histórico que trouxe, conforme torcedores e diretores entrevistados, uma nova lógica às torcidas organizadas, muito mais empresarial, juvenil e com a reformulação de determinados valores fundadores dos Gaviões da Fiel. O capítulo se encerra com o enfrentamento de torcedores do São Paulo Futebol Clube e Sociedade Esportiva Palmeiras pela Super-Copa de Futebol Júnior no ano de 1995, marco nos estudos relativos à violência no espetáculo futebolístico e evento que desencadeou a ação do poder público no sentido de proibir a atuação e existência das torcidas organizadas que tiveram integrantes envolvidos neste episódio, acontecimento que também será retomado no capítulo seguinte.

O aumento no número de associados nas torcidas organizadas paulistas, e principalmente nos Gaviões da Fiel; o aumento no número de casos registrados, pela polícia e pela mídia, de violência relacionada ao futebol, seja ou não no espaço dos estádios, e os consecutivos estereótipos que processualmente moldaram as novas representações sobre os torcedores, neste período passam da imagem do torcedor organizado carnavalizado e abnegado, para serem suprimidas em prol de representações que dialogam com a violência. Assim, o estereótipo que imputa tão somente à torcida organizada e o seu torcedor a responsabilidade pela violência no futebol ganha força no período (AGUILERA, 2004).

No quinto capítulo a análise teórica a partir da bibliografia estrangeira que trata de violência relacionada ao futebol, marcadamente a produção inglesa da escola Leicester e a

produção argentina da UBA<sup>7</sup>, bem como a análise da produção nacional sobre torcidas organizadas e violência no Brasil. A partir da análise bibliográfica a pergunta: Por que os torcedores brigam, será refletida a partir dos aspectos do clubismo, de uma identidade interna à torcida organizada e por fim a análise de conceitos como a emoção prazerosa da batalha, a masculinidade, a identidade individual e coletiva nas torcidas organizadas a partir das observações de campo desenvolvidas tanto no Movimento Rua São Jorge, como nos Gaviões da Fiel.

---

<sup>7</sup> Universidad de Buenos Aires.



## **2. – SOBRE AS PRÁTICAS TORCEDORAS COLETIVAS – DA FITA NO CHAPÉU ÀS TORCIDAS UNIFORMIZADAS.**

### **2.1 – Marca de distinção em tão fidalgo esporte: os donos do jogo e as fitinhas no chapéu**

A chegada do futebol ao Brasil, ainda hoje, é motivo de discussão nos espaços acadêmicos, dada a busca de um marco inicial ou de um potencial introdutor da prática na sociedade brasileira. No entanto, os mitos fundadores que herdaram tal honraria mais poderiam exemplificar o nascimento dos clubes de futebol na década de 1900 e 1910 no Rio de Janeiro e em São Paulo do que nos dar assertivas sobre a chegada do esporte ao país.

Charles Miller, em São Paulo, e Oscar Cox, no Rio de Janeiro, são representantes de um mesmo grupo social: as elites com proximidade das novidades acontecidas na Europa. Desde 1902, marco histórico do início do futebol na cidade de São Paulo, existem publicações que estimulam e ensinam tanto os praticantes ou futuros praticantes, como os potenciais torcedores os preceitos e os códigos desse recém-chegado esporte.

Estas publicações tiveram um papel pioneiro de interpretação, internalização e esclarecimento das regras e conhecimento das formas de jogar, papel que seria levado a cabo posteriormente pelos jornais, mas que no início do século XX ficava a cargo de jogadores, jornalistas ou comerciantes de artigos esportivos (TOLEDO, 2002).

Levando em conta que esses manuais foram os primeiros meios de estímulo e conhecimento do novo esporte, podemos perceber que a existência de uma pequena parcela de habitantes letrados no Brasil restringia sua circulação. Os guias de aprendizado formal ficavam restritos às parcelas da população de maior poder aquisitivo.

Em uma sociedade que dava seus primeiros passos na prática esportiva o principal esporte era o remo e o interesse da colônia britânica pendia mais para o críquete do que para o futebol<sup>8</sup>, o jogo com os pés teve de galgar espaços entre a preferência do seletivo grupo das elites das grandes cidades brasileiras.

O costume de apoiar uma equipe, já existente no país (DAMO,2007; MELO,2012), fazia com que grandes contingentes acorressem às raias para dar suporte aos clubes de regatas e suas

---

<sup>8</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso Miranda. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Editora Nova fronteira. 2000.

respectivas equipes de remo. Os jornais da época traziam as informações das disputas e estimulavam o comparecimento para o que então era tido como um evento social de grande repercussão na cidade.

Os clubes caprichando, cada um querendo fazer mais bonito. O que dava a regata, então, embandeirava tudo o que era poste e árvore. Do barracão do Guanabara ao morro da Vitória. Uma regata tinha de ter mais foguetes do que a outra. Mais barcas, nos rebocadores, mais lanchas. E mais carros no curso. (RODRIGUES FILHO, 2003)

A disseminação do futebol, naquele início de século XX, pelas capitais carioca e paulista dependia, em parte, pela forma que esse esporte seria aceito pelos adeptos dos clubes já existentes, desafiando as preferências estabelecidas por outras modalidades esportivas, e também por quão bem sucedidas seriam as redes de sociabilidade que o jogo poderia implementar nos espaços urbanos.

Desta forma, podemos elencar uma pequena comunidade inicial de praticantes do futebol nas capitais de São Paulo e do Rio de Janeiro, que apesar de um perfil social e uma conduta semelhantes, aí inclusa a defesa do amadorismo, não conseguiram coibir a disseminação e, a posterior, popularização do jogo.

Apesar das grandes cidades<sup>9</sup> contarem desde o terceiro quartel do século XIX com associações de prática esportiva, assim o associativismo com fins esportivos já era conhecido entre os brasileiros; a partir da década de 1910 o rápido aumento de clubes e a diversificação dos seus integrantes foram a tônica do processo que traria a reboque outros grupos sociais e novas experiências ao jogo.

O circuito futebolístico que se estabeleceu tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro gradualmente foi acrescido de times tanto na várzea como nos espaços chancelados pelas federações locais<sup>10</sup>. A diversidade de modos como as associações foram constituídas, seus

---

<sup>9</sup> São os exemplos de cidades como São Paulo (STREAPCO, 2011), Rio de Janeiro (PEREIRA, 2000) e Porto Alegre (DAMO, 2002)

<sup>10</sup> Os participantes dos eventos chancelados pelas federações eram os únicos a poderem participar dos campeonatos paulista e carioca. O primeiro teve sua primeira edição em 1902 e o segundo iniciou suas disputas em 1906. O fato de um time disputar torneios na várzea não significa que em algum momento o clube não possa ascender à disputa dos campeonatos oficiais, reconhecidos pelas federações locais, como foram os casos de Corinthians e Palmeiras. Também não pode ser deixado de lado o fato de que as próprias federações que davam, e ainda dão, legitimidade aos campeonatos estaduais mudaram de nomes e sofreram diversas disputas e dissidências internas ao longo do século passado.

objetivos e as demandas que buscavam atender colocam entidades sob quase todos os aspectos díspares numa mesma designação: clubes de futebol.

Clubes já existentes das classes abastadas abriram espaços para a constituição de uma equipe de futebol<sup>11</sup>, novos clubes das altas classes voltados principalmente ao futebol de competição<sup>12</sup>, clubes de fábricas interessados no esporte<sup>13</sup> e entidades formadas a partir de sociabilidades de bairros e encontros dançantes<sup>14</sup>, além dos clubes de colônia<sup>15</sup>, são sintomáticos da diversidade de encontros entre indivíduos e possibilidades de expressão que o futebol poderia alcançar no primeiro quartel do século passado.

Longe de reificar a constituição dos clubes de futebol no cenário esportivo brasileiro há de se levar em conta questões como a sociabilidade entre os indivíduos e as cadeias de interdependências (ELIAS, 1992, 2000) que uniam e estimulavam os praticantes e apoiadores do jogo no início do século XX. Desta forma, a questão não se resume simplesmente ao futebol, mas pode também ser compreendida como a constituição de laços entre grupos organizados de formas até então inexistentes ou incipientes na sociedade brasileira.

A possibilidade de afirmar sociabilidades de bairro, ou aquelas constituídas a partir do mesmo ambiente de trabalho ou ainda de pertencimento de classe, creio não fossem os fatores fundamentais à constituição das equipes, sendo sobrepujadas pelo interesse na prática em si, mas são fatores de destaque ao se escolher com quem jogar e contra quem se jogará, modo com que se fundamentam uniões e potenciais rivalidades.

Os clubes são espaços privilegiados para a observação daquilo que Norbert Elias definiu como cadeias de interdependência. Neste caso numa sociedade brasileira que flerta entre uma estrutura segmentar e funcional (ELIAS, 1992).

---

<sup>11</sup> O caso do Flamengo em 1912.

<sup>12</sup> Exemplo do Botafogo Football Club, fundado em 1904 (PEREIRA, 2000), e do São Paulo Futebol Clube de 1935 (STREAPCO, 2011).

<sup>13</sup> São muitos os clubes de fábrica no Brasil, mas dois deles atingiram uma considerável atenção da mídia ao longo do século XX e um espaço na memória futebolística nacional são o Clube Atlético Juventus de São Paulo, criado a partir do Cotonifício Rodolfo Crespi, no bairro paulistano da Mooca; e o Bangu Atlético Clube do Rio de Janeiro, vinculado à Companhia Progresso Industrial do Brasil. Fátima M. R. F. O futebol nas fábricas In. Revista USP – Dossiê Futebol. Volume 22. São Paulo. Ano 1994. Páginas 102-109.

<sup>14</sup> Entre os vários exemplos existentes podem ser citados o Bonsucesso e o Andaraí no Rio de Janeiro.

<sup>15</sup> São vários os exemplos de equipes que na sua fundação implementaram um recorte étnico, são os casos do Palestra Itália (posteriormente rebatizado de Sociedade Esportiva Palmeiras) e a Portuguesa de Deportos em São Paulo, além do carioca Vasco da Gama.

A condição do Brasil analisado como um todo<sup>16</sup>, de região que oscila e convive ao longo do séculos XX e XXI com situações de ligações segmentares e funcionais<sup>17</sup> caracteriza-se por: situações como a ausência ou a atuação negativa do Estado em determinados espaços, “elevada violência física nas relações entre sexos; domínio masculino” (ELIAS & DUNNING, 1992) e a tendência à formação de bandos, nas linhas de segmentação social, cujo objetivo é o enfrentamento de outros grupos<sup>18</sup>, com ênfase em um conceito de masculinidade fundada na violência e na virilidade que aproximam o país das características das sociedades segmentares. Por outro lado, a existência de uma comunidade nacional ligada por vastas cadeias de interdependência, um horizonte de possibilidade de mobilidade social aproximam a sociedade brasileira dos conceitos pensados por Elias e Dunning para um local em que prevalecem as ligações funcionais.

As grandes cidades brasileiras do início do século XX foram espaços relevantes para a análise de como as cadeias de interdependência vão se tornar cada vez maiores e como a relação entre os grupos sociais trouxeram consigo novas situações. O espaço da cidade não suprimiu as diferenças e segregações até então existentes, mas colocou as relações entre os indivíduos num patamar de maior proximidade e necessidade mútua pela complexidade da divisão social do trabalho que o ambiente urbano engendrou na história nacional.

Para cada clube, além dos jogadores, existiu uma assistência, denominada de espectadores, que por mais heterodoxas que fossem traziam consigo motivações que os faziam estar ali durante a atuação de terceiros, tanto nos espaços chancelados pelas federações locais como nas várzeas.

E é sobre essa assistência, que foi constituída ao longo da trajetória dos clubes, tornando-se indissociável da vida das associações esportivas ao longo do século XX, que analisaremos.

---

<sup>16</sup> Consciente de que analisar grandes contingentes populacionais em uma vasta área, como é o caso do Brasil, indubitavelmente nos levará à generalizações, creio que o exercício não seja destituído de valor, já que a conformação de um governo centralizado não ameniza as diferenças e peculiaridades regionais, mas a atenua sob uma mesma lógica executiva, jurídica, legislativa.

<sup>17</sup> Creio não incorrer em uma falha teórica ao analisar os dois modelos de ligação conjuntamente por dois fatores: A condição que todos os grupos sociais não compartilham das mesmas experiências e oportunidades dentro da sociedade, por isso estando em situações diferentes no processo civilizador (ELIAS,1994), o que proporciona a convivência e o embate de diversos grupos com os mais variados conceitos e práticas sobre desde a formação de comunidades até a relação com a violência; e segundo por compreender que o esquema apresentado por Elias e Dunning no livro *A busca da excitação*(ELIAS & DUNNING,1992) seja baseado em tipos ideais, que mesmo que tenham um correspondentes nas sociedades contemporâneas ou passadas não invalidam análises que mesclam os dois tipos de ligações.

<sup>18</sup> Apesar de crer que o objetivo de qualquer grupo não seja unicamente o enfrentamento e que esse enfrentamento pode ser, muitas vezes, o meio e não o fim em si, o argumento não tem sua eficácia alterada.

Mais do que fazer um apanhado histórico sobre a constituição e popularização das torcidas de futebol, este capítulo reflete sobre a atuação desses torcedores e os processos históricos que levaram às diferentes formas de se torcer coletivamente ao longo da primeira metade do século passado.

O recorte que foi adotado privilegiou os clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro que fazem parte do chamado sistema Fifa-IB (DAMO, 2007). Mesmo que os clubes que hoje compõem esse sistema não fizessem parte de competições de alto rendimento e nem campeonatos de reconhecimento oficial nos seus primeiros anos<sup>19</sup>, suas trajetórias e a de seus torcedores são de extrema importância para entendermos a criação de uma massa torcedora e de seu *ethos*.

Dada a baixa cobertura dos jornais<sup>20</sup> ao futebol na primeira década do século passado, quando o esporte aos poucos<sup>21</sup> galgou adeptos para a prática e assistência, os dados que podemos apreender a partir dessa fonte para pensarmos os torcedores do período são restritos. Contudo, o clássico O negro no futebol brasileiro, de Mario Filho<sup>22</sup>, traz alguns indicativos de como se dava a frequência aos *matches de football*<sup>23</sup> organizados pelos clubes participantes do campeonato carioca. Bem como o estudo histórico apresentado por Leonardo Pereira<sup>24</sup>, que versa sobre as primeiras décadas do futebol carioca, a partir de vasta documentação que abarca desde atas de reuniões, variados jornais do período, álbuns pessoais de atletas da época até manuais de prática esportiva.

Mario Filho chamava a área reservada aos sócios dos clubes de alto padrão financeiro carioca de corbeille de flores, justificada pela grande presença de mulheres da alta sociedade do Rio de Janeiro que apoiavam seus parentes, amigos ou pretendentes. Com estas jovens senhoras compartilhavam espaço os demais sócios dos clubes, todos eles do mesmo perfil sociocultural. O vínculo já existente em outros espaços entre esses torcedores e os jogadores era reafirmado no

---

<sup>19</sup> Exemplo da diversidade de origens e histórias específicas dos clubes que, cada um ao seu modo, fizeram parte desde a fundação ou tardiamente das federações locais. Instituições essas criadas também com objetivos específicos e formulações próprias sobre o que deveria ser a prática do futebol.

<sup>20</sup> Nos primórdios do futebol as notícias que eram vinculados por meios dos jornais traziam informações limitadas, como quais equipes que se enfrentariam, o local e o horário dos jogos e a escalação dos times, muitas vezes já alinhadas em seus padrões de jogo e com seus atletas nas respectivas posições. (RODRIGUES FILHO,2003; PEREIRA,2000; DAMO,2002.)

<sup>21</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso Miranda. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Editora Nova fronteira. 2000.

<sup>22</sup> Mesmo consciente de determinadas inconsistências na obra de Mario Filho e das críticas feitas por Pereira (PEREIRA,2000) e de todo o debate travado no livro A Invenção do País Futebol (HELAL, LOVISOLO & SOARES,2007), creio que o uso da obra do jornalista carioca possa trazer proventos à análise.

<sup>23</sup> Partidas de futebol, em inglês.

<sup>24</sup> Op. cit.

campo, em forma de apoio e torcida. O compartilhar de espaços de religiosidade, estudo e festividades era ampliado aos campos de jogo, um dos objetivos era desfrutar de um entretenimento entre iguais, ou seja, membros da mesma condição social que desfrutavam das mesmas influências culturais.

Valores como a competitividade, o desejo pela vitória e pela prática futebolística de excelência, características buscadas por todo esportista, eram postas em perspectiva frente à inserção de jogadores indesejáveis ao grupo. As competição se maninham sob a preservação de determinados valores, vistos como norteadores e inerentes ao jogo por dirigentes de clubes e federações, atletas e sócios.

O amadorismo, a boa educação formal e a obrigatoriedade do trabalho não braçal serviam de justificativa para barrar uma vasta gama de atletas e clubes do circuito de competições organizado pelas federações. Conforme as representações que as elites paulistanas e cariocas faziam dos demais integrantes das cidades a lista dos indesejáveis ao convívio era vasta: trabalhadores braçais, afro-descendentes, pobres, imigrantes sem posses e boa parte das pessoas de famílias sem tradição no cenário local ou nacional. Sintomático o fato de que a imensa maioria da sociedade do período somasse uma ou mais dessas características, por isso diversos jogadores estavam alijados da prática do futebol de competição das federações em São Paulo e no Rio de Janeiro, e também dos campos decisórios da sociedade brasileira (PEREIRA, 2000).

O fato de existirem restrições aos grupos supracitados no futebol promovido pelas federações locais não pode nos fazer perder de vista as exceções que confirmam a regra no sistema de exclusão velada que afetava as classes populares.

Como o caso do Bangu, clube que disputou os campeonatos cariocas desde a primeira década do século XX com trabalhadores negros da linha de produção da Cia. Industrial do Brasil. O clube apadrinhado pelo Fluminense, nas palavras de Mario Filho (RODRIGUES FILHO, 2003), era necessário para calar os críticos e transparecer democracia à disputa. Situação diferente à ocorrida com o Corinthians no circuito paulistano, que após ser reconhecido na várzea por diversas conquistas, tem sua entrada no campeonato paulista negada por anos, até que em 1917 consegue integrar pela primeira vez o torneio, mesmo não tendo nenhum negro no time.

Seus jogadores não eram integrantes da elite, mas também não eram negros, um valor considerado favorável ao time do Bom Retiro no período<sup>25</sup>(STREAPCO, 2011).

Na contramão desse sistema hermético de reconhecimento e apoio entre iguais, o jogo começa a receber outro tipo de torcedor, o não-associado. Para ser mais exato, além de não-associado o vínculo desse torcedor com o seu clube, creio eu, não fizesse sentido lógico aos então jogadores e dirigentes dos times até aquele momento. Os sentidos do torcer por um clube, que sua simples existência o representa estavam em formação neste momento histórico do futebol (PEREIRA, 2000; HOLLANDA, 2009).

Os espaços voltados a esses novos torcedores aumentaram processualmente nos *grounds*<sup>26</sup> tanto do Velódromo em São Paulo como das Laranjeiras no Rio de Janeiro<sup>27</sup>. Apesar da ausência de qualquer conforto, sendo obrigados a assistirem os jogos em pé e apertados, esses novos agentes sociais do futebol estavam dispostos a se divertir, torcer e compartilhar esse espaço do jeito que fosse possível.

Um jogo do Fluminense contra o Corinthians, da Inglaterra<sup>28</sup>, que atraía para o estádio em 1910 uma pequena multidão, era exemplar sobre esse processo [ a formação de uma classe torcedora]. Sem conseguir entrar para assistir à partida, muitos dos interessados na disputa acabaram aceitando a proposta de Mano, o ainda pequeno filho de Coelho Neto – que morava então em frente ao campo: 1\$000, ele deu entrada para inúmeros torcedores em sua casa enquanto o pai dormia, tendo ainda cobrado a metade desse preço para aqueles que se dispusessem a assistir à partida de cima do galinheiro. A surpresa do literato, que ao acordar encontra um desconhecido negro subindo as escadas da sua casa, foi tão grande quanto o lucro do menino, que arrecadou 25\$000 com sua estripulia. Aproveitando-se da oportunidade, Mano percebia aquilo que em breve se tornaria constatação óbvia para os que acompanhavam o jogo: o crescente interesse de um público até então excluído do recinto dos estádios pelos jogos da liga. Embora alguns deles, como Chico Guanabara – um ‘capoeira destemido e respeitado’ que morava nas imediações do estádio do Fluminense – acabassem (por conta de sua torcida apaixonada) por ganhar a proteção dos seus sócios, na maior parte das vezes tratava-se de uma paixão

<sup>25</sup> Poucos jogadores negros conseguiram fazer parte do campeonato paulista naquele período, suas participações representavam exceção e especificidades, como El Tigre Friedereich. (STREAPCO,2011).

<sup>26</sup> Eram chamados de ‘*grounds*’ os campos de jogos das equipes, preferi manter o termo nativo, pois esses espaços guardam diferenças significativas dos estádios edificadas posteriormente.

<sup>27</sup> O *ground* do Velódromo, como diz o próprio nome, inicialmente fora pensado como um espaço para a prática e competição do ciclismo, sendo posteriormente remodelado à prática do futebol (STREAPCO,2011). Enquanto as Laranjeiras não tinham condição de abrigar um significativo contingente de torcedores. Sendo que o primeiro estádio carioca de grandes proporções foi o de São Januário (1927) e em São Paulo o Pacaembu (1940).

<sup>28</sup> Clube da cidade de Tolworth, nos arredores de Londres. Hoje conhecido como Corinthian-Casuals, após a fusão com a equipe do Casuals, em 1939. O time foi um dos bastiões do amadorismo inglês, negando-se a participar da transição vivida por vários clubes do amadorismo rumo à profissionalização. As regulares excursões da equipe por países onde o futebol ainda não tinha grande tradição fazia-os além dos defensores do amadorismo, uma missão civilizadora futebolística, já que nas primeiras décadas do futebol no Brasil tinha-se a vinda de clubes estrangeiros, principalmente os ingleses, como oportunidade para lições sobre o futebol.

absolutamente unilateral, não havendo relação direta entre torcedores e o clube para o qual dedicavam sua devoção. (PEREIRA, 2000)

Ao pensar a questão da precariedade do espaço legado à assistência popular nos jogos, alguns questionamentos e reflexões ganham sentido. Inicialmente, o fato de que os clubes não esperavam receber essa assistência em seus *fields*<sup>29</sup>, posteriormente já consciente desse afluxo de torcedores não se davam conta de sua vastidão. Deste modo, crê-se que se esse novo contingente de torcedores populares aceitava e ocupava os espaços que lhe era proporcionado, invadindo o campo só em caso de desavenças entre as equipes e sistema que reafirmava a existência já segregada entre os torcedores do mesmo time. O argumento de que torcedor existe apenas para torcer era remodelado e burlado com a maior intimidade que o torcedor da geral ganhou com o espetáculo futebolístico.

Esse processo histórico estimulou o torcedor popular, mal alojado nos estádios, à inventividade de práticas nos espaços que ocupa. Ao longo do século e com o passar das gerações de torcedores as práticas das arquibancadas também se remodelaram diversas vezes, afetadas inclusive pela massificação do público futebolístico no Brasil. Creio ser relevante pensar que a entrada desses novos atores sociais, as classes populares, tornou mais acirrado o embate sobre novas perspectivas do jogar e do torcer, reelaborando e incidindo sobre representações até certo ponto alicerçadas no ideário nacional, mais especificamente num *habitus* das classes médias e altas.

O *habitus* constitui um sistema de esquemas de percepção, de apreciação e de ação, quer dizer, um conjunto de conhecimentos prático adquiridos ao longo do tempo que nos permitem perceber, agir e evoluir com naturalidade num universo social dado. Constitui uma espécie de segunda natureza inconsciente, num sentido prático. Enquanto coletivo individualizado pela incorporação do social, ou indivíduo biológico coletivizado pela socialização, o *habitus* não é uma invariante antropológica, mas uma matriz geradora, historicamente construída, institucionalmente enraizada e socialmente variável. O *habitus* é um operador de racionalidade, mas de uma racionalidade prática, inerente a um sistema histórico de relações sociais; assim, transcende o indivíduo. O *habitus* é criador, inventivo, mas nos limites de suas estruturas. (BOURDIEU, 2002)

A escolha consciente e dedicada em apoiar uma equipe, que não manifestava nenhuma característica premente desses torcedores; o fato de serem relegados à condição torcedores de menor importância, afinal os atletas amadores jogavam com objetivos outros que agradar esta parcela da torcida; não eram fatores que freavam o aumento constante da torcida.

---

<sup>29</sup> Campo, em inglês.

Torcer por um clube de futebol é participar ativamente da vida social, construindo identidades que extrapolam o indivíduo, a casa e a família. Vivencia-se concretamente o pertencimento na rua, no estádio, em pleno domínio público. (DAMO, 2002: 12)

Sobre esse pertencimento clubístico em construção, que extrapola o espaço futebolístico de um modo geral, vale frisar que é uma dimensão construída e reafirmada nos diferentes espaços da sociedade, relacionados direta ou indiretamente ao futebol. Assim, qualquer espaço de interação é potencialmente local de exteriorização, cooptação, disputas e jocosidades entre os torcedores.

As torcidas dos grandes times, da década de 1910 em diante, não podiam mais passar imunes aos torcedores vindos das camadas populares, que se interessavam pelo futebol e escolhiam os times que desejavam apoiar. A conformação de uma multidão torcedora pode ser observada como uma novidade do período (PEREIRA, 2000), ainda mais se tratando da ocupação de um espaço privado que até então não era de livre circulação. O futebol se alimentou e foi estimulado pela conformação de grandes massas urbanas que se unem e se dissipam em momentos específicos. As comemorações nas principais avenidas, tanto dos triunfos dos clubes como da seleção são indicativos que não só as greves, as reivindicações da classe trabalhadora e o carnaval usavam do espaço público, mas também o futebol proporcionava essa ascendência sobre as multidões.

Assistência foi um termo muito comum usado pela imprensa esportiva até os anos 30, como pode ser constatado em *A Gazeta Esportiva*. Situação que definia o status de torcedores mais populares, que se contrapunham aos sócios, notabilizados por laços mais estreitos, mesmo de parentesco, com os integrantes dos clubes que se projetavam nos campos patrocinados pelos clubes mais elitizados. (TOLEDO, 2002: 223)

O conceito de comunidades imaginadas<sup>30</sup> desenvolvido por Benedict Anderson, como o conceito de clubismo pensado por Arlei Damo (2002, 2007) possam trazer importantes contribuições para a reflexão de como atrelaram as coletividades de torcedores, que fora o time predileto poucas características traziam em comum.

---

<sup>30</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo. Companhia das Letras. 2008. Consciente da especificidade do debate de identidade nacional e de que o conceito de comunidade imaginada tenha sido forjada por Anderson para este campo de debate, creio ser válida a utilização do conceito para a compreensão das torcidas pelas diversas aproximações que são possíveis fazer entre o conceito e as reflexões sobre as torcidas de futebol.

Assim, dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.

Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. Era a essa imagem que [Ernest] Renan se referia quando escreveu, com seu jeito levemente irônico: ‘ Ora, a essência de uma nação consiste em que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas. (ANDERSON, 2008).

O argumento de Anderson pensado na esfera futebolística, relativa à conformação dos clubes, nos dá indicativo dessa comunidade de sentimento e proximidade forjada pela adesão à mesma equipe como um sentido em si próprio, mas não destituído de importância. A comunidade imaginada propiciada pelo torcer forja um conjunto de características que constroem sob diferentes níveis seus adeptos, a diferença dessa adesão em relação aos Estados é de que referente aos clubes a escolha é voluntária, um pertencimento escolhido numa vasta comunidade que se expandem do municipal para o nacional e em alguns casos de maior expressão global.

O clubismo, categoria pensada por Damo<sup>31</sup>, pode ser uma das pistas para pensarmos o que levava esses torcedores a estabelecerem vínculos com essas equipes. Se por um lado os clubes não representavam os torcedores sob as mesmas características de classe, cor, localidade da cidade, pois o futebol jogado na maioria desses clubes era um divertimento com claro recorte classista e objetivo exclusivista privilegiando as classes mais abastadas das cidades, por outro lado passaram a representar, dada a condição de identidade e representatividade forjada por esses novos torcedores, sob a expansão de uma comunidade fechada entre indivíduos de uma trajetória de vida semelhante para uma comunidade imaginada forjada sob novos paradigmas.

O vínculo clubístico que serve de mola propulsora ao futebol como espetáculo não se caracteriza por uma adesão aleatória. O vínculo *ad infinitum* é fundamental para que o clubismo funcione plenamente, mas isso só é possível de ser entendido tomando-se o clubismo em perspectiva semiológica. Isto implica pensar que é o sistema de pertenças que sugere, e até mesmo constrange, determinadas atitudes. Se você ama o Inter, dirá o sistema, você não apenas o ama acima de todos os outros clubes senão que odeia o Grêmio. (DAMO, 2007)

O sistema de pertenças, citado por Damo, não pode ser considerado algo ontológico ao jogo, mas constituído socialmente por tramas de adesões, exclusões e criações de rivalidades no ambiente futebolístico. O fato de serem tramas forjadas sob uma relativa autonomia do meio

---

<sup>31</sup> (DAMO, 2002, 2007)

futebolístico, não extingue sua força, mas influencia nesse ambiente as representações que os indivíduos fazem de si próprios e do coletivo o qual fazem parte, a torcida. A leitura de uma realidade futebolística e a atuação social dos indivíduos, ao se tratar do futebol, é em grande parte pautada nesse sistema que reafirma tradições, mas também vive de constantes mudanças.

O pertencimento clubístico e o fato dos indivíduos estarem inseridos numa ampla comunidade imaginada de seus clubes influi também no capital social amealhado pelos torcedores ao longo da vida. O conceito de capital, proveniente da tradição marxista, foi apropriado e expandido por Pierre Bourdieu para analisar as relações entre os indivíduos ao acumular riquezas e relações privilegiadas não necessariamente econômicas e as formas como essas relações do âmbito cultural, social, educacional, dentre outros são responsáveis por desigualdades nas sociedades modernas. O lugar e a evolução de cada indivíduo no espaço social relacionam-se, simultaneamente, ao volume global de capital que ele detém; à repartição desse capital entre capital econômico, social e cultural; à evolução, no tempo, dessas propriedades e das estratégias de reconversão desenvolvidas. Essas diferentes espécies de capital funcionam como fichas o jogo social de que ele participa. Em função de sua posição no jogo, de sua força relativa, ele desenvolve estratégias que lhe permitem manter ou galgar novas posições (BOURDIEU, 2002).

O fato do Fluminense ser um time de ricos, considerado mais educado e melhor entendedor do espírito esportivo que seus adversários, acumulando ainda o rótulo de equipe vencedora faz, conforme as palavras de Mario Filho, com que até os valentões<sup>32</sup> e os trabalhadores de baixa remuneração que torcem pelo tricolor carioca atribuam a si próprios essas características (RODRIGUES FILHO, 2003). Esses torcedores continuavam entre os extratos mais pobres da população carioca, porém as representações que faziam de si próprios não tinham só relação com os seus proventos individuais, mas também à trajetória de status da sua equipe. Desta forma, creio que o conceito de forma-representação utilizado por Toledo (TOLEDO, 2002) seja de extrema importância para analisar a postura desses torcedores a partir da sua relação com o clube, como estes torcedores faziam representações de si próprios, das suas torcidas e da sua

---

<sup>32</sup> O termo valentão era utilizado no início do século XX para fazer referência a jovens e jovens-adultos que moravam nas periferias da cidade e pela coerção física e intimidação buscavam respeito e sobrevivência nos ambientes urbanos. A ausência de qualquer respeito aos mais ricos, idosos etc. e o fanatismo pela defesa da honra dos times causava receio em relação aos estragos que os valentões poderiam causar. No entanto, afirma Mario Filho, cada clube e suas respectivas diretorias guardavam e buscavam controlar muito bem seus valentões caso o jogo exigisse algum de seus préstimos.

equipe de apreço que não são nem puramente a forma como se apresenta a equipe para a sociedade e nem como sua torcida se estrutura, mas um forjar de uma terceira representação, criada individualmente por cada torcedor e coletivamente pela torcida.

Um mulato, um preto podia torcer pelo Fluminense. Havia lugar, na geral para o mulato, o preto. E para o branco pobre. Mas o branco pobre, o mulato, o preto, que torciam pelo Fluminense, procuravam ‘ser’ Fluminense, distinguindo-se dos torcedores dos outros clubes, caprichando no modo de trajar, vestindo a roupa dos domingos. (RODRIGUES FILHO, 2003)

Contudo, para não haver confusão entre os sócios ocupantes das arquibancadas e os demais torcedores havia um símbolo de status facilmente identificável nas arquibancadas<sup>33</sup>: a fitinha no chapéu (RODRIGUES FILHO, 2003). Todo sócio que se interessava pelas partidas de futebol de seu clube encomendava uma pequena fita decorativa com as cores da equipe, trazida da Europa, sinal de importância social e financeira, para mostrar que não era apenas mais um dentre a multidão de torcedores, desprovido de procedência dentro do clube. Aumentava a torcida, mas não se podia perder de perspectiva quem realmente era importante para o time, era o que pensavam os sócios, razão máxima da existência desses clubes no período.

O elemento de diferenciação dentro do coletivo de torcedores – a fitinha no chapéu – tinha um papel bem definido e seu símbolo rapidamente fazia sentido a todos os outros torcedores. Um dos significados que transpareciam pelo porte da fitinha era de que se acentuava, aos poucos, duas modalidades de atuação e pertencimento dentro dessas agremiações esportivas: de um lado a político-administrativa institucional onde a participação era controlada pela necessidade de ser associado ao clube, ter status e boas ligações dentro desse núcleo e de outro um contingente em crescimento que poderia envolver exclusivamente o apoio aos times nos locais de jogos e nas comemorações nos espaços públicos<sup>34</sup>, esse grupo sem possibilidade ou status para participar do grupo da fitinha no chapéu, portanto com menos direitos.

<sup>33</sup> Arquibancadas eram as áreas destinadas aos sócios dos clubes em seus domínios ou mando de jogo; enquanto a geral era voltada aos demais torcedores, os de baixo poder aquisitivo e a torcida adversária.

<sup>34</sup> Muito próximo ao caso inglês, relatado por Murphy, Williams e Dunning em *O futebol no banco dos réus* (MURPHY, WILLIAMS & DUNNING, 1994) quando os até então amadores, membros de um elite econômica e intelectual, vão aos poucos abandonando as competições com a entrada primeiro de um profissionalismo embrionário e ainda às escondidas e depois a instituição de salários aos atletas e o profissionalismo de fato. Contudo, esses ex-atletas da fase amadora serão os posteriores dirigentes do primeiro período do profissionalismo inglês. Ou seja, o comando do time ainda era mantido por uma elite dentro dos clubes que, pode ser considerada advinda de uma elite econômica inglesa.

Sob a lógica de marcar a diferença, entre quem realmente eram os donos dos clubes e quem fazia parte de uma multidão de apoiadores cujos vínculos eram acentuados como menores, o exemplo das primeiras décadas do século XX é válido no questionamento de sofismas e lugares comuns que permeiam a fala futebolística.

O argumento de que o futebol de competição no Brasil proporciona a sensação, mesmo que provisória de comunhão - espaço em que as questões de classe, gênero e etnicidade eram suprimidas em prol do clubismo - se mostra questionável desde o início do século passado. O estabelecimento de diferentes espaços e direitos nos *grounds*<sup>35</sup>, e posteriormente estádios, fazem com que essa pretensa democracia da bola<sup>36</sup> seja revista sob uma ótica menos conciliadora.

As diferenças encontradas em outros espaços, numa sociedade que abolira a escravidão em 1888, a menos de meio século, eram sob muitos aspectos os mesmos encontrados na esfera futebolística. O sistema amador que servia de entrave à entrada maciça de jogadores negros, periféricos e pobres em diversos clubes não conseguiu deter a assistência interessada no jogo, mas rapidamente chegou-se a um estatuto e meio de atuação que esclareciam ou atualizavam a diferença nesses espaços entre os donos do poder na esfera futebolística e o restante da torcida. Desta forma, além de torcedores, os sócios influentes dos clubes perceberam que seu poder era bastante significativo dentro da nova correlação de forças que se formava no futebol. O fato de somente os sócios serem ocupantes dos quadros burocráticos dos clubes, espaços de planejamento e tomada de decisão sobre o futuro do futebol jogado em campo não lhes tiraria o lugar de primazia, o comando estava assegurado, fosse a assistência e o recrutamento de atletas popularizados ou não (RODRIGUES FILHO, 2003; PEREIRA, 2000). Essa situação é nomeada por Dunning, Murphy e Williams (MURPHY, WILLIAMS & DUNNING, 1994) como democratização funcional no caso inglês, situação que também aconteceu no Brasil, em cada um dos países com suas especificidades. Mas sempre com uma elite dirigente formada por elementos egressos do amadorismo, alçados aos cargos de direção e distanciados da prática com o aumento da competitividade, massificação da assistência e, por fim, a profissionalização dos atletas.

O sururu levava o branco pobre, o mulato, o preto para o campo. Não os levava, porém para a arquibancada. A grade da arquibancada baixa, como a da geral, feita de madeira e

<sup>35</sup> Propriedade, em inglês, mas correntemente usado no início do século no Brasil para definir o campo ou estádio dos clubes.

<sup>36</sup> DaMatta, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. (In.) DaMatta e outros. Universo do futebol: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro. Pinakotheke. 1982.

arame, continuava separando, do mesmo jeito, que era 'fluminense' de quem era 'do Fluminense'. Quem era 'fluminense' de fora, quem era 'do Fluminense' de dentro.(RODRIGUES FILHO, 2003)

O fato de pagar ingressos, prática já existente na década de 1900 no Brasil, não trazia nenhum direito além da ocupação de um espaço em pé às margens do campo (RODRIGUES FILHO, 2003; PEREIRA, 2004). A mensagem que parecia querer ser dita a esses novos torcedores era, a atuação de vocês é restrita ao apoio na arquibancada, e nada mais. Contudo, o controle sobre a participação desses torcedores fugia do domínio das esferas burocráticas dos clubes; pois o torcer, essa atuação em constante transformação se fazia de novidades diárias e de novos direitos conquistados e mantidos por tradições incipientes.

Fenômenos como o mecenato, a cobrança da torcida por resultados, controvérsias sobre o que se deve exigir de um jogador eram situações que, ao contrário do que possa parecer, não estavam totalmente desvinculadas à dimensão amadora do futebol até a década de 1930. O torcedor sentia-se no direito de cobrar por uma atuação digna do seu time, a procura por reforços que propiciassem melhores performances, a manutenção de um pretense modo de atuar característico das equipes e mesmo a manutenção de determinadas tradições que forjavam a identidade dos clubes e, por conseguinte, dos torcedores.

O campeonato sul-americano de seleções, sediado no Rio de Janeiro em 1919, poderia ser considerado o marco inicial da espetacularização do futebol brasileiro<sup>37</sup>. Entretanto, o futebol de clubes, vinculados às federações estaduais, já tivessem levado o esporte a esse patamar anteriormente, dadas todas as tensões que permeavam as partidas (RODRIGUES FILHO, 2003; PEREIRA, 2000), o valor dado às vitórias e a ocupação dos *grounds* tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro.

Sob pena de aparentar um paradoxo, já que afirmei que a competição no período amador do futebol no Brasil seguia determinações que sob o auspício da manutenção de um pretense purismo da prática esportiva escondiam um recorte de discriminação racial<sup>38</sup> e de classe<sup>39</sup>.

<sup>37</sup> A inexistência de um marco inicial específico dá-se pela forma processual e específica com que a espetacularização acontece no futebol brasileiro, sendo esse fenômeno precedente à profissionalização de jogadores e ao estabelecimento de um campeonato de alcance nacional.

<sup>38</sup> TONINI, Marcel Diego. Além dos gramados: história oral de negros no futebol brasileiro (1970-2010). Tese de mestrado defendida junto ao Departamento de História da FFLCH-USP. 2010.

<sup>39</sup> Os exemplos que se desviam desse sistema, nada mais fazem que reafirmar sua validade, já que são pontuais e mostram como se instrumentalizava os grupos mais carentes, única e exclusivamente em prol da performance esportiva, não negando aqui que esses egressos das classes populares não lograssem dividendos nesta relação.

Tanto a questão do status a partir de uma diferenciação entre torcedores, fundamentando a divisão entre sócios e torcedores, além da popularização do futebol no Brasil são acontecimentos que estiveram presentes no esporte ao longo de todo o século XX, influenciando e sofrendo influências da sociedade do período. Não são fenômenos estáticos no tempo nem circunscritos espacialmente, e encontraram sua conformação inicial nas grandes capitais do país. Pensar a genealogia desses fenômenos do futebol nos serve para pensar como determinadas tradições conservadoras nortearão as histórias dos clubes.

## **2.2 A COMPOSTURA PERDIDA... OS NOVOS TORCEDORES E SEUS EXÓTICOS MODOS**

Simultaneamente aos fenômenos supracitados, mas de difícil percepção, pode ser identificada uma normativa relacionada ao torcer que vai permear a conduta dos torcedores desde os primeiros momentos da popularização do futebol no país até o presente momento. Se refletirmos a partir da teoria eliseana a excitação provocada pela partida, o descontrole controlado e, mesmo a perda do auto-controle que caracteriza uma conduta não-civilizada (MURPHY, WILLIAMS & DUNNING, 1994 e ELIAS & DUNNING, 1992) podem ser apreendidas no início do século XX.

A implementação no espaço do futebol de um ideário legalista e de objetivo ordeiro creio ter sido um dos mecanismos de contenção de um pânico moral<sup>40</sup> que se alimentava da presença cada vez mais ostensiva das classes populares nos ambientes públicos. Frente ao poder de ameaça representado pelas multidões, mesmo que em momentos de diversão, a necessidade de se transmitir valores e condutas era uma demanda de grande interesse às altas classes e aos governantes.

Toledo (2002) afirma que as denúncias de violências e transgressões no ambiente esportivo ganham corpo com a entrada dos elementos populares no esporte, pois estes eram taxados pela crônica da época como indivíduos desprovidos de educação esportiva. Contudo,

---

<sup>40</sup> Conceito utilizado por Dunning, Williams e Murphy para abordar o medo disseminado na sociedade inglesa relativa à violência e às classes populares. No pânico moral as classes populares emergem como grupo pretensamente responsável pelo aumento dos fluxos de violência, juízo esse que não encontra base teórica ou mesmo índices para sua afirmação. Ao pensar o futebol inglês os autores atribuem a dirigentes, políticos, e principalmente, aos jornais a irresponsabilidade do discurso de que vivemos na época mais violenta e perigosa da história da humanidade e neste caso, da relação entre jogadores dentro dos gramados e dos torcedores entre si, fato que corrobora com o afastamento dos torcedores dos campos de futebol.

esses mesmos cronistas, que denunciavam as atitudes das classes populares, negavam-se a noticiar os corriqueiros embates entre sócios e jogadores do período amadorístico, que buscavam igualmente toda uma ordem de ganhos a partir da violência e das discussões. Corroborando com o argumento de Toledo, existe um argumento classista de que os tumultos, sejam eles no futebol ou não, eram protagonizados pelas classes populares e seus motivos residiam na falta de educação do povo. Por esse déficit, os valores de uma conduta torcedora deveriam ser apresentados a esses recém-iniciados na prática de apoiar seu time, mesmo que esses pretensos mestres não tivessem a conduta irretocável que buscavam aparentar, protagonizando a própria elite situações que causariam constrangimento a um público tão ordeiro como o que se esperava formar.

Patrick Mignon<sup>41</sup>, ao refletir sobre a violência entre os torcedores na França, argumenta que o embate entre dois grupos ou pessoas só pode ser reconhecido como violência factualmente, quando encontra chancela de um observador, aquele que fará o relato. Para elucidar esse argumento Mignon usa a figura de um triângulo, em que A e B são agentes ativos e C o observador que atribui juízo e classifica os fatos que observa. Esse argumento, se historicizado, é importante para refletir as relações violentas entre torcedores, a ação policial, a visão da imprensa e do público sobre o assunto, nas primeiras décadas do século XX.

A partir disso, vejo a necessidade de refletir sobre quem são os torcedores, divido-os em dois grupos. Os primeiros responsáveis pelos eventos noticiados como meros mal-entendidos ou discussões e aqueles taxados como violentos, exemplos negativos da conduta torcedora, bem como quem eram esses observadores que são as fontes primárias dos estudos sobre o futebol brasileiro das primeiras décadas do século XX.

Analiso que os distúrbios e o pânico moral posterior, são noticiados reafirmando a questão da classe social e da etnicidade dos envolvidos. Os distúrbios e a violência são pertencentes aos elementos populares, bem como a malandragem e as estratégias para burlar a lei nos espaços do futebol. Enquanto ao torcedor branco e das elites locais, o sócio dos clubes, os entreveros eram meros desentendimentos, muitas vezes narrados com jocosidade e que encontram menor expressão.

Contudo, somada à questão étnica e de classe, a questão do momento histórico deve ser ressaltado. As notícias e o modo como elas são transmitidas e a aparente pouca preocupação que

---

<sup>41</sup> Em palestra proferida no II Simpósio Internacional sobre Hooliganismo e Copa do Mundo de 2014.

os fatos violentos geravam advém do reconhecimento de que as essas relações eram um problema periférico à dinâmica das cidades e do próprio futebol.

A criação dessa normativa do torcer pode ser observada como um processo cego, conceito utilizado por Norbert Elias (1994), no qual agentes como os jornais, a direção dos clubes, a polícia e os próprios torcedores constituem, sem negar que alguns desses grupos exerçam mais poder do que outros, o debate sobre o que é realmente torcer por algum time e que tipo de condutas e normas isso sugere. Longe de afirmar que essa normativa seja adotada por todos os torcedores e consiga pautar as suas atuações, seus conceitos servem de parâmetro histórico do que é cobrado como um comportamento concernente à assistência em determinados momentos históricos. Mesmo não se tratando, na maior parte do tempo, de uma coerção física ou material, não podemos duvidar da importância de tal discurso.

O discurso sobre o bom torcedor creio que possa ser interpretado como algo internalizado no indivíduo, pela repetição em diversos espaços de educação formal, não-formal e pela convivência nos espaços do futebol de alto rendimento. Assim, o processo de internalização de uma conduta de paz entre os torcedores, é inclusive atrelada à aceitação dos problemas estruturais do futebol brasileiro. Apesar de não podermos afirmar, nem sequer supor, que essa internalização de fato ocorra com todos os indivíduos e seja igual em todos os momentos históricos.

Algumas análises, feitas pela crônica esportiva a *posteriori* (RODRIGUES FILHO, 2003; RODRIGUES, 1994; SALDANHA, 1996), sobre os eventos do período buscam romantizar a época no que tange à questão da violência. Mesmo que tenhamos de concordar que a primeira notícia de morte relacionada à violência entre os envolvidos no espetáculo futebolístico seja da década de 1940<sup>42</sup>, o futebol até esse período não pode ser considerado um espaço de paz absoluta e conagração de torcidas.

As rivalidades, já existentes entre as torcidas, as invasões de campo e outros incidentes são narrados eufemisticamente por Mario Filho em seu clássico *O negro no futebol brasileiro* (2003). Mais do que uma relativização da violência ou a busca de um estilo de escrita creio que seus objetivos fossem a criação de um passado idílico do futebol e da sociedade carioca.

Na construção de um espetáculo futebolístico ideal, o jornalista e escritor carioca, como os jornais da época, fortemente pautados pelas modificações implementadas por seu pionerismo

---

<sup>42</sup> Notícia veiculada em *A Gazeta Esportiva* do dia 20/09/1943 (In.) SILVA, Elisabeth Murillo. *As “torcidas organizadas de futebol”*: violência e espetáculo nos estádios. São Paulo. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP. 1996.

nos cadernos de esportes<sup>43</sup>, davam a qualquer desavença os nomes genéricos de ‘sururus’, ‘charivaris’ e ‘comportamento de várzea’. Sob essas denominações estavam inclusos o lançamento de bombas ‘cabeça de nêgo’, ataques aos torcedores adversários com remos, perseguição de torcedores a jogadores adversários e juízes, além da imposição de cárcere privado aos árbitros, apedrejamento de trens, dentre outros expedientes que possivelmente não teremos acesso, pois foram suprimidos em suas especificidades sob designações genéricas.

Ao adotar a forma de ensaio para escrever *O Negro no futebol brasileiro*, Mario Rodrigues Filho não inclui dentre as suas preocupações as datas de diversos acontecimentos, privilegiando a citação das datas de fatos que irão auxiliá-lo a construir a história da inserção do negro no futebol do Brasil. Essa escolha dificulta a averiguação dos atos de violência por ele citados em outras fontes, pois notadamente os jornais fluminenses poderiam trazer análises e mesmo explicações mais aprofundadas, além de uma versão não necessariamente concernente à do autor carioca.

Conforme Bourdieu (1983:89), “para que o campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc.”.

Segundo ele, uma sociedade diferenciada não forma uma totalidade única, integrada por funções sistemáticas, uma cultura comum, conflitos entrecruzados ou uma autoridade global, mas consiste em um conjunto de espaços de jogos relativamente autônomos que não podem ser remetidos a uma lógica social única. Cada um desses espaços constitui um campo – econômico, político, cultural, científico, jornalístico etc. -, ou seja, um sistema estruturado de forças objetivas, uma configuração relacional que, à maneira de um campo magnético, é dotado de uma gravidade específica, capaz de impor sua lógica a todos os agentes que nele penetram. Assim, nenhuma ação (ou produto) – seja um enunciado, uma criação estética ou tomada de posição política – pode ser diretamente relacionada à posição social de seus autores, pois esta é sempre retraduzida em função das regras específicas do campo no interior do qual foi construída. Como um prisma, todo campo refrata as forças externas, em função de sua estrutura interna.

Nos diferentes campos, existe uma correspondência entre as divisões objetivas do mundo social – notadamente entre dominantes e dominados – e os princípios de visão e divisão que os agentes lhes aplicam. As divisões sociais e os esquemas mentais são

---

<sup>43</sup> Sobre a história e o pinonerismo de Mario Filho nos cadernos esportivos jornalístico SILVA, Marcelino Rodrigues. Mil e uma noites de futebol – O Brasil moderno de Mario Filho. Belo Horizonte. UFMG. 2006.

estruturalmente homólogos, pois são geneticamente ligados. A exposição repetida às condições sociais definidas imprime nos indivíduos um conjunto de disposições duráveis e transferíveis, que são a interiorização da realidade externa, das pressões de seu meio social inscritas no organismo. E chegamos, assim, a outro conceito fundamental para Bourdieu – o de *habitus* – que, conjuntamente com o de *campo*, constitui, por assim dizer, a espinha dorsal de sua teoria. Os conceitos de *habitus* e *campo* são relacionais, no sentido de que só podem funcionar um em relação ao outro. (BOURDIEU, 2002)

A partir da conceituação de Bourdieu, podemos falar tanto de um campo esportivo como de seu respectivo *habitus* já nas primeiras décadas do século XX no Brasil. Indo mais além, argumento na existência de um campo futebolístico e seu *habitus* que faz parte do modo de vida de todos os envolvidos de maneira interessada no futebol, os praticantes, os torcedores e aqueles que desenvolvem trabalhos relacionados ao esporte.

Se por um lado a estrutura que concerne ao campo está definida a importância do argumento se dá a partir da conceituação das relações de força existentes neste espaço do campo futebolístico. Aí que o campo esportivo encontra fecundidade como argumento explicativo de uma dinâmica de tensionamentos que perduram e tomam formas diversificadas ao longo do século XX.

“Aqueles que, num estado determinado de relação de força, monopolizam (mais ou menos completamente) o capital específico, fundamento do poder e da autoridade específica característica de um campo, tendem a estratégias de conservação – aquelas que nos campos da produção de bens culturais tendem à defesa da ortodoxia –, enquanto os que possuem menos capital (que frequentemente são também os recém-chegados e portanto, na maioria das vezes, os mais jovens) tendem à estratégias de subversão – as da heresia” (BOURDIEU, 1983:90)

Enquanto os sócios dos clubes de elite concentravam os fundamentos do poder e da autoridade específica do campo, às classes populares restavam apenas as tentativas de heresia, de ruptura da ordem existente, seja como atletas e principalmente como torcedores. A aceitação e a luta contra “o discurso defensivo da ortodoxia, pensamento ‘direito’ e de direita, visando a restaurar o equivalente da adesão silenciosa da doxa” (BOURDIEU, 1983) foram processos recorrentes da experiência torcedora no Brasil, aqui também definida como normativa do saber torcedor.

### **2.3. Torcidas Uniformizadas, Charanga e Torcidas Organizadas, novos paradigmas torcedores no futebol profissionalizado**

A eleição de um comportamento ideal, de um modo adequado de se torcer e apoiar as equipes reaparece de modo marcante na década de 1940 nas torcidas uniformizadas em São Paulo (TOLEDO, 1996, 2002) e na emblemática Charanga Rubro-Negra no Rio de Janeiro (HOLLANDA, 2009). Organizações distintas, mas próximas temporalmente, ambas recebiam felicitações vindas dos demais agentes do futebol, pois suas atuações eram classificadas de pacíficas, organizadas e estetizantes no ato de torcer (SILVA, 1996).

A TUSP, torcida uniformizada do São Paulo, inicia suas atividades em 1940, sob um forte vínculo com a diretoria do São Paulo Futebol Clube, tanto que seu primeiro coordenador foi Manoel Porfírio Paz, vice-presidente são-paulino no período e também tenente da polícia militar. A idéia era que os integrantes da TUSP pudessem todos comparecer aos jogos com um mesmo uniforme, daí o nome torcida uniformizada, que nada mais era que calçados, bermudas e camisetas de cores combinadas com antecedência, no caso do São Paulo as cores predominantes do arranjo eram o branco e o vermelho (TOLEDO, 1996 e SILVA, 1996).

Em São Paulo, a primeira notícia que se tem sobre agrupamentos de torcedores organizados ou uniformizados data do fim dos anos 30 e começo dos anos 40. Em 1940, Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natel fundam a Torcida Uniformizada do São Paulo, considerada por muitos a mais antiga do Brasil, inspirada e originada no Grêmio São-Paulino, fundado em 1939 por Manoel Raymundo Paes de Almeida. (TOLEDO, 1996)

A participação na TUSP não era exclusiva aos sócios do São Paulo Futebol Clube, apesar desses serem a maioria, contava com anúncios divulgados na imprensa, com direito a reuniões, ensaios e um espaço delimitado no estádio. A organização de caravanas também era outro fator de atração para quem procurava à torcida.

A idéia bem sucedida no São Paulo foi adotada por seus rivais da cidade, caso de Corinthians, Palmeiras e Portuguesa, sob os mesmos moldes. Além dos métodos de arregimentação de adeptos, vestimentas e outras características organizativas, essas torcidas uniformizadas tinham em comum o fato de manter entre os diretores das torcidas membros do alto escalão administrativo dos clubes, alguns desses, que no âmbito profissional, trabalhavam nos órgãos de segurança do Estado.

Contudo, apesar do discurso de que as torcidas uniformizadas trariam a festa aos estádios, novos gritos, cantos e músicas, além de reafirmar as cores características dos clubes<sup>44</sup>, são fortes os indícios de que tal atuação trazia descontentamento entre alguns outros torcedores.

As vantagens propiciadas aos participantes das torcidas uniformizadas eram ir aos jogos em transporte exclusivo, esse valor era custeado pelos próprios torcedores; o espaço previamente separado para estes torcedores na arquibancada e as vestimentas diferenciadas parecem que, ao mesmo tempo que atraiu a simpatia da mídia, de dirigentes e da polícia, também quebravam um pretenso código de igualdade entre os torcedores ocupantes das arquibancadas. São várias as notícias dizendo dos ataques, arremessos de objetos e outras atitudes violentas protagonizadas por torcedores dos mesmos clubes contra as torcidas uniformizadas.

A atitude dos torcedores que viam uma injustiça nas pretensas vantagens dos torcedores uniformizados, acredito que, não tinham como objetivo a luta por direitos iguais entre os torcedores como um todo, já que a partir de 1940, com o estádio do Pacaembu<sup>45</sup>, e anteriormente no Parque Antártica<sup>46</sup>, a divisão de lugares por valor de ingressos e consequentemente por classe e status social fosse uma realidade já duradoura que não encontrou críticas sistemáticas e organizadas. A divisão sistemática, baseada em classe, forma de adesão e valor dos ingressos remonta às primeiras décadas do futebol nacional.

Apesar do apoio de dirigentes, policiais e das notícias elogiosas da mídia, as torcidas uniformizadas não contaram com uma maciça adesão dos torcedores, a maior delas não ultrapassava os trezentos participantes. Assim, o modelo de torcedor proposto pela conduta das torcidas uniformizadas mostrou-se limitado em sua representatividade e ainda mal visto pelos seus colegas de arquibancada que ao pagar pelos ingressos alegavam ter o direito de sentarem-se aonde bem entendessem (TOLEDO, 1996, 2002).

---

<sup>44</sup> Lembrando que na década de 1940 não existia a disponibilidade de camisas de clubes em lojas do ramo como é comum encontrarmos atualmente.

<sup>45</sup> Estádio municipal de São Paulo, fundado em 1940, batizado posteriormente de Paulo Machado de Carvalho, recebia inicialmente todas as grandes equipes da cidade, por ser o estádio com maior capacidade de público em São Paulo, chegando a receber mais de 70.000 pessoas, em 1942. Com o passar do tempo o São Paulo construiu o Morumbi, seu estádio, e o Palmeiras passou a usar sistematicamente o Palestra Itália, ficando para o Corinthians e esporadicamente o Santos o principal uso do estádio.

<sup>46</sup> Também conhecido como Parque Antártica, por ser o antigo pátio da Cervejaria Antártica, foi fundado em 1933. O estádio palmeirense eram o maior e a melhor possibilidade de estádio da cidade até a fundação do Pacaembu sete anos depois, tanto que equipes como Corinthians e São Paulo chegaram a mandar alguns jogar no Parque Antártica. (STREAPCO, 2011)

O estereótipo do torcedor ordeiro, mas animado; cidadão respeitador dos seus deveres cívicos e disposto a se organizar coletivamente de forma proveitosa e honesta dialoga intimamente com a representação de cidadania forjada pelo governo do Estado Novo.

Aliás, muitos creditavam às torcidas uniformizadas um papel dirigente, capaz de integrar, regular e até mesmo manter a ordem na assistência nos espetáculos esportivos. Essas torcidas nasceram inspiradas e bastante delineadas pelas fortes motivações ideológicas da época, cuja sensibilidade política estava alicerçada e difundida em torno das idéias de raça, ordem e sobretudo, juventude. (TOLEDO, 2002: 227)

A representação de um homem de respeito, trabalhador, preferencialmente pai de família, que buscava seu divertimento sadio nos esportes e no seio dos sindicatos apoiados pelo governo parece ter servido de base para o parâmetro de bom torcedor. A questão da manutenção da ordem, do respeito às instituições e o discurso do fim da malandragem<sup>47</sup> foram adequados ao comportamento dos torcedores.

Numa sociedade em que trabalhadores e patrões deveriam se entender por meio de sindicatos, sem a necessidade de greves; em que o governo federal via-se como o árbitro das tensões sociais, legislando com o objetivo de resolver demandas e contentar a todos, o futebol não poderia divergir desse momento de paz social. A idéia do estádio como espaço de lazer, diversão e conagração retoma força nos discursos dos meios noticiosos.

(...) nesse período dos anos 40 e 50 os conflitos entre torcedores aparentemente resumem-se a brigas e agressões, na maioria das vezes motivadas pelas preferências clubísticas ou mesmo pela atuação do juiz que favorece um time ao outro. O que não equivale dizer que cenas mais violentas não acontecessem. (SILVA, 1996)

As torcidas uniformizadas ofereciam um ambiente de socialização entre os torcedores por proporcionarem a partir dos clubes, espaços até então inexistentes por se constituírem fora da rotina dos jogos, mas em prol de uma organização para as partidas. O ambiente de vivência do futebol ganhou mais um espaço específico de existir e a preparação para os jogos também passaram a contar com um espaço criativo e um ambiente de planejamento regular. O intuito aqui não é negar a existência anterior de performances de torcedores que aliassem sonoridade de instrumentos de percussão, músicas e gritos de guerra, além de manifestações que ressaltassem as

---

<sup>47</sup> Mais marcante no caso carioca, principalmente na produção de sambas durante o período do Estado Novo. Para mais sobre a política do Estado Novo e o combate à malandragem ver: OLIVEN, Ruben George. Violência e cultura no Brasil. Petrópolis. Editora Vozes. 1983.

cores das equipes, mas as Torcidas Uniformizadas, as Charangas e as Torcidas Organizadas cariocas elevaram essa manifestação a outro nível de recorrência, planejamento e esmero.

O intuito das torcidas uniformizadas desde o seu nascimento era promover ou fortificar uma educação torcedora, nos moldes que a polícia da época e o governo do Estado Novo entendiam como cidadania. Essas torcidas eram saudadas pelos órgãos da mídia sob um viés pacificador, em que a atuação das torcidas uniformizadas nunca estava vinculada aos surrus recorrentes na época (TOLEDO, 1996, 2002). Ou seja, instilando um valor simbólico maior a uma identidade de pertencimento já existente, esses torcedores uniformizados seriam uma espécie entre o sócio e o torcedor de arquibancada, pelo menos nas apreciações feitas em sua época.

No Rio Janeiro<sup>48</sup>, as torcidas organizadas dividiam espaço com outros modos de organização coletiva torcedora. A mais emblemática delas foi a Charanga Rubro-Negra<sup>49</sup> comandada por Jaime de Carvalho.

O modelo de Charanga incluía a banda de música, o apoio ao Flamengo, e posteriormente à Seleção Brasileira, e a livre adesão aos torcedores flamenguistas, sendo marco na torcida rubro-negra durante quase três décadas.

O fato do termo torcida organizada já ser usado no Rio de Janeiro no final da década de 1940, mais especificamente em 1939 com a fundação da Torcida Organizada do Fluminense, a TOF, não pode trazer consigo equívocos teóricos.

Tanto a Charanga Rubro-Negra como as várias Torcidas Organizadas cariocas que foram criadas entre o final dos anos 1930 até a década de 1950 contaram com métodos organizativos diferentes das torcidas organizadas que foram criadas a partir do final dos anos de 1960 em diante, predominantemente em São Paulo.

As organizações que começaram a habitar o Rio de Janeiro a partir de 1939 eram movimentos de torcedores que se reuniam para eventos de apoio às suas respectivas equipes. O fato de carecerem de espaço físico para os aprontos para a festividade das próximas partidas ou como ponto de partida para a caravana de torcedores fazia da sede dos clubes um espaço cedido e

---

<sup>48</sup> A fundação da Torcida Organizada do Fluminense seria sucedida pela criação de diversas outras agremiações similares para o apoio de outros clubes cariocas: a Torcida Organizada do Vasco (TOV), em 1944; a Torcida Organizada do Bangu, de 1952 e a Torcida Organizada do Botafogo, fundada em 1957. (HOLLANDA:2009)

<sup>49</sup> A Charanga Flamengo, também conhecida como Charanga rubro-negra, foi criada em 1942, sob os esforços de Jaime de Carvalho, funcionário público no Rio de Janeiro (HOLLANDA:2010). A palavra Charanga, conforme o dicionário mini-Aurélio, significa pequena banda.

A presença de instrumentos de sopro pode ser apontado como um diferencial das torcidas do seu tempo e das posteriores. Contudo a desafinação inicial da Charanga do Flamengo levantam sérias suspeitas sobre a habilidade de seus integrantes com os instrumentos musicais.

aproveitado por parte dessas agremiações. Apesar de utilizarem parte da estrutura dos clubes essas torcidas tinham como ideário o autofinanciamento, os clubes não tinham obrigações com esses grupos. Algo bastante controverso dada a relação de proximidade entre chefes de torcida e dirigentes dos clubes.

A animação da Charanga, uma das suas características mais ressaltadas, serviu de exemplo às coletividades torcedoras de diversas equipes, principalmente às do Rio de Janeiro. As representações da Charanga Rubro-Negra e a partir dela as concernentes a Jaime de Carvalho vinham afirmar um Rio de Janeiro musical, receptivo e capaz de resolver as suas contradições a partir do futebol, da música e da festa, mas sem perder o respeito pela ordem e pelo outro, o adversário.

A ascendência moral que Carvalho tinha sobre seu grupo, proporcionou-lhe a alcunha de chefe de torcida, título que era imputado também a figuras emblemáticas e respeitadas das torcidas de outros clubes (HOLLANDA, 2009).

Dentre esses [chefes de torcida], Jaime de Carvalho pode ser considerado o exemplo paradigmático, espécie de tipo-ideal, do que então se preconizava como chefe de torcida, com a combinação de aura, de autoridade e de exemplo para os demais torcedores, tendo em vista a reputação em âmbito não só local como nacional. (HOLLANDA, 2009)

As relações de amizade entre os vários líderes de torcida, o canal aberto entre esses e o policiamento, além da amizade com as diretorias traziam responsabilidades e status aos chefes de torcida. Por conta da manutenção e divulgação das torcidas seus chefes tinham uma agenda cheia, que incluía encontros entre si, esporádicas idas aos jornais, eventos institucionais dos clubes e os ensaios da torcida, uma vida devotada em prol das instituições de torcedores.

(...) [Jaime de Carvalho] por seu estilo cordial e conciliador – tal como o ato simbólico em campo, costumava oferecer uma corbeille de flores às torcidas adversárias e ia ao encontro dos chefes oponentes antes dos jogos em sinal de confraternização, dando uma volta com a sua charanga no anel das arquibancadas -, logo se tornou uma espécie de torcedor oficial da cidade, incumbido pelas autoridades públicas, por ocasião da Copa do Mundo de 1950, da organização do incentivo à Seleção Brasileira. (HOLLANDA, 2009)

Contudo, apesar das similaridades dadas por condutas sociais aproximadas e por fazerem parte de uma mesma época, as Torcidas Uniformizadas, especialmente a TUSP a mais representativa dentre elas, e a Charanga e as Torcidas Organizadas, traziam diferenças

significativas em relação ao perfil dos seus torcedores, aos modos organizativos, à sua duração e representatividade no cenário nacional.

Podemos afirmar que, comparativamente, a Charanga mostrou-se um empreendimento muito mais duradouro e marcante na história flamenguista do que a TUSP para os são-paulinos. Essa forma de pertencimento ao clube, a partir da Charanga, se solidifica no espaço futebolístico e tem reconhecimento dos demais atores sociais: outros torcedores, diretoria e jornalistas. Por contar com um caráter festivo e apologético ao clube, a Charanga seria um tipo de promotor popular do Flamengo e da seleção nacional.

Conforme argumenta Hollanda (2009) esse método organizativo da Charanga indiretamente vai se prestar à reafirmação de um estereótipo de torcedor apaixonado, abnegado, disposto a sacrificar os outros diversos espaços da vida em prol do clube do coração. Todas essas características que já eram utilizadas para classificar o torcedor individualmente passam a caracterizar essas coletividades torcedoras, e principalmente, seus chefes de torcida.

Mais do que ser o torcedor-símbolo da Charanga Rubro-Negra, Jaime de Carvalho pelo seu trabalho na organização da torcida durante tantos anos, ganhou o reconhecimento como o representante de toda a torcida flamenguista até a metade da década de 1970. Não existiam eleições na Charanga e nem ligações formais com o Flamengo, mas existia o apoio financeiro esporádico do clube que foi aumentando na medida do sucesso e da representatividade da torcida, fonte de renda que se acresce da contribuição dos adeptos e esporádicos prêmios, principalmente os cedidos pelos jornais da época, notadamente o *Jornal dos Sports* (HOLLANDA, 2009).

A torcida funcionava de modo personalista, dado o fato que o cargo, se assim pudermos descrever, de líder da Charanga não só atribuía popularidade a Jaime de Carvalho, mas também lhe possibilitava definir os destinos da torcida, expulsar elementos que não compactuassem com a cultura de paz e apoio ao Flamengo e, principalmente definir os padrões tanto das festividades como das condutas que deveriam pautar a Charanga. Desta forma, após a sua morte<sup>50</sup> a Charanga perdeu força, dado a ascendência que Jaime de Carvalho tinha sobre o grupo, foi sucedido por sua esposa Laura, o que demonstra que mesmo a transição de poder se dava por meio do carisma e do poder de seu antigo chefe sobre a torcida (HOLLANDA, 2009).

A análise de alguns fatores de ambas as torcidas – de um lado a Charanga e as Torcidas Organizadas cariocas e do outro as Torcidas Uniformizadas de São Paulo - podem nos trazer

---

<sup>50</sup> Jaime de Carvalho morre em abril de 1970.

pistas sobre o sucesso em um estado e o ocaso em outro. A personificação das torcidas organizadas cariocas e, principalmente da Charanga do Flamengo, com os elementos populares, num discurso que reafirmava o sacrifício e a abnegação dos torcedores, bem como a carnavalização da prática, o discurso de pacifismo dentro dos estádios e na relação entre torcidas e por fim os diversos concursos de torcidas e torcedores na cidade do Rio de Janeiro, estimulados pelo *Jornal dos Sports*, a partir de 1936 (HOLLANDA, 2009), foram fundamentais para a grande adesão de torcedores a esses movimentos, bem como de extrema relevância para sua manutenção ao longo dos anos.

Todo o torcedor era um potencial participante das torcidas cariocas que se constituíram entre o final dos anos 1930 até o final dos anos 1950, pelo fato dessas torcidas serem abertas e seu principal espaço ser as arquibancadas, espaço de livre movimentação e encontro entre os torcedores.

As torcidas cariocas – Torcidas Organizadas e a Charanga – foram as primeiras instituições organizadas popularmente, fora dos clubes, a marcarem indelevelmente sua presença nas histórias de seus times. Mostraram que um sistema de organização de torcedores para além dos clubes, mas com o objetivo de apoiá-los não era só possível e viável, como também respondia a uma demanda de interessados.

Conforme Hollanda (2009), a diferença marcante entre as formas coletivas ou coletivizadas de se torcer no Rio de Janeiro e em São Paulo era, em primeiro lugar foi a repercussão e a continuidade que as Charangas e as torcidas organizadas conseguiram na Guanabara; e em segundo lugar o perfil social desses torcedores que em São Paulo eram socialmente enquadrados como membros dos extratos mais prósperos da classe média e integrantes das altas classes, enquanto no Rio de Janeiro as torcidas advinham do esforço da baixa classe-média, caso de Jaime de Carvalho, Dulce Rosalina da Torcida Organizada do Vasco (TOV) e dentre outros; atraindo para seus grupos egressos dos mesmos meios sociais. Assim, o que era um divertimento predominantemente das elites em São Paulo, durante a década de 1940 e 1950, no Rio de Janeiro nasceu da vontade e de um ideário popular, apesar de ambos os grupos fazerem representações bem próximas do que é ser um torcedor de futebol neste contexto.

O aparecimento simultâneo de formas coletivas ou coletivizadas de torcer atendia aos imperativos de ampliação da integração, da coesão e da participação do público esportivo. Os seus representantes, agora denominados chefes de torcida, mediavam os interesses dos torcedores junto ao chefe de polícia dos estádios e passavam a ter

responsabilidade de controle vis-à-vis daqueles atores emergentes no cenário futebolístico, uma amostra exemplar também da parcela significativa de setores populares que logravam visibilidade na vida nacional. Segundo a ótica dos meios de comunicação, havia uma preocupação crescente com a má educação nos estádios, ensejada por uma relação direta com o baixo poder econômico, o que gerava um empenho institucional na criação de formas de contenção no interior desses estratos da população e na deliberação de poder a esses indivíduos cuja conduta era vista como exemplar nas arquibancadas. (HOLLANDA, 2009)

No caso específico de São Paulo verificou-se uma lacuna nesse ideário de associativismo torcedor entre a processual derrocada, perda de importância e ausência de notícias nos periódicos sobre as Torcidas Uniformizadas e a posterior fundação no final da década de 1960 das primeiras Torcidas Organizadas paulistas, instituições que apesar do mesmo nome, guardou semelhanças pontuais com os modos de torcer coletivamente anteriores. Em São Paulo restou apenas a TUSP, que após a década de 1970, quando devido a uma ruptura perdeu membros para a incipiente Torcida Tricolor Independente, teve uma existência bastante modesta até seu fechamento em 1995<sup>51</sup>.

Contudo, a ausência de um associativismo torcedor, tem também a sua importância para o entendimento das práticas torcedoras e como essas atitudes na assistência do jogo estiveram relacionadas a outros campos da sociedade no período. É também importante para o entendimento de parte dos discursos que buscam uma chancela histórica, ao elencarem os períodos anteriores às torcidas organizadas como paraísos idílicos da paz, dos bons modos do torcedor e da presença da família nos estádios. Portanto, as romantizações, mesmo que divulgadas de modo irrefletido por diversos agentes do futebol, prioritariamente jornalistas e dirigentes, buscam argumentar que os torcedores devem se organizar única e exclusivamente no objetivo de torcer e apoiar o time, pois nos momentos passados em que isso acontecia, ou que o discurso hegemônico atesta sua ocorrência, a relação entre torcedor e clube era muito mais saudável.

A nostalgia de um passado, uma era de ouro do futebol brasileiro, é um possível índice que marca o discurso sobre as torcidas. As representações de um passado idílico parecem encerrados com o nascimento da torcidas jovens no Rio de Janeiro e torcidas organizadas em São Paulo. O aparecimento dessas novas formas de torcer em ambas as capitais e sua posterior

---

<sup>51</sup> Os dados encontrados sobre a ruptura da TUSP, que fundamentou a criação da Torcida Tricolor Independente, bem como seu fechamento em 1995 só foram encontrados no site da Torcida Tricolor Independente: [http://www.independentenet.com.br/site/?page\\_id=7](http://www.independentenet.com.br/site/?page_id=7). Site acessado em 5 de setembro de 2011.

disseminação por outras cidades mudou o caráter da torcida, impôs um novo modelo hegemônico de organizações de torcedores e foi um dos principais responsáveis por um novo *ethos* das organizações torcedoras, de embate à ordem social vigente, às diretorias dos clubes e de uma maior rivalidade entre as torcidas por novos e diversos capitais, gestados a partir da experiência das arquibancadas e das relações desses indivíduos na dinâmica das cidades.

O torcedor processualmente passou da figura abnegada, que apoiava e vivia a emoções do seu clube com respeito e de modo familiar para uma nova dinâmica, a partir do fim dos anos 1960, imputada as Torcidas Organizadas e Torcidas Jovens que envolvia a violência e transformava o estádio de futebol no espaço perigoso do desconhecido.

### 3. – ASPECTOS DA NORMATIZAÇÃO E DA LEGITIMIDADE TORCEDORA EM CONFORMAÇÕES COLETIVAS.

Por meio da análise bibliográfica que trata das conformações coletivas de torcedores ao longo do século XX, estudos que focam em sua maioria os casos de Rio de Janeiro<sup>52</sup> e São Paulo<sup>53</sup>, é perceptível que as especificidades regionais das sociedades e do seu futebol têm papel fundamental para que cada espaço desenvolva meios de torcer dos mais variados e tenha respeitada a sua especificidade histórica. O caso paulista, e principalmente o paulistano, é uma das diversas histórias dos modos de torcer e se organizar para a prática torcedora que coexistiram ao longo do desenvolvimento do futebol em terras brasileiras.

A genealogia das formas de torcer coletivamente em São Paulo se presta à reflexão de como os grupos de torcedores que posteriormente ocuparam o espaço das arquibancadas foram tributários das instituições, da história dos torcedores passados, de suas práticas e representações. Por isso, refletir os processos históricos de conformação das massas torcedoras, das torcidas organizadas, suas histórias e relações sociais é de extrema importância para entender o panorama do tempo presente.

A história dos Gaviões da Fiel Força Independente em Prol do Corinthians serve de meio para refletir como o acúmulo e a transmissão oral da história surte efeito, influenciando e constringendo condutas. Os jovens torcedores do passado e do presente foram tributários e ao mesmo tempo contribuíram na constituição da história dos movimentos de torcedores. Gerações diferentes, em contato direto no cotidiano das torcidas e responsáveis, cada um ao seu modo, pelas conformações atuais da sua torcida organizada.

Desta forma, é temerário afirmar uma uniformidade tanto do desenvolvimento do futebol, como das práticas torcedoras no Brasil. Buscar escrever uma história nacional, de amplo espectro, significa de antemão generalizar fenômenos, hierarquizar saberes e experiências.

Ao eleger determinadas identidades e representações que buscam dar conta do todo, elemento impossível de apreensão completa e definitiva, dada a heterodoxia de situações e

---

<sup>52</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. O clube como vontade e representação – O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Editora 7 letras. 2009

<sup>53</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. Torcidas organizadas de futebol. Campinas. Autores Associados. 1996. ; TOLEDO, Luiz Henrique. Lógicas no futebol. Editora Hucitec/Fapesp. São Paulo. 2002. ; PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação: aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté, Vogal, 1997.

agentes, as diversas relações que pautaram os diferentes centros do futebol nacional ao longo do século passado sofrem da vulgarização de sua história.

Apesar do Rio de Janeiro e São Paulo serem estados em que a disputa entre as equipes de alto rendimento foi mais frequente durante o século XX, cada região terá sua especificidade e, inclusive, cada clube trilha uma história específica, em contato permanente com outros agentes, dentro de campo, enquanto equipe de futebol, e fora dele, seus torcedores.

Como abordado no capítulo anterior, em São Paulo as torcidas uniformizadas, organizações de torcedores de vínculo fluído, mas de estreita ligação com os clubes, foram um modelo emblemático durante os anos 1940 e início dos anos 1950, a mais bem-sucedida<sup>54</sup> delas foi a TUSP. As torcidas uniformizadas constituíram a primeira oportunidade de união recorrente e organizada entre torcedores com intuito de irem e assistirem aos jogos juntos, incluindo atividades para além das arquibancadas (TOLEDO, 1996, 2002).

A aparente derrocada das torcidas uniformizadas durante a década de 1950 parece ter deixado uma única torcida, a mais emblemática delas, a TUSP. Pouco existe de bibliografia sobre o modo como a torcida sobreviveu após as décadas de 1950 e 1960, como era organizada, qual o perfil do torcedor que a ela aderiu e quantos eram esses torcedores, ficando de relevante à análise apenas a ruptura que nela aconteceu gerando o nascimento no ano de 1972 da torcida organizada Tricolor Independente<sup>55</sup>. Mais do que a carência de documentos ou do interesse dos pesquisadores sobre o período, o indício é que no período tenham chamado pouca atenção as formações coletivas de torcedores. Ou seja, é possível que nenhuma forma de organização torcedora tenha se formado em substituição ou sob inspiração das torcidas uniformizadas dos outros grandes times da capital. Mesmo que tivessem existido tais organizações uma provável e potencial falta de documentos, do modelo dos anúncios em jornais que Toledo (1996, 2002) utilizou para verificar a existência das torcidas uniformizadas, impossibilitariam o conhecimento desses grupos pelos pesquisadores. Sendo assim, seriam bem-vindas e inovadoras as pesquisas que dessem versões sobre esse período obscuro das torcidas em São Paulo.

---

<sup>54</sup> Como parâmetro para o sucesso enquanto torcida uniformizada considero a continuidade dessas torcidas, a repercussão que cada uma teve na mídia e na história dos times e, principalmente, o número de adeptos que a torcida arregimentou durante sua existência. Somando-se a isso, o caráter paradigmático que a TUSP teve na conformação das torcidas uniformizadas de outros clubes também deve ser levado em conta.

<sup>55</sup> Existem indícios de que a torcida uniformizada do São Paulo, após a ruptura que proporcionou o nascimento da torcida organizada Independente, tenha existido de modo claudicante até 1995.

Heloisio Dutra, um dos fundadores do Grêmio Gaviões da Fiel<sup>56</sup>, quando perguntado da existência de grupos organizados que freqüentavam o Pacaembu ou o Parque São Jorge antes da formação de sua torcida, afirma não se lembrar de nenhuma iniciativa coletiva. A única lembrança relatada pelo entrevistado é a de um senhor que levava seu guarda-chuva aos jogos e promovia diversas evoluções que eram acompanhadas por outros torcedores que também portavam guarda-chuvas. No entanto, o caráter espontâneo da coreografia e da própria união entre esses indivíduos é mostra apenas da diversidade de práticas torcedoras e de como a união fluída se formava rapidamente e se dissolvia ao fim das partidas. Outro dos fundadores dos Gaviões da Fiel, Claudio Romero, o Vila Maria<sup>57</sup>, lembra que na infância quando ia ao Parque São Jorge, via a torcida uniformizada do Corinthians, mas depois que essa chegou ao fim não existiu nada semelhante até a fundação dos Gaviões da Fiel.

Na trajetória carioca, diferentemente da paulista, a Charanga e as Torcidas Organizadas, tiveram uma trajetória longa em que determinados paradigmas provocaram sua ruptura interna com a saída majoritária de jovens, fato que as colocaram em enfrentamento com uma vanguarda de organizações torcedoras que nasceriam no Rio de Janeiro, a partir do final dos anos 1960, conhecidas em sua maioria por Torcidas Jovens (HOLLANDA, 2010).

Enquanto os grupos de torcedores mais antigos cultivavam uma estreita relação com a diretoria dos clubes, agentes da polícia e do governo carioca, por meio da figura pública e emblemática do chefe de torcida, e a partir disso, amealhavam benesses de todos os tipos que pudessem auxiliar a continuidade de suas torcidas, as Torcidas Jovens nascem sob o signo da independência frente à diretoria dos clubes e de outros agentes, único meio possível, na visão dessas vanguardas torcedoras, de poderem cobrar, criticar e reivindicar atitudes nos clubes. As

---

<sup>56</sup> Heloisio Dutra, ou apenas Dutra nos Gaviões da Fiel, foi entrevistado no dia 25/06/2011 na sede do Movimento Rua São Jorge, nas proximidades do Parque São Jorge. Após contato inicial feito na palestra voltada aos novos sócios do Movimento, o diretor da Velha Guarda aceitou participar da entrevista cujo objetivo era abordar os primeiros anos dos Gaviões da Fiel, a ruptura que formou a Camisa 12 e principalmente as relações de violência entre os torcedores nas décadas anteriores. O método utilizado foi a entrevista semi-estruturada, na busca de propiciar o máximo de liberdade à argumentação do entrevistado.

<sup>57</sup> Claudio Romero, ou Vila Maria, foi um dos fundadores dos Gaviões da Fiel e esteve entre os artífices da ruptura da torcida que deu origem à Camisa 12. A importância de entrevistá-lo surgiu a partir de diversas críticas que foram dirigidas à sua atuação como dirigente por antigos torcedores dos Gaviões e pela relação de rivalidade que se instalou na relação entre as duas torcidas corinthianas no início dos anos 1970. A entrevista foi realizada no dia 05/05/2012, um sábado à tarde nas dependências do Corinthians, onde atualmente é conselheiro. A entrevista semi-estruturada foi dividida em duas partes, uma delas no restaurante do clube e outra em uma lanchonete próxima ao ginásio corinthiano, entre as duas partes Vila Maria levou-me para uma caminhada pelo clube durante a qual pude observar seu elevado status entre os torcedores e sócios, que repetiam, a todo momento, a sua importância como a história viva das torcidas organizadas do Corinthians.

Torcidas Jovens seriam as defensoras de um comportamento que pode ser resumido numa frase corriqueiramente dita pelos torcedores: “Tudo pelo clube, nada do clube”<sup>58</sup> (HOLLANDA, 2010).

A mais de uma década, que marcou a história nacional com duas vitórias em Copas do Mundo – 1958 e 1962, uma breve experiência democrática pós-Estado Novo, encerrada por uma ditadura civil-militar a partir de abril de 1964 (REIS, RIDENTE & SA MOTTA, 2004), parece não ter despertado o interesse organizativo na grande maioria dos torcedores paulistanos. Uma das possibilidades que podem ser levadas em conta é a de que os torcedores dos diversos bairros ou regiões da cidade de São Paulo tenham constituído grupos pequenos e fortuitos para irem juntos aos jogos, por meio dos laços de sociabilidade proporcionados pela vizinhança, que pelo caráter de sua organização não deixam pistas significativas para a posteridade. Possibilidade atestada por Dutra, ao afirmar a importância dos grupos que se uniam nos bairros e nas mesmas regiões da cidade de São Paulo, nos trajetos, nas arquibancadas, nas barracas de lanches e bebidas onde a sociabilidade de bairro e do torcedor corintiano uniam determinados contingentes e transformava vínculos fluídos em relações duráveis. Situação reafirmada por Cláudio Romero, ao contar que suas primeiras idas ao estádio foram com seus vizinhos mais velhos e posteriormente organizaram um grupo de garotos do bairro para irem ao Parque São Jorge, estádio corintiano próximo ao bairro da Vila Maria, onde Romero morava.

Ao refletir sobre os espaços das barracas de lanche próximas aos estádios, Toledo identifica uma sociabilidade que precede o ritual da partida em si, mas já é considerado parte do evento pelo autor. Lá, além do próprio lanche, várias demandas são resolvidas pelos diversos atores que compartilharão o futuro espaço do estádio, a discussão começa antes da partida e termina depois do jogo, atestando a validade da análise desses espaços (TOLEDO, 2002:258).

### **3.1 - Modernização e conformação em âmbito nacional do futebol brasileiro e as novas conformações torcedoras em São Paulo**

Há que se levar em conta que a relação entre as equipes dos diferentes centros de futebol do país era escassa até a década de 1950 e o contato futebolístico entre determinadas regiões era

---

<sup>58</sup> Com essa frase não afirmo que esse expediente será seguido pelas Torcidas Jovens durante toda a sua história, mas apenas que essa formulação fazia parte do anseio de todas elas e servia de expediente para marcar diferente frente às agremiações torcedoras existentes anteriormente.

praticamente inexistente<sup>59</sup>. Sob esse aspecto cabe um breve arrazoado sobre os diferentes campeonatos que proporcionaram aos clubes de São Paulo uma relação mais próxima com equipe de outros centros, e conseqüentemente entre os torcedores de equipes de outras regiões. Partindo do ditado proposto por Damo: diga-me com quem jogas e lhe direis quem és (DAMO, 2007), o conhecimento do circuito trilhado pelos clubes e por suas torcidas é fundamental para entender as correlações que permearam a história das equipes.

Em 1933 foi realizado pela primeira vez o torneio Rio-São Paulo de Futebol, disputado por 12 times<sup>60</sup>, alguns deles hoje extintos, outros que não contam mais com quadros profissionais. No ano seguinte, a incipiente iniciativa foi frustrada com a fase classificatória estadual em andamento, pois Palestra Itália, Vasco e Corinthians aderiram à profissionalização e passaram a fazer parte dos quadros da CBD, entidade que a partir daí seria responsável pelo nascente futebol profissional brasileiro<sup>61</sup>. Outra tentativa frustrada de reeditar o torneio aconteceu no ano de 1940, quando o certame novamente foi abandonado antes da final, dessa vez ao fim do primeiro turno, sendo que os jogos disputados pelos campeonatos estaduais eram aproveitados no torneio entre as equipes do Rio de Janeiro e de São Paulo (CUNHA & PERES, 2011; FONTENELLE & STORTI, 1997).

A disputa regular do torneio Rio-São Paulo só ocorreu de fato em 1950 durando ininterruptamente até 1966. No ano de 1967, o torneio Rio-São Paulo, cujo nome oficial era Torneio Roberto Gomes Pedrosa, foi ampliado passou a ser conhecido como Robertão, contando com o acréscimo de clubes do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná, Bahia e Pernambuco, ganhou contornos mais próximos do que se considera um campeonato de espectro nacional (CUNHA & PERES, 2011).

Fundada em 1959 e desde então passando a dividir o calendário de competições com os estaduais e o torneio Rio-São Paulo, a Taça Brasil de Futebol, competição organizada pela CBD,

---

<sup>59</sup> Uma das iniciativas que promovia o intercâmbio futebolístico entre as diversas regiões do país, e também entre clubes nacionais e estrangeiros, foram as excursões dos times. Fenômeno que não era circunscrito apenas aos grandes times, mas também expediente usado pelos clubes de menor poder financeiro e capital futebolístico que podiam tanto receber equipes em sua cidade natal como viajarem pelas mais diversas regiões do Brasil, das Américas, da Europa e da África.

<sup>60</sup> Palestra Itália, São Paulo da Floresta, Portuguesa de Desportos, Bangu, Vasco, Corinthians, Fluminense, América (RJ), Santos, Bonsucesso, AA São Bento e Ypiranga (SP).

<sup>61</sup> A questão da profissionalização dos times e do futebol brasileiro como um todo não pode ser analisado sob um prisma totalizante já que cada clube adotou uma postura relativa a essa questão, fazendo com que a aceitação não ocorresse automaticamente, mas num processo marcado por diversos embates e objeções à nova norma.

nasce no intuito de qualificar os clubes para a disputa da Taça Libertadores da América<sup>62</sup>. A Taça Brasil de Futebol foi disputada sob o sistema de eliminatórias com jogos em turno e retorno, chegou a contemplar numa mesma edição clubes de 22 estados, era até então a única competição a contemplar tamanho número de estados e uma possibilidade de maior contato entre os envolvidos no futebol dos diferentes centros. No entanto, a Taça Brasil era uma competição breve, em que a participação de cada time variava conforme as vitórias conseguidas no torneio<sup>63</sup> (CUNHA & PERES, 2011).

Assim, a partir de 1967, o Brasil passava a ter duas competições nacionais, ou pelo menos assim eram chamadas: a Taça Brasil e o Robertão. A primeira em forma de copa, com chaveamento e eliminatórias e a segunda contava com fase de classificação e decisão por eliminatórias.

No entanto, os campeonatos estaduais, e neste capítulo nos ateremos ao Campeonato Paulista de Futebol, seguiram com grande prestígio e importância para as equipes e seus torcedores. Fatores como as rivalidades históricas, reafirmadas pelos diversos confrontos, a tradição do campeonato e a importância atribuída aos títulos estaduais e à classificação, que qualificava os melhores colocados para as competições nacionais faziam com que o Campeonato Paulista seguisse despertando o interesse do torcedor local.

Apesar de atualmente os campeonatos estaduais não despertarem o mesmo interesse dos principais clubes do país, da mídia e dos torcedores, sua importância até momentos recentes não pode ser ignorada historicamente. O que hoje é um problema no calendário de diversos times<sup>64</sup> foi em décadas passadas motivo de comemorações que atravessavam a noite da capital paulista e de várias outras capitais.

Como pode ser inferido a partir dos dados disponibilizados pela Federação Paulista de Futebol (FPF) relativos à presença do público nos estádios (CÉSAR, 1981), podemos perceber determinados movimentos relativos à frequência dos torcedores nos jogos que suscitam questões importantes de serem refletidas.

---

<sup>62</sup> Torneio inter-clubes da América do Sul.

<sup>63</sup> Algo bastante próximo à atualmente chamada de Copa do Brasil, torneio fundado em 1989, que leva em conta o ranking da CBF e a classificação nos campeonatos estaduais para qualificação dos competidores.

<sup>64</sup> Um discurso recorrente dos times, através de seus treinadores e diretorias, é de que dada a quantidade de competições da atualidade o campeonato paulista deveria ter um número menor de rodadas para propiciar uma melhor e maior pré-temporada aos clubes, já que hoje o título estadual é o de menor status na hierarquia dos disputados pelos grandes equipes.

Primeiramente o aumento no número de jogos registrados, que entre 1940 e 1948, eram de 110 por ano, até que em 1952 foram catalogados 210 jogos sob tutela da Federação Paulista de Futebol, ocorridos no estado. Um dos fatores que impulsionou esse aumento foi a admissão de times do interior no certame a partir de 1950. Nos anos de 1955 e 1956 apresenta-se uma súbita e abrupta queda no número de partidas, 91 e 90 respectivamente, para no ano posterior atingir a impressionante marca de 380 partidas registradas. O levantamento apresentado pela Federal Paulista de Futebol serve de indicativo de como as fórmulas dos campeonatos mudavam a cada edição, sendo raros os casos de anos que se mantiveram o mesmo número de partidas do ano anterior, recorrência encontrada novamente somente entre os anos de 1961 e 1965.

Contudo, essas partidas não necessariamente vêm atender uma maior demanda pelo futebol no estado de São Paulo, a quantidade de jogos não acompanhava o aumento médio do público, lembrando que o século XX inteiro foi uma época marcada pelo aumento populacional da cidade de São Paulo e do estado todo. As melhores médias de público foram observadas em anos com menor número de jogos, exemplo de 1948 com 110 jogos e uma média de público de 10.539 pagantes, em compensação 1959 com suas 383 partidas contou com uma média de público de 5.928. O que pode se constatar, no primeiro momento, é que o aumento de jogos não impulsionou a maior presença do público, em algumas situações teve até efeito contrário.

Alguns fatores relativos à variação da presença do torcedor nos estádios podem ser elencados: o fato dos times do interior serem admitidos no Campeonato Paulista em 1950 e não disporem do mesmo contingente torcedor dos times da cidade de São Paulo, o fato destes times do interior não compartilharem do sistema de rivalidades existentes entre os times da capital<sup>65</sup>, o que diminuiu o apelo das partidas. Contudo, talvez tenhamos que pesarosamente admitir que o público torcedor do estado de São Paulo tenha se constituído nesses poucos torcedores até a formatação do Campeonato Brasileiro de Futebol, quando diminuíram o número de jogos e aumentou a média de público nos estádios.

Os dados acima elencados podem servir de indício à reflexão de que São Paulo durante anos teve mais jogos que seus espectadores quisessem assistir. Ou melhor, muitos jogos desinteressantes para poucos interessantes, seja devido à rivalidade ou disputa de título. Outro fator que pode acrescer-se à questão do interesse relativo às partidas são os padrões dos estádios

---

<sup>65</sup> Exceções feitas aos derbies das cidades, como Guarani e Ponte Preta em Campinas, Velo Clube e Rio Claro em Rio Claro, e assim por diante.

do período, como a Fazendinha<sup>66</sup> e mesmo o Palestra Itália, que não possibilitavam um grande aporte de público, exceção feita apenas ao Pacaembu, fundado na década de 1940.

Sob a perspectiva de Toledo, a inauguração do Pacaembu foi um marco em relação às notícias sobre a segurança das massas e a rivalidade entre torcidas. O policiamento passou a ser cada vez mais indissociável do evento esportivo, pois esperavam-se distúrbios nas arquibancadas (TOLEDO, 2002: 227).

Contudo, nas mudanças pela quais a conformação das partidas no estado atravessou ao longo das décadas, há que se ressaltar o fator positivo que, a partir de 1950, o campeonato passou a ser estadual de fato, pois antes contemplava apenas a capital e o litoral de São Paulo. A sistematização de uma relação entre as diversas regiões paulistas que antes encontrava-se circunspectas à eventos amistosos - aniversários de agremiações do interior ou de cidades e inauguração de estádios. Situação que trouxe um intercâmbio futebolístico e a implementação de um circuito mais abrangente de clubes e cidades no futebol de alto rendimento.

Logo, um contato orgânico e a troca de experiências entre os times de diferentes estados e mesmo a relação entre os clubes do interior e da capital, era algo incipiente, ainda mais raro aos torcedores nas primeiras décadas do século XX. Por isso, a ampliação do campeonato paulista, a criação de torneios como o Robertão e a Taça Brasil são os primeiros passos para a formação e o reconhecimento de times com torcidas nacionais, rivalidades entre equipes de diferentes regiões e até laços de amizade entre equipes e suas torcidas. Esses campeonatos foram passos fundamentais para a constituição de um futebol brasileiro de clubes, inaugurando conquistas que poderiam de fato serem reconhecidas como nacionais, até então os títulos existentes não tiveram amplitude para carregar tal alcunha.

Até a criação do Campeonato Brasileiro, no ano de 1971, os campeonatos estaduais foram, senão a competição de maior status entre atletas e torcedores em São Paulo, pelo menos a competição em que as maiores rivalidades eram postas em embate, a conquista do campeonato estadual tinha um valor que foi redimensionado a partir do fortalecimento do campeonato nacional, da fortificação de novas rivalidades e da importância de ser o campeão do Brasil. O Campeonato Brasileiro desenvolveu-se processualmente ao longo dos anos, mudando de regras e clubes, influenciado pela correlação de força entre as federações estaduais e a CBD,

---

<sup>66</sup> Estádio Alfredo Schürig, também conhecido genericamente como Parque São Jorge. É o estádio corinthiano que se localiza nas dependências do clube, fundado em 1928, que já chegou a abrigar 28.000 torcedores.

posteriormente CBF, além da política partidária e da inclusão de novas competições ao calendário nacional, situação que diminuiu a duração dos campeonatos estaduais.

Sob aspectos da teoria eliseana cabe a reflexão de como as cadeias de interdependência no Brasil se tornaram maiores e mais complexas ao longo do século XX. Para essa análise não se pode negar a importância do constante fluxo migratório, que começa durante o século XIX e aumentará significativamente durante o século XX, que transformou a população do país, até então predominantemente rural, para uma população de maioria urbana. Acrescentemos a isso a importância do desenvolvimento dos meios e vias de transporte, sua popularização, bem como fenômenos como os crescentes níveis de alfabetização ao longo do século e o correspondente acesso a jornais e outros periódicos, que possibilitaram aos indivíduos transcenderem a comunidade local e interar-se de outras realidades. Todas essas questões elencadas, obviamente, não chegaram a todos os brasileiros da mesma forma, tendo um impacto muito maior nas grandes cidades e em grupos sociais específicos.

Os clubes de futebol dentro desta dinâmica de aumento da cadeia de interdependência transformaram, a partir da década de 1950, seu caráter iminentemente municipais ou regionais para instituições de público e interesse nacional. Caso das principais equipes de São Paulo e Rio de Janeiro.

### **3.2 - O Corinthians, o corintianismo e uma nova vanguarda torcedora nos anos de chumbo do Parque São Jorge.**

O Corinthians, durante a década de 1950 até a de 1970, viveu um período longo de ausência de títulos em sua história, o maior de todos os tempos. Venceu o Campeonato Paulista de 1954, ficando conhecido como campeão do quarto centenário<sup>67</sup>, venceu um torneio de expressão novamente apenas ao ser campeão paulista em 1977. Durante esses 22 anos de ausências de títulos o Corinthians viveu uma década, entre 1961 e 1971, sob a direção de Wadih Helu, deputado da ARENA, partido da posição durante a ditadura civil-militar brasileira.

No contexto da década de presidência de Helu, o descontentamento das arquibancadas cresceu gradualmente: fatores como a falta de liberdade de expressão no Parque São Jorge - mesmo para os sócios - e a ausência de títulos são fatores que uniram frequentadores dos jogos e

---

<sup>67</sup> Ano comemorativo do quarto centenário do marco de fundação da cidade de São Paulo.

das dependências do clube. O marco fundador dessa aglutinação de torcedores com as mesmas críticas sobre a situação corintiana nas arquibancadas é 1965<sup>68</sup>. Sem CGC<sup>69</sup>, sem local próprio para reuniões, sem marcas distintivas nas arquibancadas e predominantemente arquitetada por jovens, foi assim que se deu o foco de descontentamento que anos depois seria responsável pela fundação dos Gaviões da Fiel, conforme relatos de Dutra e Vila Maria, fundadores da torcida organizada corintiana.

Sobre os anos entre 1965 e 1969 são raras as fontes, documentos e mesmo versões encontradas sobre qual era a atuação desse grupo de jovens tanto nas arquibancadas quanto na política interna do Corinthians. Lacunas estas que despertam a questão de qual a especificidade surgida em 1969 para que esses torcedores descontentes com a política interna corintiana e que já partilhavam de certa unidade, mesmo que fluída e intermitente, procurassem a institucionalização como torcida organizada. Pergunta que não obteve resposta dos entrevistados.

Aguilera defende que havia um contingente de jovens frequentadores assíduos dos estádios, as torcidas organizadas tiveram por mérito aglutinar esses jovens e fazer com que os demais atores sociais, a mídia e o clube, principalmente, os percebessem (AGUILERA, 2004: 35). Contudo, pode se constatar que os torcedores descontentes que se uniram nas arquibancadas do Pacaembu e da Fazendinha não eram completos desconhecidos da direção corintiana, pois alguns deles faziam parte do quadro de associados dos clubes, bem como seus pais e avós, como me foi relatado por Vila Maria.

Significativo analisar como os mitos fundadores do Corinthians e dos Gaviões da Fiel trazem diversas similaridades entre si, espécie de torcida enquanto metonímia do clube. O cômodo humilde, com poucas pessoas sob a luz do candeeiro do nascimento do Corinthians<sup>70</sup>; vai se tornar a casa da família de Francisco Malfitani na Alameda Santos, local em que a ata de fundação dos Gaviões da Fiel foi assinada. As primeiras batalhas, o discurso de união de todas as classes e diferenças sociais faziam parte tanto do clube como da sua maior torcida organizada, como me relatou Dutra e também consta da história institucional dos Gaviões da Fiel<sup>71</sup>.

---

<sup>68</sup> Informação institucional dos Gaviões da Fiel retirado de seu site: [http://www.gavioes.com.br/?id\\_pag=172](http://www.gavioes.com.br/?id_pag=172) acessado em 20 de agosto de 2011.

<sup>69</sup> Cadastro Geral de Contribuintes

<sup>70</sup> Referência clássica e até certo ponto aceita por torcedores, pelo clube e por meios de comunicação de massa para a reunião de fundação do Sport Clube Corinthians Paulista em 1910.

<sup>71</sup> Informação institucional do site dos Gaviões da Fiel: [http://www.gavioes.com.br/?id\\_pag=172](http://www.gavioes.com.br/?id_pag=172) consultado no dia 02/10/2010.

Apesar de já contarem com relativo apoio nas arquibancadas, a reunião inaugural contou com poucos interessados, apenas doze pessoas assinaram a ata de fundação<sup>72</sup> da agremiação na reunião do dia primeiro de julho de 1969. Alguns presentes por serem menores de idade não puderam assinar a ata, mas estavam presentes, caso de Heloísio Dutra redator da ata.

O livro-ata, que após a abertura do Grêmio Gaviões da Fiel – Força Independente em prol do Corinthians passou décadas desaparecido, contou também com versões forjadas posteriormente, segundo Dutra. Encontrado o livro-ata original há pouco tempo está sob o domínio dos Gaviões e encontra-se guardado junto à Velha Guarda da torcida, esteve até então sob os cuidados de Cláudio Faria Romero, o Vila Maria.

O status de fundador e mesmo a hierarquia que se constitui a partir do tempo de permanência na torcida são elementos de intensa disputa dentro dos Gaviões da Fiel. Apesar de Dutra, durante a entrevista, reafirmar por diversas vezes a igual importância entre um novo sócio e um fundador, pois ambos, mesmo que em momentos diferentes, aderiram ao mesmo projeto ou à mesma loucura, as situações e a correlação de poder relatada pelo entrevistado e observada ao longo do trabalho de campo não permitem tal afirmação.

A percepção, compartilhada entre mais velhos e mais jovens, de que o título de fundador traz uma ascendência moral e diversas benesses, materiais ou não, faz com que a polêmica seja freqüente na Velha Guarda<sup>73</sup>. Segundo relato de Dutra, muitos torcedores que chegaram aos Gaviões já muitos anos após a fundação reivindicam ou mesmo consideravam-se publicamente como fundadores. Na visão do entrevistado o expediente de reivindicar-se fundador dos Gaviões da Fiel tem como objetivo a busca do poder, seja ele a participação na presidência ou no conselho vitalício, ou ser indicado aos espaços que movimentam vultosas quantias de dinheiro.

Nos Gaviões da Fiel, a história tem valor significativo e se faz presente nas relações do cotidiano da alta cúpula. Não se deve cair na armadilha de uma história positivista, que se atribui o papel isento de relatar os fatos ocorridos no passado tal qual eles foram ou se mostram ao pesquisador. Nos Gaviões, não diferente de todos os outros espaços da sociedade, a escrita da

---

<sup>72</sup> Flavio Garcia La Selva, Alcides Jorge de Souza Piva (Joca), Cláudio Faria Romero (Vila Maria), Orlando Rosato (Rosinha), Carlos Marino Chagas (Manchinha), Igor Dondo, Francisco Malfitani (Chico), Carlos Augusto Saraiva (Linguíça), Artur Timerman, Brasil de Oliveira, Ivan de Oliveira, Benedito Amorim (Lampião).

<sup>73</sup> Grupo criado em 2005, envolve fundadores, sócios antigos dos primeiros anos, ex-presidentes do Grêmio, conta hoje com mais de 1000 sócios, que desenvolvem atividades específicas dentro da torcida organizada, como jantares e confraternizações, fornecem apoio estrutural reformando espaços da quadra e cuidam de documentos históricos da entidade, como o primeiro livro-ata e as primeiras fichas de filiação. A Velha-Guarda tem presidente próprio, escolhido internamente, verba própria e balancete em separado aos dos Gaviões da Fiel.

história diz muito da atualidade e dos modos como a correlação de forças se organiza e reorganiza ao longo do tempo.

Assim, periodicamente surgem novos fundadores, sócios que se dizem mais velhos do que de fato são, realizações que mudam de dono. Toda a sorte de infortúnios à investigação histórica dos primeiros anos dos Gaviões da Fiel. As fichas de inscrição que poderiam esclarecer e mesmo o recém-encontrado livro-ata dos primeiros anos, parecem não conseguir encerrar as contradições, pois existem diversos conceitos do que é ser fundador. Muitos dos que acompanhavam as conversas sobre formar o grêmio, acompanhavam o grupo nas arquibancadas reivindicam-se também participantes desse seleto rol de fundadores, segundo Dutra, que apesar de concordar com o direito destes torcedores que estiveram sempre junto, mas não se filiaram, afirma que só é fundador que está documentado como tal. O que se apresenta ao pesquisador são versões que por diversos meios e estratégias buscam afirmar seus pontos de vista e referendá-los por meio da escrita histórica.

Os documentos não são necessariamente capazes de toda a apreensão do fenômeno da fundação dos Gaviões da Fiel, e isso parece ser consenso entre os que confirmadamente estavam na fundação. Em primeiro lugar porque muitos dos que acompanhavam o movimento dentro dos estádios não tinham o interesse de regulamentar a organização e depois pelo poder do discurso e como ele se afirma enquanto verdade hegemônica ao longo dos anos.

Assim, o que de fato aconteceu na casa de Francisco Malfitani e os acontecimentos dos meses posteriores soam apenas como uma das diversas versões que existem para a fundação dos Gaviões, que sofre constante processo de interpretação, adaptação e resignificação. Admitindo de antemão que essa será uma das versões sobre a fundação dos Gaviões da Fiel, por todas as limitações documentais e do saber histórico impostas à pesquisa, não está isenta de importância na constituição do mosaico de versões em prol do conhecimento. A questão de interesse central não é o retrato dos fatos objetivos, mas como os diversos discursos são articulados pelos atores ao longo dos 40 anos de história da torcida.

Contudo, não se deve argumentar que a fundação dos Gaviões não forneça indícios relevantes sobre a organização. A partir da lista de fundadores, podem-se apreender questões relativas a quem eram os interessados na organização formal e registro cartorial dos Gaviões da Fiel, e pela reflexão sobre as ausências, descobertas em entrevista com Dutra, quem não pensava ou se importava com esta perspectiva.

A partir do relato de Dutra e Vila Maria é possível apreender que os envolvidos na reunião fundadora na casa dos Malfitani tinham um perfil semelhante: membros de uma classe-média urbana, cursavam ensino superior voltado às áreas de humanidades, militantes do vasto espectro das organizações ilegais de esquerda e principalmente, corintianos frequentadores de estádio. Flávio de La Selva estudante de Direito da USP, enquanto Joca cursara Filosofia, Dutra se tornaria economista, Chico Malfitani jornalista e Vila Maria formado em História são apenas alguns exemplos.

Do outro lado, daqueles que não compareceram à reunião e não almejavam um modo organizativo, o que me foi relatado por Dutra era que esses só interessavam por ficar junto nas barracas da praça Charles Miller, arquibancadas e na hora da cerveja. Não queriam compromisso com um projeto maior. Eles estavam lá desde o começo, melhor, desde antes do começo, mas não desfrutaram do mesmo status dos pais fundadores dos Gaviões da Fiel. A apreciação genérica de Dutra sobre alguns desses torcedores foi de que eram ‘porra-loca’ demais para se importarem com o que estava acontecendo, com o futuro do Corinthians e do Brasil, ou como o próprio Dutra, em um segundo momento disse, poderia ser que a educação a que tiveram acesso não lhes possibilitasse tal entendimento. Mas esses torcedores, deixados em segundo plano pela história da instituição, na versão de Dutra, acreditavam e quando os Gaviões da Fiel se tornaram uma torcida aderiram, pois algo os fazia acreditar no triunfo do projeto, seja lá o que isso significasse naquele momento.

As diferentes perspectivas e projetos para as torcidas organizadas são fenômenos recorrentes entre torcidas organizadas, na visão de Toledo:

Dada a complexidade e variedade de expectativas que animam os subgrupos em uma torcida pode-se constatar projetos diversificados de ação e participação na esfera pública, que extravasam os limites do universo do futebol e põem sob suspeita as explicações mais simplistas sobre o comportamento monotemático e marginal desses agrupamentos. (TOLEDO, 2002: 230)

Sob a mesma perspectiva de Toledo, na fundação dos Gaviões da Fiel existe uma imensa diversidade de interesses e graus de participação que se acomodam sob a mesma instituição. Não compactuo com a representação de que essa convivência seja sempre harmônica e possível, os casos das rupturas internas na TUSP e nos Gaviões, formando respectivamente a Tricolor

Independente e a Camisa 12 são provas disso, mas na maioria dos momentos os diferentes interesses e perspectivas coexistem, podendo ser ignorados ou resolvidos internamente.

Os Gaviões da Fiel nascem sob uma divisão que perdurou décadas e seus ecos ainda podem ser sentidos: a divisão entre uma cúpula diretiva de classe social mais elevada e maior vivência no sistema educacional, e uma base heterodoxa que vai incluir membros das classes populares, novos sócios com anseios diversificados em relação à torcida e jovens atraídos pela aventura de fazer parte dos Gaviões da Fiel (CÉSAR, 1981; AGUILERA, 2004).

Ao afirmar tratar-se de uma divisão, creio que tal não deva ser interpretada de modo rígido, como uma barreira intransponível. A participação no conselho ou na presidência não estava vedada a ninguém, a questão central é que o indivíduo teria que compactuar com a idéia dos Gaviões, idéia essa gestada entre os fundadores e afirmada pelo discurso ao longo dos anos. Ou seja, para galgar degraus na escala burocrática o indivíduo tem que mostrar que tem proceder<sup>74</sup>. Caso o contrário, o processo de renovação de lideranças não seria possível (CÉSAR, 1981).

Se fosse uma cisão rígida, estaríamos tratando de duas torcidas dentro da mesma organização, o que não é o caso. O comprometimento com o projeto integral dos Gaviões não era pré-requisito para a amizade entre os membros. Nas palavras de Dutra, a alta cúpula tinha consciência que os graus de envolvimento seriam diferentes. Os ‘porra-loca’ e o pessoal que queria só comparecer aos jogos junto da torcida viviam em harmonia e intensa relação com os diretores. Assim, a cerveja nos bares do centro de São Paulo congregava a todos, as jocosidades e brigas com os adversários eram para quem quisesse, o cotidiano torcedor era partilhado por todos, cada um ao seu modo.

Aguilera interpreta que as torcidas organizadas vão sistematizar práticas utilizadas pelos torcedores desde o início do século. As caravanas, os fogos, as bandas musicais (baterias), a ocupação de um local específico na arquibancada. O autor afirma que uma característica ressaltada pelos jornais da década de 1970 sobre esses novos torcedores é a fidelidade, fervor, esforço, dedicação. Contudo, o autor reitera que esses adjetivos já eram usados em outros momentos históricos para caracterizar os torcedores (AGUILERA, 2004: 37).

---

<sup>74</sup> O Procedimento é um dos três pilares dos Gaviões da Fiel juntamente com a Lealdade e a Humildade, significa que o membro não pode falhar com o sistema ético e de normas da torcida, tem que agir pelo certo. Desta forma o Procedimento é um conceito extremamente maleável, conforme o momento histórica, o indivíduo que o usa e também a situação em que é utilizado.

As características de fidelidade, fervor, esforço, paixão imputadas aos torcedores organizados na década de 1970 vão aliar-se às representações sobre o Corinthians como clube dos populares, metonímias da diversidade de raças e condições sociais brasileiras:

Enquanto o Corinthians é o clube das ‘raças misturadas’ ‘o mais autenticamente brasileiro’ sua torcida é designada como ‘a grande massa assalariada’, ‘mais pobre e de pouca mobilidade social’, ‘os explorados’. Através dessas duas operações os debatedores, e a Folha de S. Paulo por meio deles, fazem do Corinthians e sua torcida um objeto de representação política que, via classe ou via raça, indica uma maioria pobre e mestiça: o povo. (AGUILERA, 2004: 51)

A combatividade dos Gaviões da Fiel vai dar as primeiras mostras nas eleições presidenciais do Corinthians no ano de 1971. Conforme o que me foi contado por Dutra, o grupo constituído por Wadih Helu, que tinha forte apelo junto aos conselheiros vitalícios corinthianos<sup>75</sup>, denominava-se Revolução Corinthiana<sup>76</sup>, seria uma revolução contra o perigo vermelho<sup>77</sup> no Corinthians e um eficaz meio de amealhar potenciais votantes para a ARENA e para si próprio<sup>78</sup>.

Contudo, Benedito Tadeu César (1981) e a Revista Veja, do dia 7 de abril de 1971, vão tratar por Revolução Corinthiana o movimento que congregava os simpatizantes, de Miguel Martinez, rival de Wadih Helu nas eleições presidenciais do Corinthians em 1971. A Revolução Corinthiana, a partir da revista e do antropólogo seria um grupo vasto, no qual também estavam inseridos os Gaviões da Fiel, na busca por novos ares, menos opressivos que poderiam chegar ao Corinthians com a saída de Helu da presidência. A idéia inicial dos Gaviões da Fiel de alijar Wadih Helu do poder aconteceu em 1971, com a eleição de Miguel Martinez<sup>79</sup> (CÉSAR, 1981).

<sup>75</sup> Até o novo Código Civil, tinham direito a voto nas eleições presidenciais no Corinthians, apenas os conselheiros, divididos em dois grupos: os vitalícios e os eleitos para mandato. Enquanto os vitalícios como diz o próprio nome permaneceriam no Conselho até falecerem, os outros eram para mandatos da mesma duração do presidente.

<sup>76</sup> Nome dado em homenagem ao Golpe Civil-Militar de 1964, que era chamado pelos grupos reacionários de Revolução, que primava autêntica ordem democrática, baseada “na liberdade, no respeito à dignidade da pessoa humana, no combate à subversão e às ideologias contrárias às tradições de nosso povo, na luta contra a corrupção.” BRASIL (1968). Ato Institucional número 5, de 13 de dezembro de 1968. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ACP/acp-38-68.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ACP/acp-38-68.htm). Acessado em 2 de outubro de 2011.

<sup>77</sup> Termos como perigo vermelho, perigo comunista e similares, eram usados constantemente para desqualificar grupos de oposição, mesmo que não necessariamente houvesse pautas baseadas em conceitos de esquerda ou mesmo princípios revolucionários.

<sup>78</sup> Helu aproveitando-se da grande repercussão que o Corinthians desfrutava no estado de São Paulo utilizava a equipe de basquete corinthiana para excursões pelo interior do estado para fortalecer a sua candidatura à deputado estadual e a imagem da ARENA.

<sup>79</sup> As imprecisões do discurso de um entrevistado 40 anos após os fatos ocorridos não deve causar espanto, por isso a necessidade de se checar em outras fontes, quando se trata uma entrevista como fonte primária da reconstituição de fatos relativamente obscuros. Assim, será utilizada a versão de Revolução Corinthiana fornecida pela tese de Benedito Tadeu César e pela Revista Veja, edição 135.

A chapa de Miguel Martinez contou com Vicente Matheus como mentor e vice-presidente. O grupo de Matheus antagonizava com o de Helu na luta pelo poder no Corinthians há décadas. Tanto Helu como Matheus eram homens experimentados nos meandros da política, principalmente na política interna do Corinthians, enquanto o primeiro era o atual presidente o segundo o fora entre 1959 e 1961<sup>80</sup>. Na busca pela vitória de seu candidato Matheus buscou a aliança com os Gaviões da Fiel, inicialmente por saber que na organização havia muitos sócios do Corinthians e também para contribuição na panfletagem e cooptação de outros membros do conselho, conforme relato de Dutra.

Segundo Dutra, as conversas entre Matheus e Flávio de La Selva, então presidente dos Gaviões da Fiel, ocorreram na empresa pavimentadora do candidato corintiano, e a exigência do representante da torcida era o fim da reeleição no estatuto do clube do Parque São Jorge. A Revista Veja em sua edição 135 apresenta um breve retrato da política interna corintiana, após a vitória da oposição no pleito de 1971:

A derrota de Wadih completa um ciclo de afastamentos de velhos dirigentes e confirma a tradição corinthiana: em 1959, ele se uniu a Vicente Matheus para derrubar o presidente Alfredo Inácio Trindade; em 1961, Trindade se uniu a Wadih, para derrubar Matheus; em 1971, Matheus se uniu a Martinez (velho amigo de Trindade, já falecido), para derrubar Wadih. Nesse palco, onde segundo se deduz só cabem poucos personagens, está sendo representada a própria tragédia corinthiana, enquanto a platéia, uma das maiores torcidas do Brasil, espera sofredamente pelo final feliz – um título de campeão paulista (ausente desde 1954). (Revista Veja, 7 de abril de 1971, edição 135: 71)

Os Gaviões da Fiel que se colocavam contra o continuísmo, contra as práticas políticas caras aos setores mais reacionários da sociedade brasileira dentro do Corinthians, representados pelo modo personalista e anti-democrático de dirigir o clube de Helu e pelo fim da fila<sup>81</sup>, viram na aliança com Matheus a chance de atingir esses objetivos, conforme relatou-me Dutra.

A Revolução Corinthiana, assumiu um caráter revolucionário apenas no nome, nada mais era que uma reforma dentro das estruturas de poder já pavimentadas dentro do conselho corintiano. Apoiar Martinez, e por trás dele Matheus, significava apenas uma alternância no grupo político que exerceria a direção do Corinthians, no máximo a possibilidade de que a reeleição e a solidificação de um mesmo candidato no poder tivesse fim. No entanto, ao invés de

<sup>80</sup> Revista Veja, 7 de abril de 1971, edição 135, p.71

<sup>81</sup> Termo recorrentemente utilizado para expressar a situação de times que, tendo uma história vencedora, passam longos períodos sem ganharem títulos de expressão.

promover críticas à atuação institucional dos Gaviões da Fiel ao apoiar Martinez, a reflexão mais cabível era das benesses e objetivos que a agremiação poderia amealhar a partir da vitória do candidato de oposição.

A afirmação da existência e mesmo da importância fundamental da estrutura no plano político, social e nos comportamentos dos indivíduos não pode ser visto como a negação das atitudes individuais ou de grupos. Mas sim reconhecer que essa liberdade é o modo como os indivíduos pensam e agem dentro de determinada estrutura, a seu favor ou a favor dos seus. Assim, a estrutura não atesta a inexistência da liberdade ou a negação da possibilidade de mudanças, mas o reconhecimento de que cada tempo histórico tem suas delimitações sejam elas sociais, do pensamento e no caso brasileiro do final dos anos 1960, o que chama mais atenção é a estrutura política, baseada na coerção e nas saídas restritas nos espaços institucionais (REIS, RIDENTE & SA MOTTA, 2004).

Analisar a relação entre o poder instituído no Corinthians e a vontade reformista dos Gaviões da Fiel, não responde apenas ao espectro restrito da relação de forças dentro do clube, mas é indicativo de como questões sociais e políticas fundamentais ao momento histórico chegam ao futebol. Em entrevista com Dutra, sócio fundador, a preocupação do entrevistado foi de reafirmar que a derrubada da Revolução Corinthiana não era o anseio final da torcida, mas que o movimento deveria contribuir para a redemocratização do país.

A filiação de muitos dos fundadores da torcida organizada com instituições marxistas de esquerda, toda elas na ilegalidade<sup>82</sup>, e a militância na UNE<sup>83</sup>, transparece que a luta por maior democracia no Corinthians era apenas uma das preocupações dos jovens fundadores dos Gaviões da Fiel. Por isso, atribuir a importância dos Gaviões da Fiel somente à sua atuação como suporte à equipe de futebol corintiana dentro do estádio seria diminuir por demais a sua importância social na cidade de São Paulo, ignorar o movimento de pressão política, e o incentivo posterior à fundação de torcidas organizadas em São Paulo após a sua fundação.

Desta forma, o trabalho político dos Gaviões da Fiel seguia as possibilidades abertas pela estrutura corintiana, com maior liberdade, possibilidades de alianças e um embate político aberto, apesar dos diversos embates com os seguranças do Corinthians e de Helu, ‘gente do DEOPS’ como me relatou Dutra. Já no amplo espectro político nacional a relação desses indivíduos com

---

<sup>82</sup> MR-8, ALN, VAR Palmares, PCB, PCdoB, o Partidão são alguns dos grupos que contavam com militantes nas fileiras dos Gaviões da Fiel.

<sup>83</sup> União Nacional dos Estudantes, órgão também na ilegalidade no período de fundação dos Gaviões da Fiel.

as esquerdas tinha de seguir outros parâmetros: reuniões escondidas, ações planejadas em pequenos grupos e o cuidado com os órgãos de repressão. Enquanto, no Corinthians a possibilidade que se punha era de uma atuação reformista, nas questões relativas à política brasileira o viés adotado foi a busca pela derrubada completa da ordem vigente.

Há que ser feito o breve parêntese, que os Gaviões da Fiel não foram a primeira torcida organizada desse que podemos chamar de ressurgimento das formas coletivizadas de torcer. Pois sua fundação foi antecedida em alguns meses pela formação da Torcida Jovem – Amor Maior, da Ponte Preta de Campinas, torcida essa que se intitula como a primeira Torcida Jovem de São Paulo.

Apesar do nome da torcida campineira remeter às organizações torcedoras cariocas, que nascem em contestação às torcidas organizadas e à charanga nos fins dos anos 1960 e início dos anos 1970. A Torcida Jovem da Ponte Preta nasce em março de 1969 com uma íntima relação com a diretoria ponte-pretana, desta forma, a proximidade com as torcidas cariocas dá-se apenas no nome, não nas práticas ou métodos organizativos e conceitos.

Assim sendo, os Gaviões da Fiel trarão nos seus princípios e práticas norteadoras semelhanças maiores com as torcidas jovens cariocas que o *modus operandi* adotados pela torcida alvi-negra de Campinas e pelas torcidas uniformizadas da capital paulista da década de 1940. O relevante é a percepção de que o final dos anos 1960 e início dos anos 1970 protagonizaram um movimento constante de fundação de agremiações de torcedores em São Paulo e no Rio de Janeiro.

A forma e os ideais dos Gaviões da Fiel tomaram tamanha repercussão e se tornaram um modelo hegemônico para instituições similares que o nascimento anterior da torcida campineira, acaba sendo ignorado frente à história da torcida alvinegra paulistana. A proximidade da criação de ambas e o movimento de Torcidas Jovens no Rio de Janeiro alicerçam um novo momento das torcidas, sob uma lógica nascente que se fortifica a partir das relações e experiências conjuntas em cada clube e torcida.

Dentro de uma estrutura social e política, em que a organização de grupos, sob qualquer interesse era vista como suspeita, principalmente depois do AI-5<sup>84</sup>, o nascimento dos Gaviões da

---

<sup>84</sup> Ato Institucional Número 5, de 13 de dezembro de 1968. Disponível para consulta na página digital: [http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=5&tipo\\_norma=AIT&data=19681213&link=s](http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=5&tipo_norma=AIT&data=19681213&link=s) acessado em 25/08/2010.

Fiel é algo relevante para o momento político. As associações, mesmo que para fins declaradamente não-políticos<sup>85</sup>, já constituíam um enfrentamento à estrutura vigente.

A resistência desses torcedores não foi só a uma década de presidência de Wadih Helu, mas também foi a resistência ao sistema político vigente, mesmo que sem propostas de amplo espectro político a existência dos Gaviões da Fiel em si e sua posterior notoriedade mostram que o associativismo ainda era possível, por mais vigiado que fosse.

Os Gaviões da Fiel, que desde a fundação marcaram seu caráter autonomista frente ao Corinthians em seu nome de batismo ao acrescentar o termo Força Independente em prol do Corinthians, a partir de 1971 contaram com um potencial aliado como presidente. Mas ao contrário do que podia parecer à primeira impressão Martinez tinha outros planos para a torcida quase levando à ruína a incipiente formação torcedora.

O objetivo de Miguel Martinez como presidente corintiano era trazer os Gaviões para dentro do Parque São Jorge, torná-los a torcida oficial do Corinthians. Conforme relato de Dutra o interesse desta apropriação vinha de Matheus, com quem a torcida organizada havia tratado o apoio à chapa vitoriosa. Ao trazer para dentro dos portões do clube o potencial contestador dos Gaviões da Fiel, seria muito mais simples suprimi-lo. O expediente usado por Martinez prometia recompensas significativas para aqueles que aderissem à oportunidade de tornarem-se essa torcida organizada oficial do Corinthians, todas as necessidades da torcida arcadas pelo clube (CÉSAR, 1981: 58-9).

A escolha posta era entre as diversas benesses oferecidas pela diretoria corintiana, que agia no objetivo de encampar os Gaviões da Fiel, e a liberdade e a autonomia do movimento. Contudo, não podemos pensar que a forma organizativa que propiciou a decisão tenha advindo do centralismo democrático, muito pelo contrário o processo que se deu foi de ruptura e fundação de uma nova torcida, o que quase causou o esvaziamento dos Gaviões da Fiel por falta de sócios, na visão de Benedito Tadeu César (CÉSAR, 1981) também atestado por Claudio Romero, um dos artífices da ruptura, porém negado por Dutra.

Através do relato de Luís Carlos (CÉSAR, 1981), responsável pela palestra aos novos sócios nos Gaviões da Fiel, César relatou as dificuldades criadas pela cisão criadora da Camisa 12 à continuidade dos Gaviões:

---

<sup>85</sup> Se é que fins não políticos existam.

Como os Gaviões não aceitaram se transformar numa torcida oficial e, inclusive passamos a fazer oposição à diretoria do Martinez, eles criaram a Camisa 12. Chamaram o Vila Nova<sup>86</sup> e ofereceram a ele todas as vantagens que a gente tinha recusado. Ele, que era um Gavião, traiu a gente e junto com outros receberam instrumentos para a bateria, uniformes, ingressos, passagens e condução grátis. Mas tinham que fazer tudo o que eles queriam. A Camisa 12 chegou até a ser maior do que a gente. Foi um tempo difícil. Nós éramos poucos e sofriamos pressão de todo lado. A diretoria do Corinthians chamava a gente de arruaceiros, moleques e os jornais apoiavam. Bastava um de nós entrar numa briga e já vinha pau na gente. A imprensa fazia o maior estardalhaço. Tratavam a gente como bandidos. Mas nós fomos crescendo e hoje somos a maior torcida de São Paulo, e talvez do Brasil. Mas foi muito difícil limpar nosso nome. E isso a gente conseguiu porque a gente é mesmo diferente dos outros. (CÉSAR, 1981: 58-9)

A nova torcida fundada a partir da ruptura, envolvia egressos dos Gaviões da Fiel e assumiu o nome de Camisa 12, ou seja a torcida que joga junto com o time. “Dos cerca de 500 membros, restaram menos de 100, aceitando os benefícios e imposições da diretoria...” (CÉSAR, 1981 p.101). Conforme César, que desenvolveu sua pesquisa de campo já alguns anos após o acontecido, mas com acesso a muitos dos envolvidos neste momento histórico, se pode atribuir identidades tanto aos que ficarem como àqueles que saíram. O conflito manifesto pela dicotomia Gaviões da Fiel e Camisa 12 poderia ser sinalizado por outros denominadores.

Para César, que teve a oportunidade de entrevistar o sócio-fundador número 1 e primeiro presidente Flávio de La Selva, a ruptura teve um caráter de cisão entre a base e a cúpula, também tratada como racha entre a diretoria e as pessoas próximas a ela e os maloqueiros. O autor afirma que os maloqueiros, mais pobres e com menor acesso ao ensino, teriam sido seduzidos pelas benesses que seu dinheiro não poderia arcar, argumenta que o projeto político dos Gaviões, fazia sentido aos próximos, mas aos maloqueiros não ao ponto de negar as recompensas materiais propostas. Analisando sobre esta ótica o autor vai afirmar que a preocupação sobre um projeto político para os Gaviões, sobre a torcida significar algo além de uma união para torcer pelo Corinthians e a possibilidade de ampliar as atividades da torcida para algo mais diversificado que atendesse questões de formação cultural dos indivíduos era uma preocupação relevante apenas para uma alta cúpula. Enquanto que os maloqueiros, talvez pela carência de uma melhor formação educacional, que lhes propiciassem uma visão de mundo similar à da cúpula diretiva, quisessem que a torcida fosse apenas um meio privilegiado de sociabilidade entre corintianos, que lhes facilitasse o acesso aos jogos, pois seu objetivo principal era apoiar o Corinthians, outras questões teriam um interesse secundário que poderiam ser deixadas de lado.

---

<sup>86</sup> Na realidade o nome correto é Vila Maria, apelido de Cláudio Romero.

O excerto da dissertação de César aponta para um juízo classista sobre a ruptura que originou a Camisa 12, pois além de conceber a reflexão e atuação política a uma elite econômica e cultural dos Gaviões da Fiel, apreende que a base seja vendável por não ter consciência política e, nem sequer, uma identidade arraigada aos Gaviões da Fiel.

Quem saiu dos Gaviões para formar a Camisa 12 foram exatamente os ‘maloqueiros’ da época. Os torcedores mais fanáticos, mas ao mesmo tempo, os de menor nível cultural e intelectual, além de pertencerem às camadas de renda inferiores dos fundadores da Gaviões. É principalmente o núcleo de estudantes, que havia fundado o Grêmio dos Gaviões como grupo de pressão e oposição à diretoria da época é que se mantém fiel a esse objetivo, não cedendo nem cooptando com a nova diretoria eleita, e que, inicialmente, recebia apoio. Isso não ocorre com o grupo mais numeroso dos mais incultos e de menor renda que dá origem à Camisa 12... (CÉSAR, 1981 p.168)

Além das questões fundamentais à manutenção da existência da torcida, a grande afluência de torcedores à Camisa 12 na primeira metade da década de 1970, superou em número os Gaviões e foi durante algum tempo a maior torcida do Corinthians e quiçá do estado. Situações que eram um empecilho à atuação política dos Gaviões (CÉSAR, 1981), tanto para manter suas portas abertas, na primeira sede da Santa Ifigênia, como para impor sua força política e reivindicativa.

No entanto, a versão que me foi relatada por Dutra traz diferenças significativas àquela que César teve acesso e formulou pelo viés althusseriano. Conforme Dutra os artífices da ruptura foram Cláudio Romero (Vila Maria), Cléber (Clébão) e Raul.

Vila Maria em nome dos Gaviões, apesar Flávio de La Selva ser o presidente no período e desconhecer as negociações, procurou tanto Helu como Matheus atrás das melhores benesses para os Gaviões da Fiel e para si. Segundo Dutra, Vila Maria era um oportunista, que queria apenas o melhor para si, não para o Corinthians e nem para os Gaviões. Concepção essa que a etnografia de César também observa nas representações feitas sobre Vila Maria pelos membros dos Gaviões da Fiel na segunda metade da década de 1970 (CÉSAR, 1981).

O acerto entre Vila Maria e Martinez/Matheus foi o marco fundador da Camisa 12, que rapidamente adquire sua sala nas dependências do Parque São Jorge, consegue sua bateria e panos para bandeira, além da entrada facilitada nos jogos, tudo como o prometido, inclusive a subserviência dos membros da nova torcida em relação à direção corintiana. Vila Maria, perguntado sobre o assunto, afirmou-me que a sala que foi usada pela Camisa 12 fora no passado

a mesma usada pelos Gaviões da Fiel no Parque São Jorge, não existia, na sua visão, nenhuma benesse especial para a nova torcida.

Ao contrário de César que identificou uma ruptura entre alta cúpula e base nesse processo de saída de torcedores para a formação da Camisa 12, Dutra afirma que quem saiu dos Gaviões fora o grupo mais próximo a Cláudio Romero. Desta forma, existem mostras que as articulações de bairro ainda faziam sentido dentro da torcida organizada, não foram relações que se dissiparam em prol de uma identidade maior dos Gaviões. Logo, Cláudio Romero, teve amplo apoio de seus colegas da área da Vila Maria e cercanias, com que tinha mais proximidade, devido à história compartilhada em anos de idas e vindas dos jogos e das sociabilidades de bairro.

Durante anos Cláudio Romero, ou Vila Maria, foi o presidente da Camisa 12, sendo que a torcida às vezes era chamada genericamente por Dutra durante a entrevista por torcida do Vila Maria. Esse caráter personalista e continuísta da direção também é detectado por César, que inclusive mostrará como as críticas do Bom Retiro, sede dos Gaviões, contém acusações de desvio de verba e aproveitamento da imagem corintiana em prol dos diretores da Camisa 12.

Ninguém ganha nada [nos Gaviões]. Agora, na ‘Camisa’ eu não sei, né... O Presidente deles não trabalha, não faz nada... De onde ele vive? Tem cara que quer se promover através do Corinthians, então funda uma torcida e os bobocas sustentam ele. Aqui não. O Presidente da ‘Camisa’ já foi Gavião. Hoje ele nem entra aqui. A gente não deixa. Quando é para resolver algum assunto com eles a gente resolve através da ATOESP. (CÉSAR, 1981: 22-3)

A rivalidade, que acompanhou todo o processo de ruptura nos Gaviões e formação da Camisa 12, algo que se refletirá na rivalidade entre as torcidas durante longo tempo, soa paradoxal, afinal em última instância ambos os grupos tem o interesse de apoiar o Corinthians, mas a forma como esse apoio é organizado transforma-se em condição fundamental.

“No início da década de 70, *A Folha de S. Paulo* refere-se à autora dos espetáculos das tribunas com o genérico torcida – seja a torcida do São Paulo ou a torcida corintiana, por exemplo. Com o avanço da época, tal torcida passa a ser designada, na maioria das vezes, através dos nomes das torcidas organizadas nascidas durante a década.” (AGUILERA, 2004: 33) As mais citadas durante o período inicial da década de 1970 são os Gaviões da Fiel, a Camisa 12 e a Tricolor Independente (AGUILERA, 2004).

Talvez pelo orgulho de ser Gaviões da Fiel, e, jamais podendo aceitar as questões relativas a uma potencial dificuldade de sua torcida frente à ascensão da Camisa 12, Dutra

afirmou-me que o grupo de Cláudio Romero nunca foi problema à existência dos Gaviões, que continuaram em crescimento durante todos esses acontecimentos. E para confirmar a sua hipótese relatou-me que a rivalidade rompeu as barreiras do discurso e que a confrontação física era cotidiana.

A vingança dos Gaviões contra a Camisa 12, segundo Dutra, era prova cabal de como sua torcida contava com mais membros que os rivais em todos os momentos. Os Gaviões, nas palavras de Dutra, em todos os jogos, durante longo período, organizavam-se para a briga contra a Camisa 12, e por serem melhores de briga e em maior número fizeram com que os rivais passassem vários jogos sem poder acompanhar o Corinthians, barrando-os na frente dos estádios. Naquela época, diferentemente de hoje, as brigas eram tão somente com as mãos, sem barras de ferro, sem armas, aquele que tivesse mais recursos na luta, fosse mais brigador se daria bem, argumenta Dutra.

Estes momentos de briga, o primeiro que me foi relatado pelo entrevistado foi com a Camisa 12, depois com a Torcida Jovem Santista, Sangue Santista e Leões da Fabulosa<sup>87</sup>, segundo meu informante o principal responsável pelos embates era o descontentamento dos jovens da época com a situação vigente no país, a Ditadura, e era uma atividade compartilhada tanto por elementos mais próximos à presidência como por vários que tinham o interesse principal na vivência do pré-jogo e das partidas em si. Torcedores como Batata e Sabá, reconhecidos brigadores (CÉSAR, 1981 p.76-7), também chamados de ‘porra-loca’ pelo informante, cujos interesses eram beber, assistir o Corinthians, brigar se necessário e depois comemorar até altas horas cerravam fileiras junto do próprio Dutra, de Joca, dentre outros, um dos poucos que nunca entrava em brigas, nas palavras de Dutra era Flávio de La Selva. Soa bastante controversa a concepção do entrevistado sobre as motivações da década de 1970 para a violência entre os torcedores, já que não existiam torcidas declaradamente de esquerda e de direita, parecendo ser a livre fruição de um descontentamento qualquer.

Flávio e Joca emergem como modelos dicotômicos, porém complementares de representações e atribuições dos Gaviões da Fiel ao longo de sua história. Enquanto Flávio simbolizou as representações sobre o lado combativo politicamente, agregador das diferenças,

---

<sup>87</sup> Para dar um parâmetro do tamanho da Camisa 12, que conforme seu site oficial era logo da sua fundação uma das maiores torcidas do Brasil, meu informante argumentou que na realidade eles eram menores em números de torcedores e mais fracos na briga que os Leões da Fabulosa, torcida organizada da Portuguesa de Desportos. Ainda não consegui entender se a afirmação de Camargo foi uma jocosidade ou se fora séria, perguntado novamente ele afirmou estar falando sério.

atrelado aos movimentos sociais do período; Joca encarnou as representações sobre a juventude do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, através da inconsequência, das bebedeiras, drogas ilícitas e por fim das brigas, que tanto podem ser analisadas como elemento de desavença e segregação entre torcidas como um catalisador da coesão interna e do sentido de amizade e aventura (HOLLANDA,2010) constantes na experiência de ser torcedor organizado.

Os momentos em que os Gaviões da Fiel mais cresceram em membros na sua primeira década foram, na visão de Dutra, respectivamente a invasão do Maracanã<sup>88</sup>, em 1976 e as finais do campeonato paulista de 1977, ano do fim da fila e da primeira parte da etnografia de Benedito Tadeu César (1981).

Conforme o entrevistado o número de torcedores que procuraram os Gaviões após a excursão ao Rio de Janeiro, promoveu o primeiro grande e repentino aumento de torcedores.

No ano anterior [1976] o Corinthians ficara em segundo lugar nesse torneio [Campeonato Brasileiro de Futebol] e a 'fiel' torcida, comandada pelos Gaviões tinha invadido vários Estados e estádios do País, além de ter 'tomado de assalto' como eles gostam de falar, o Rio de Janeiro e o Maracanã, para onde cerca de 150 mil corinthianos se locomoveram para incentivar o time. (CÉSAR, 1981: 72-3)

Vendo a organização da torcida presencialmente ou pela televisão o número de membros aumentou muito em função disso, segundo relato de Dutra. Já as finais do campeonato paulista de 1977, oportunidade aguardada para terminar o jejum de títulos corinthianos, foi outro momento de elevada procura pela filiação aos Gaviões, fato também relatado por César:

Após pagar meu ingresso saí para conhecer melhor a sede e conversar com as pessoas que iam chegando. Era uma multidão que queria 'ficar sócio', comprar ingresso ou começava a se preparar para o jogo picando papéis, arrumando instrumentos da bateria, verificando as bandeiras e os bambus que lhes servem de cabo. (CÉSAR, 1981: 31)

O crescimento dos Gaviões da Fiel em diversos momentos nos anos 1970 e 1980, não parece ter diminuído a importância central da alta cúpula e da emissão e reafirmação de

---

<sup>88</sup> Acontecimento ímpar na história nacional, devida à classificação do Corinthians às semi-finais do campeonato brasileiro de 1976, quando enfrentaria o Fluminense no Rio de Janeiro, sua torcida promoveu uma ida em massa de São Paulo ao Rio de Janeiro. Por volta de 70 mil corinthianos vindo de São Paulo acompanharam a partida no Maracanã e outros tantos por não conseguirem ingressos foram ao Rio de Janeiro, apenas para apoiar o time mostrar a força da torcida corinthiana e se divertir neste evento de massas, que segundo se dizia na época fora a maior movimentação humana em tempos de paz. Sobre a invasão do Maracanã consultar RODRIGUES, Nelson. A invasão Corinthiana. O Globo, Rio de Janeiro de 6/12/1976.

princípios norteadores de uma ética torcedora, nem sempre cumprida, mas que buscava coibir alguns abusos, como a violência excessiva (CÉSAR, 1981).

No entanto, ressaltando o viés pacificador e a inteligência política de Flávio de La Selva, Dutra e também Vila Maria argumentaram que as rivalidade dos primeiros tempos dos Gaviões com a Torcida Jovem do Santos, principal rival dos Gaviões no primeiro período foram se transformando em amizade entre as lideranças, tanto que Flávio de La Selva foi padrinho de casamento de Cosmo Damião e Joca padrinho do filho do fundador da torcida santista. Até 1978, ano da etnografia de César, essa amizade ainda era inexistente, tanto que o autor relata o duelo inicial entre Gaviões da Fiel e Torcida Jovem do Santos, que aglutinou as outras torcidas corinthianas que estavam por perto, inclusive a Camisa 12, para dar conta do contingente santista.

Com a aproximação entre a Torcida Jovem do Santos e os Gaviões da Fiel por meio das diretorias cessaram as hostilidades entre as duas torcidas. Contudo, nas palavras de Dutra, existiam grupos dentro da torcida santista que não aderiram a esse pacto de paz e por descontentamento pelo fim das brigas, criaram a Sangue Santista, que já nasceu sob o signo da rivalidade com os Gaviões da Fiel.

Em relação aos Leões da Fabulosa a rivalidade violenta, também nas palavras de Dutra, fora superada pela habilidade política de Flávio de La Selva num pacto com a direção da torcida organizada da Portuguesa de Desportos.

Nas palavras de Dutra, transparece um Flávio de La Selva extremamente habilidoso politicamente na relação com as torcidas rivais, dentro da estrutura política do Corinthians e para conformar ao seu modo, logicamente com algumas aberturas, o funcionamento, organização e práticas dos Gaviões da Fiel. Incentivador da formação de novas torcidas, do Corinthians ou dos clubes adversários, idealizador e fundador da ATOESP, entidade que buscou congregar as torcidas organizadas de todos os times do estado de São Paulo para amenizar as rivalidades violentas, aproximou-se da polícia para a melhoria das relações e reivindicações de pautas em comum.

Desta forma, o ar normativo, paradigma dos chefes de torcida cariocas da década de 1940 em diante, mesmo que não assumido da mesma forma nos Gaviões da Fiel guardou algumas semelhanças, fruto de uma nova experiência, outro local e momento histórico diferente.

O espectro de Flávio de La Selva como organizador e principal inventor de um modo Gaviões da Fiel de ser, - a palavra ideia foi a todo momento retomada por Dutra em seu relato -,

era um guia daquilo que a torcida e seus torcedores deveriam prezar em primeira instância, um código moral. A manutenção de uma tradição que permeia a torcida desde sua fundação é um valor cobrado a todo momento a partir das palavras de ordem: Humildade, Lealdade e Procedimento. Lema esse que é cobrado no cuidado com a ‘coisa pública’ dos Gaviões da Fiel, em sempre representar a torcida corretamente - por isso diminuir o máximo possível as brigas e a violência -, a autonomia frente ao Corinthians para sempre dar ao clube ao invés de receber, o caráter militante e fiscalizador do cotidiano corintiano, esse molde extremamente vinculado à história de vida do Flávio de La Selva foi um dos norteadores dos Gaviões durante as primeiras décadas de existência.

Na observância e buscando a continuidade de um padrão na direção da torcida organizada, vários dos primeiros presidentes tinham relação íntima com Flávio de La Selva. No Conselho, onde a votação era encaminhada, sempre antes do pleito, a decisão já estava alinhavada por Flávio que se encarregava de conseguir a maioria dos votos para o candidato que apoiava, conforme Dutra me descreveu as relações internas do Conselho. Uma democracia, pouco ampla, apoiada sob um Conselho restrito, de forma a manter um rodízio entre elementos que compartilhavam da mesma identidade da alta cúpula dos Gaviões.

Conforme Pimenta (1997), o modo organizativo e a restrita participação dos associados na escolha dos representantes das torcidas organizadas não é uma especificidade dos Gaviões da Fiel, mas uma conduta que é adotada nas organizações torcedoras de um modo geral.

O acesso de um membro comum a cargos diretivos nas torcidas está condicionado à sua participação no grupo de elite que dá suporte à organização; caso contrário, permanecerá na situação de sócio ou mero freqüentador das arquibancadas. A chegada do torcedor ao grupo de elite requer conhecimento da história, do passado, dos códigos emitidos e ainda, uma dedicação quase exclusiva aos interesses defendidos. Assim, na medida em que o associado adquire esses elementos indispensáveis, abre caminho para sua mobilidade dentro do grupo. (PIMENTA, 1997: 78)

Por meio da análise do jornal Folha de São Paulo Aguilera vai constatar que o futebol passará por uma crise de falta de público durante a década de 1980, esse acontecimento foi divulgado pelo periódico que apresentou um índice de apenas 5.160 pagantes em média, por jogo, no Campeonato Paulista de 1985. Entre as justificativas recolhidas pela Folha com seus entrevistados, os dirigentes, apareceram a falta de qualidade do espetáculo, a violência nas arquibancadas, desempenho ruim dos juízes e as transmissões televisivas. (AGUILERA, 2004)

Pela primeira vez desde sua existência[década de 1980], as torcidas organizadas aparecem, enquanto geradoras de atos de violência, como um dos fatores do afastamento dos torcedores dos estádios. Legitimadas enquanto tributárias do espetáculo, festa, alegria e paixão, as torcidas organizadas passam a ser fortemente censuradas enquanto artífices de violência. (AGUILERA, 2004: 55)

Toledo observou que no lugar de uma potencial atuação política promovida pelas coletividades de torcedores, ao longo dos anos 80, a procura por essas organizações muda seu principal caráter pela possibilidade de aparição individualizada e espetacular no domínio público (TOLEDO, 2002: 240). Somando-se a isso Toledo analisa como marco inaugural de crescentes delitos envolvendo os torcedores organizados como agentes ativos, e as torcidas imputadas como responsáveis, com a morte de Cléofa Sóstenes Dantas Silva, o guerreiro Cléo, presidente da Mancha Verde entre 1987 e 1988, ano de sua morte.

A questão da escalada da violência que permeará o juízo feito sobre os Gaviões da Fiel ao longo dos anos 1980 e início dos anos 1990, transformou uma representação feita pela mídia que inicialmente imputava à torcida a festa nas arquibancadas, para se tornar o terror da família nuclear e do cidadão de bem frequentador dos estádios, principais prejudicados na visão midiática pela ascensão da violência. O pânico moral, mais do que necessariamente os atos de violência vão permear esse período.

Aguilera identificou um período de transição que durou entre 1986 e 1993 na representação que a Folha de São Paulo fez das torcidas organizadas de um modo geral. Ao mesmo tempo em que a representação da torcida de festa e espetáculo continuou a aparecer em textos e fotos do periódico, ganha vulto as notícias sobre violência e as afirmações sobre agressões mútuas entre torcidas organizadas. Assim, esses dois modos de pensar as torcidas organizadas coabitam numa época em que o fato de que as agressões aumentam, e o número de sócios também, duas situações que não devem ser negligenciadas na análise. Processualmente durante os anos 1990 rareiam as notícias que têm como mote a festa promovida pelas torcidas organizadas na Folha de São Paulo, passando a aumentarem aquelas que relacionam o comportamento do grupo com a violência (AGUILERA, 2004: 62).

Por sua vez, Dutra identificou o marco da mudança do perfil da violência dentro dos Gaviões primeiro na morte primeiro de Flávio de La Selva, por câncer no ano de 1988, e dois anos depois na morte de Joca, Alcides Jorge de Souza Piva, uma grande liderança dos Gaviões da

Fiel, sócio número 2, que faleceu em 1990. Com a morte dos dois, segundo Dutra, muita coisa mudou no Bom Retiro, tanto a influência direta de ambos, como o exemplo que os dois fundadores representavam não estava mais lá a todo momento para guiar a conduta dos jovens e nem dos novos dirigentes. Na visão de Dutra, algo mudara a partir dali e pelo modo como deu a entender essa mudança fora para pior, pois a tradição de ser Gaviões entrava em crise, refletindo-se nas atitudes da torcida.

Carlos Alberto Pimenta, também identificou o início dos anos 1990 como época do aumento tanto da violência como da inclusão de membros nas torcidas organizadas de um modo geral. Em sua análise ambos os fenômenos estavam atrelados, quanto mais notícias eram vinculadas ligando a violência, que em sua maior parte era imputada às torcidas organizadas, maior impacto as notícias e sua repercussão tiveram entre a população, dado o teor sensacionalista das reportagens, servia também de meio para contemplar a auto-estima do agressor e atraía jovens em busca de violência ou da agitação de uma experiência perigosa. (PIMENTA, 1997: 129)

Heloisa Reis constatou que a queda de público torcedor nos estádios se tornou recorrente a partir dos anos 1980, em comparação com décadas anteriores (REIS & ESCHER, 2006: 76). Argumenta que a incompetência dos organizadores do espetáculo<sup>89</sup>, não pode ser negada ao se fazer essa análise, e que consiste em um dos elementos que contribuem à existência de violência nos estádios brasileiros, seja a que tem por ator o torcedor organizado ou os outros torcedores que compartilham dos espaços do futebol.

Somados aos fatores estruturais do futebol nacional, dimensão que mostra os despropósitos dos dirigentes futebolísticos, Reis elenca ainda questões referentes à psicologia social que contribuem na explicação da violência relacionada ao futebol. A diminuição do controle social, experiência proporcionada pela massa que também ilude sob a correção das ações universalizadas<sup>90</sup>; as emoções vivenciadas na experiência torcedora, além do consumo exacerbado de álcool e drogas, que aumentam a possibilidade de um comportamento agressivo (REIS, 2006: 88-9).

---

<sup>89</sup> Incompetência essa que segundo (REIS, 2006) se mostra perceptível na manutenção dos estádios, no controle de venda dos ingressos e na horário em que são marcados os jogos, prejudiciais à assistência.

<sup>90</sup> O indivíduo acha que está agindo corretamente, pois a massa à sua volta age da mesma forma, questão que é influenciada pelo mecanismo de imitação.

Tanto Toledo, como Pimenta e Reis observaram que a década de 1990 representou um novo momento das torcidas organizadas e consecutivamente da sua relação com clubes, polícia e justiça. O gradual aumento dos casos policiais que envolveram torcedores, o grande aumento do número de associados, nas capitais e no interior, por meio das sub-sedes<sup>91</sup>; bem como o despreparo da justiça, polícia e organizadores do espetáculo para atuar de força preventiva e repressiva frente a essa nova realidade foram características do final do século XX.

A execução do Guerreiro Cléo, dirigente da torcida Mancha Verde, o aumento do poder financeiro das torcidas organizadas com a entrada desses grupos no carnaval paulistano, o fim da ATOESP, fórum de debate e resolução de questões internas às torcidas organizadas, são questões que também não podem ser desprezadas durante a década de 1990, como a política de sucessivas proibições nos estádios paulistas, um dos fatores elencados pelos torcedores entrevistados para o aumento da violência, sem poder fazer a festa nos estádios na visão dos entrevistados alguns torcedores procuraram exercer seu papel participante através da violência contra os adversários, um modo do indivíduo amealhar status dentro da torcida e representar positivamente sua agremiação, pois ser a torcida mais temida, roubar faixas, camisas e outros adereços dos adversário gera respeito e temor.

No entanto, o principal marco da década de 1990, a tragédia do Pacaembu, enfrentamento que culminou com mais de uma centena de feridos e a morte de um torcedor são paulino<sup>92</sup> no gramado do próprio estádio, deve ser analisado para além dos estereótipos da mídia do período e as atitudes tomadas pela justiça, como fechamento das torcidas organizadas Mancha Verde e Torcida Organizada Independente, que foram refundadas sob os nomes de Mancha Alviverde e Tricolor Independente respectivamente.

O rótulo de selvagens e criminosos mais uma vez foi imposto aos torcedores organizados, mesmo sem qualquer garantia que esses fossem os responsáveis pelo conflito, e nos diversos debates do período deixou-se de lado as responsabilidades dos outros atores do espetáculo futebolístico. Como analisou Reis (2006), além da violência dos torcedores deve ser levada em conta a falta de estrutura do estádio do Pacaembu para receber qualquer jogo no período, pois o estádio estava em reforma, com diversos materiais que facilmente poderiam se tornar armas,

---

<sup>91</sup> Conforme relato de Dutra, informação posteriormente também afirmada por Vila Maria em relação à sua torcida, além da grande quantidade de novos adeptos jovens nas torcidas organizadas, outro fator que provocou o grande aumento no número de sócios foi a centralização dos números de registro e carteirinhas das sub-sedes, que em seu princípio eram organizados separadamente das matrizes dos Gaviões da Fiel e da Camisa 12.

<sup>92</sup> Márcio Gasperin da Silva

como de fato se tornaram durante o enfrentamento; o baixo contingente policial para um clássico de tamanha rivalidade, mesmo nas categorias amadoras. Assim, como analisa Alabarces (2004) no caso argentino, as leis são espasmódicas feitas em consequência de episódios de alta repercussão midiática, para abrandar o senso de justiça da população e retirar o tema de pauta, neste intuito os únicos punidos são os torcedores, em detrimento de toda uma estrutura deficitária e problemática que existe no futebol brasileiro.

A criminalização das torcidas organizadas serviu de modo a parecer ao torcedor que a paz havia sido restaurada nos estádios de São Paulo, mesmo que essa propalada paz nunca tenha existido como foi representada e mesmo que os torcedores não sejam os únicos culpados das situações de violência que compõem o espetáculo esportivo. Mais do que achar culpados e corrigir os erros, a extinção das duas torcidas acalmou os ânimos da mídia e contribuiu para a continuidade das deficiências de estádios, clubes, federações e confederação.

Com o objetivo de analisar o discurso da academia sobre a relação entre os torcedores e como a violência existe dentro do espetáculo futebolístico

Por não interpretar os torcedores organizados como os únicos responsáveis pela violência relacionada ao espetáculo esportivo e entender que a violência tem diversas explicações sociais e objetivos na conduta tanto de quem desencadeia como de quem a reprime o capítulo seguinte será uma análise de como a academia reflete sobre as questões referentes à violência e a formulação de um modelo de torcedor organizado que se tornou hegemônico e vitorioso dentro das torcidas, baseado na experiência dos Gaviões da Fiel.

#### **4. – CLUBISMO, PERTENCIMENTO NA TORCIDA ORGANIZADA E VIOLÊNCIA NO FUTEBOL**

A reflexão teórica sobre a questão do torcer e a violência relacionada ao espetáculo futebolístico serão o foco principal deste capítulo. Refletir sobre o modo como a bibliografia referente ao futebol nas ciências humanas conceitua ambos os fenômenos é de extrema importância para o entender a relação que os jovens torcedores organizados têm com a violência nos ambientes futebolísticos<sup>93</sup>.

A análise teórica sobre a relação que os indivíduos desenvolvem com os clubes para o qual torcem, o vínculo clubístico ou clubismo (DAMO,2002,2006,2007), é de extrema relevância para pensar como os torcedores estabelecem identidades praticamente irrevogáveis com seus times, adotam representações em comum e encontram disposição para seguir um código de ética e paixão que envolve o rigor e a abnegação.

O estudo referente à violência nos diversos espaços do futebol, foi feito a partir da bibliografia brasileira sobre o tema, bem como do debate desenvolvido na Argentina na Universidade de Bueno Aires e na Inglaterra pela Escola Leicester, centro de tradição na temática da violência no futebol a partir do referencial eliseano<sup>94</sup>.

A bibliografia acadêmica desenvolvida tanto na Inglaterra como na Argentina não podem ser simplesmente transpostas ao caso brasileiro. Contudo, as reflexões feitas em ambos os países trazem avanços relevantes que podem servir ao caso nacional, desde que não seja negada ou ignorada as diferenças sociais entre os países, suas peculiaridades na organização do futebol e na estrutura das coletividades torcedoras.

Há que se frisar, de antemão, que nenhuma das bibliografias estrangeiras estudadas, traz instituições similares às torcidas organizadas. Sendo essa coletividade de torcedores uma peculiaridade brasileira, principalmente no que tange sua estrutura burocrática e o cadastro institucional de parte delas, a partir do CNPJ, e a existência de um sistema de filiação burocrático, não vínculos baseados na amizade e no comparecimento frequente aos jogos ou

---

<sup>93</sup> Como afirma Toledo, os espaços podem ser apropriados e resignificados pelo futebol, mesmo que não sejam pensados especificamente para a prática ou assistência do esporte: “Um desses clássicos, e poderíamos mencionar o mais tradicional entre eles do ponto de vista histórico, Corinthians versus Palmeiras, pode até mesmo alterar regras rotineiras de convivência e ocupação dos espaços urbanos. Espaços que são reordenados, reapropriados e mesmo resignificados em função de jogos e torcidas.” (TOLEDO,1996)

<sup>94</sup> Estudos que baseiam nas proposições teóricas de Norbert Elias.

outros espaços do futebol. Situação que deve ser posta em perspectiva ao pensar os torcedores organizados frente uma análise comparativa.

O estado de São Paulo traz ainda outra peculiaridade frente a outros casos regionais. O modelo de torcida organizada, desenvolvido primeiramente pelos Gaviões da Fiel, frente outras formas de organização de torcedores jovens no Rio de Janeiro, são significativamente diferentes, apesar de guardarem semelhanças. Assim, os Gaviões da Fiel e as torcidas organizadas de São Paulo fundaram um novo modelo de organização e métodos de torcer coletivamente no Brasil, o que torna necessária uma análise específica dessas instituições e de seus jovens torcedores.

#### **4.1 – O vínculo clubístico ou o clubismo**

A relação entre os torcedores e seus clubes, vínculo de pertencimento reconhecido socialmente e bastante estimulado no Brasil, faz-se necessário às reflexões sobre o que significa ao torcedor escolher um time e fazer parte da sua massa torcedora. As rivalidades e seus enfrentamentos no futebol brasileiro contam, em parte, com os códigos do clubismo para enraizar-se e buscar sentido na sociedade, um sentido interno ao futebol, mas nem por isso destituído de sentido.

O vínculo de pertencimento entre o torcedor e seu clube, chamado de vínculo ou pertencimento clubístico (DAMO,2002,2006,2007) é pensado dentro das peculiaridades do futebol brasileiro<sup>95</sup>. Pois, neste caso as especificidades nacionais e mesmo as relações dentro das cidades em que os clubes se desenvolvem serão parte relevante às características de cada pertencimento clubístico e às representações que emergem conjuntamente a essa pertença. Apesar das especificidades, os fatores que levam um indivíduo a escolher um time para apoiar e o sistema de regras e constrangimentos em que se baseia o pertencimento clubístico podem ser pensados em espectro nacional.

Como delimita Damo:

---

<sup>95</sup> Um futebol de clubes de alto rendimento desenvolvido majoritariamente nas capitais e regiões de maior densidade populacional, que faz a transição entre o regime amador de relação trabalhista com os jogadores para o regime profissional de trabalho e conta com o adensamento da massa torcedora ao longo do século XX, mudando gradualmente de pequenas comunidades de sócios passando a ser personificados com as grandes massas de torcedores. Esse processo é descrito de forma mais apurada no capítulo 2 da presente dissertação, referido aos casos de São Paulo e Rio de Janeiro.

Um dos aspectos mais importantes dessa opção, que mobiliza os laços de sociabilidade mais próximos, é que, uma vez realizada, não pode ser alterada. Sendo assim, o clube do coração deixa de ser uma escolha momentânea, cabendo ao torcedor o ônus da opção. Torcer é o mesmo que pertencer, o que significa literalmente, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações. Tudo isso, é claro, de acordo com a importância ou significado assumido pelo futebol e pela paixão clubística na vida de cada torcedor. (Damo, 2002: 12)

Assim, o autor argumenta que a escolha de um time ganha caráter irrevogável, guardando aos poucos torcedores que desafiam essa lógica palavras pouco lisonjeiras, como vira-casacas e traidor, afinal uma vez assumida a escolha assume-se o ônus e o bônus de ser torcedor de determinada equipe.

Somando-se a isso Damo identifica que, as primeiras lições consonantes ao pertencimento clubístico vêm muitas vezes de casa, espaço onde o pai ou outros homens de ascendência no ambiente familiar exercem a influência na escolha do time e na forma de interpretar essa identidade incipiente. Assim, creio que o primeiro contato do torcedor com o pertencimento clubístico seja intermediado pelo ambiente familiar, mesmo que seja para negar a opção predominante.

O fato dos torcedores assumirem diferentes graus de proximidade e interesse pelos seus respectivos clubes faz com que alguns encarem determinados preceitos do clubismo com muito mais vigor do que outros, pautando-se pelas obrigações desse código de ética transmitido entre os torcedores.

Ainda que usados seguidamente como sinônimos, torcer e pertencer não são exatamente o mesmo. O primeiro serve para caracterizar tanto as adesões duradouras quanto as eventuais, ao passo que o pertencimento denota uma modalidade de envolvimento propriamente intensa, equivalente ao que os nativos caracterizam como ‘torcedor fanático’, ‘doente’, ‘cego’, etc. (Damo, 2007: 52)

Desta forma, o clubismo pode ser relativizado, algo que acontece com os torcedores menos atenciosos ou envolvidos com a equipe. Contudo, mesmo o torcedor mais relapso internaliza determinadas normas. A mais elementar dentre elas é sobre a impossibilidade de torcer para um clube e ao mesmo tempo apresentar qualquer apoio ou afeto aos principais rivais. Logo, dentro da lógica do clubismo é impossível ser corintiano e ao mesmo tempo ter empatia pelo Palmeiras, São Paulo e até mesmo pelo Santos, principais rivais do clube alvinegro de São

Paulo. O desejável é que todo o torcedor corintiano torça pela derrota de seus rivais, tanto quanto pelas vitórias de sua equipe.

O clubismo, que no Brasil existe predominantemente relacionado ao futebol, dita aos adeptos a fidelidade ao clube e a oposição sistemática aos rivais. Na concepção de Damo, esses valores se enraízam no procedimento dos torcedores, pois o clubismo é “um sistema que dá suporte à produção e circulação de emoções a partir da adesão do indivíduo (torcedor) a uma dada agremiação” (2006: 45), condição essa necessária para uma comunidade de sentimentos entre os torcedores, algo que aproxima mesmo os desconhecidos em espaços onde o futebol é elemento de discussão e de vivência<sup>96</sup>.

No entanto, não só o sentimento comum de fidelidade ao clube e hostilidade aos adversários sustenta o clubismo, sendo de alta relevância as representações que se faz do clube e sua torcida, as identidades assumidas e como esses elementos dialogam com a história dos clubes. Analisar o clubismo como um código que encontra seu sentido e sua formação apenas no futebol seria deixar de refletir sobre as intrincadas tramas sociais que envolvem o modo como se pensam os clubes e como as torcidas se veem e são vistas.

Como estas são identificadas com certas categorias sociais, pinçadas aqui e ali ao longo da história do clube, o clubismo adquire não apenas conteúdo, senão que estabelece intersecções do campo esportivo com outros campos, tramando os pertencimentos futebolísticos às identidades de classe social, raça, cidade, região, religião, nação e assim por diante. Essas tramas identitárias não são necessariamente coerentes. São construções, por vezes ficcionais, para as quais os mitos são mais relevantes do que a história, e a memória seletiva do que as estatísticas. (DAMO, 2006:48)

Analisar os processos históricos que levam à formação de estereótipos sobre os clubes e seus torcedores ao longo do século é importante para entender a apreciação que esses torcedores fazem sobre si próprios e sobre seus rivais, e como se fundamentam essas rivalidades herdadas pelos torcedores como obrigação e norteadoras das relações sociais nos espaços do futebol.

As relações forjadas para estabelecer a identidade dos clubes num diálogo que envolve classe social, cidade, região e raça são fundamentais para entender as representações feitas sobre

---

<sup>96</sup> Identifico que as relações que os espaços guardam com determinadas práticas, neste caso o futebol, tem o caráter de mudar rapidamente conforme sua ocupação pelos grupos sociais que constituem a dinâmica urbana. Por isso, parte do tempo e das vivências desenvolvidas em espaços como as ruas, os bares, os pontos de ônibus e estações de metrô, dentro outros espaços, guardam uma íntima relação com o futebol em dias de jogos e nos dias posteriores devido às discussões e embates advindos de temas relativos ao jogo. (PIMENTA,1997 REIS,2006 TOLEDO,1996)

o Corinthians e o torcedor corintiano. Ao analisar essas representações, maior que o interesse em verificar a veracidade ou não dos estereótipos produzidos, é reconhecer que as representações têm sua lógica interna enquanto modo de leitura e interpretação da realidade, em diálogo com esta, mas também criando novas maneiras<sup>97</sup>.

Os significados atribuídos ao ‘ser corintiano’ ao longo do século imputam ao Corinthians uma história de clube popular, aberto aos de fora<sup>98</sup>. A identificação é feita relacionando a torcida corintiana às camadas populares de São Paulo, o que na visão do torcedor é sinônimo da alteridade, da perseverança encarnada por sua torcida e pelos jogadores, a formando uma nação. Tal representação é utilizada pelos adversários para atualizar os preconceitos de cor, região e classe existentes na dinâmica urbana paulistana. Assim, os adversários adéquam o estereótipo de clube e torcida do povo a termos como favelado, maloqueiro<sup>99</sup>, pobre, gambá, cachorro, dentre uma diversidade quase interminável de termos pejorativos.

A partir destas características, pode ser elucidado um corintianismo<sup>100</sup>. Um conjunto de normas que chancela o torcedor como corintiano de fato, não apenas um apoiador fortuito. O termo não é novo e é bastante usado entre os torcedores, muitas vezes sendo usado inclusive para definir a que religião pertencem, para alguns torcer para o Corinthians é uma experiência religiosa, mesmo que num primeiro momento isso seja afirmado de modo jocoso.

Os adversários mais tradicionais do Corinthians, São Paulo e Palmeiras, também têm representações bem definidas sobre seus clubes e suas torcidas. O São Paulo Futebol Clube, fundado a partir de diversas fusões entre clubes, é tido como o representante das elites paulistanas, o que dá um caráter elitista ao clube que tem seu estádio no bairro do Morumbi, área nobre da cidade. Contudo, a leitura que os adversários fazem dos torcedores do tricolor identifica neste elitismo a ausência de relação com o trabalho braçal, a débil força física e a ausência de

---

<sup>97</sup> Argumento este que retoma o debate questões de Hobsbawm (1997) e a posterior crítica de Anderson (2008), sobre tradições mais ou menos reais, devido seu embasamento em fatos específicos ou não. O fundamental é pensar como estas tradições são usadas, compartilham sentidos, lógicas e até modos de viver entre determinados grupos, é nisso que consiste sua validade enquanto argumento. Não necessariamente a busca por uma genealogia baseada em acontecimentos, seja relevante, pois as articulações de sentido são processuais e acontecem a todo momento.

<sup>98</sup> Imigrantes de todos os tipos que povoaram e povoam a cidade de São Paulo e o interior do Estado, migrantes, principalmente aqueles vindos dos Estados do Nordeste, negros das periferias da cidade.

<sup>99</sup> A diversidade de significados do termo maloqueiro na cidade de São Paulo é imensa, aqui o termo designa aquele que vem da maloca.

<sup>100</sup> Diferentes autores explicitaram a sua concepção do que seja o corintianismo, por acreditar que é um conceito em intensa e ininterrupta transformação adotarei as características que observei em campo e percebi em conversas com os torcedores.

experiência de vida proporcionada pela rua, fazendo, a partir de uma leitura enviesada<sup>101</sup>, a correlação entre o torcedor são-paulino, as mulheres e os homens afeminados, o que rapidamente nesta lógica imputa ao torcedor a homossexualidade, sendo comumente chamados pelos adversários de bambis, gays, bichas ou pela pronome elas, como no grito da torcida corintiana “Vai pra cima delas Timão, da bicharada!”, além de outras palavras que colocam em cheque a heterossexualidade masculina<sup>102</sup>, valor de grande importância no ambiente futebolístico.

Já o Palmeiras encarna as representações sobre o imigrante italiano e seus descendentes na sociedade paulistana. A adoção do termo porco, primeiro como jocosidade e termo pejorativo pelos rivais e depois valorado positivamente pelos torcedores é parte de uma história mais recente das rivalidades, que nunca está encerrada para a criação de novos estereótipos. No atual momento, dada a longa ausência de títulos relevantes do Palmeiras, o clube tem sido comparado à Portuguesa de Desportos, outro time com forte ligação com a colônia, neste caso a portuguesa, da cidade de São Paulo. Na jocosidade dos torcedores rivais ambos são times de colônia e ocupam espaço semelhante de importância no espectro futebolístico, uma clara provocação ao alviverde do Parque Antártica.

As representações sobre os grandes times da capital atendem à uma divisão social que retoma a conformação da cidade nas primeiras décadas do século XX: o pobre, negro, periférico; a elite local e o imigrante italiano e seus descendentes.

No entanto, afirmar que todo corintiano é favelado, todo são-paulino é membro da elite econômica paulista e que os palmeirenses são descendentes de italianos incide em equívoco interpretativo, se deixar levar pelas simplificações jocosas e hostis dos torcedores. A divisão dos torcedores em São Paulo por classe social e mesmo espacialmente traz um certo equilíbrio que só se modifica nos bairros em que os clubes concentram suas atividades<sup>103</sup>. No caso do Corinthians, Itaquera, Tatuapé e Bom Retiro<sup>104</sup>, são reconhecidos por serem sedes do clube e pelo alto índice de corintianos. Como na região da Água Branca e da Barra Funda para os palmeirenses e o Morumbi para os tricolores da capital.

---

<sup>101</sup> Como todos os estereótipos são.

<sup>102</sup> Enquanto a heterossexualidade no ambiente do futebol está ligada a valores como conhecer profundamente seu clube, a coragem, a abnegação, a valentia e a esperteza; a homossexualidade e o ‘ser mulher’ estão ligados à falta de conhecimento, o medo, à vulnerabilidade, à fraqueza nestas construções de estereótipos.

<sup>103</sup> <http://www.rssfbrasil.com/miscellaneous/torcidassp08.htm>

<sup>104</sup> Neste caso sede dos Gaviões da Fiel, torcida organizada que faz o papel de disseminar o corintianismo pela região.

No entanto, as representações feitas pelos e sobre os torcedores não pode ser levada ao pé da letra, pois não servem para identificar a composição da massa torcedora. Assim, a importância dos estereótipos recai sobre como as representações norteiam o modo de agir das torcidas, suas rivalidades e seus discursos sobre elas próprias e sobre os adversários. Os fragmentos de história são utilizados como que a formar um fio condutor que liga o clube e seus torcedores do passado aos dias atuais, reforçando determinadas características, atitudes e afirmando conceitos do que é torcer para determinado time, numa relação em que a visão dos próprios torcedores está em constante embate com os ataques adversários e em reelaborações frequentes.

O sistema de rivalidades que se organiza a partir dos times e suas representações é estabelecido e processualmente ganha novos contornos ao longo do século. E como argumento Damo (2007) “Diga-me com quem jogas e lhe direi quem és”, assim a rivalidade coloca as equipes e seus torcedores em um sistema que se é obrigado a reconhecer os méritos do adversário, mesmo que seja para no momento seguinte ridiculariza-lo. Afinal, que mérito há em ganhar de um adversário reconhecidamente incapaz de oferecer resistência?

No caso paulistano a eleição da maior rivalidade serve para alimentar as relações de hostilidade e jocosidade. Durante décadas a maior rivalidade do futebol local fora entre Corinthians e Palmeiras, atualizando no futebol as relações de disputa de trabalho entre o proletariado local e o imigrante italiano. No entanto, após a década de 1990, em que ambas as equipes travaram intensos embates em campeonatos estaduais, nacionais e continentais, o Palmeiras entrou em uma fase de dificuldades técnicas e falta de títulos, fazendo com que a diretoria corintiana e os torcedores elegessem, no início do século XXI, como novo maior rival a equipe do São Paulo, até então tida como uma rivalidade menor do que a palmeirense.

Contudo, mais do que o efeito benéfico que a diminuição da rivalidade pudesse gerar<sup>105</sup>, as declarações foram no intuito de diminuir o Palmeiras frente ao momento atravessado por Corinthians e São Paulo, afirmando que os palmeirenses não tinham a capacidade de assumir uma rivalidade desse porte, estavam um nível abaixo.

Desta forma, mais perigoso do que fazer parte das rivalidades é deixar de participar, pois implica em taxações como de time pequeno ou menor do que seus rivais habituais. Situação essa que pode gerar a raiva frente ao adversário e a vontade de mostrar indubitavelmente que se é um

---

<sup>105</sup> A ideia que poderia vincular-se de antemão é que a propalada diminuição da rivalidade entre o alvinegro e o alviverde paulistanos pudesse diminuir as relações de violência, as trocas jocosas e os embates que acontecem pela cidade fora dos dias de jogo, fato que relativizarei ao longo do capítulo.

rival de valor e não apenas mais um adversário, sentimento partilhado, muitas vezes, entre os torcedores e membros internos ao clube.

(...) os clubes de futebol estabelecem identidades culturais por meio da rivalidade e da oposição. As mais puras rivalidades crescem entre clãs municipais. Durante a infância do jogo, foi uma ideia de bom-senso econômico estabelecer dois times rivais da mesma localidade, cidade ou região...

Os significados dessas rivalidades do futebol tenderam a ser corroborados por divisões históricas e culturais mais profundas. Classicamente, a oposição é reforçada por chauvinismos locais que são mapeados em termos espaciais. Nas maiores metrópoles do futebol existem antagonismos importantes simplesmente dentro de zonas. (GIULIANOTTI,2010, 26)

A rivalidade proporciona aos times saberem o status que ocupam frente aos adversários. Ter um rival significa que ao mesmo tempo que se hostilizam, agrirem, xingam os torcedores e jogadores contrários há o medo da derrota, da humilhação e da inferioridade. Reconhecem-se essas possibilidades e o poder do rival em infringir esses danos à autoestima do torcedor e à sua equipe. O medo e a expectativa estão atrelados a esse sistema, por isso que times com padrões de conquistas similares e com proximidade espacial se elegem ou os processos históricos acabam os colocando como rivais.

#### **4.1.2 – O pertencimento clubístico e as Torcidas Organizadas**

A rivalidade entre os times de futebol e suas torcidas fundamentadas ao longo do tempo pela adesão e pertencimento clubístico não fazem o mesmo sentido dentro das torcidas organizadas. Apesar dos torcedores organizados ativos<sup>106</sup> serem aqueles que mais fielmente incorporam diversos aspectos do clubismo, e no caso do Corinthians, do corintianismo; as relações entre as torcidas organizadas muitas vezes superam as rivalidades existentes entre os times e fundamentam novas rivalidades.

A relação amistosa entre os Gaviões da Fiel e a Torcida Jovem do Santos, é um exemplo que não poderia ser contemplado por um corintianismo ortodoxo, pois deve-se odiar o rival como se ama o próprio time, porém relações pessoais entre lideranças proporcionaram essa paz duradoura entre as torcidas. E assim, recorrentemente acontecem alianças que, se não são ataques

---

<sup>106</sup> Cunharei esse termo para designar o torcedor organizado que frequente a sede de sua torcida e os jogos com frequência, vivendo o cotidiano. Pois, com o aumento no número de sócios entre a década de 1980 e 1990 em São Paulo, um baixo percentual de associados são assíduos às quadras e sedes.

tão flagrantes ao pertencimento clubístico, ao menos o deixam de lado em prol de relações amistosas.

Na concepção de Toledo, as torcidas organizadas vão conceber de outra forma o pertencimento clubístico.

“As Torcidas Organizadas inauguram uma sociabilidade própria, regida por regras específicas de pertencimento, afinidade e oposição aos clubes e torcidas. Sociabilidade que também traduz a dimensão política da negociação, a hierarquia, conflito, prestígio e poder.” (TOLEDO,1996,112)

Logo, pensar as rivalidades das torcidas organizadas como as mesmas dos clubes é incorrer em simplismo que negam a especificidade histórica e a importância enquanto instituição autônoma das torcidas organizadas. Mesmo que o norteador dessas torcidas seja o apoio ao clube elas trilham uma história a parte que podem constituir vínculos de amizade e inimizades diferentes.

As alianças que inicialmente existiam entre as ditas torcidas do povo, nos anos 1970 e início dos anos 1980, clube de representação popular no imaginário do torcedor, como Corinthians, Flamengo, Atlético Mineiro, Internacional de Porto Alegre, vão encontrando conformações diferentes como o nascimento e popularização das torcidas organizadas, mudanças que Vila Maria, fundador de Camisa 12 e Gaviões da Fiel, chamou de alianças heterodoxas; proporcionadas pelo aumento da importância das torcidas organizadas na negociação das amizades. O que antes ficava a cargo de uma mesma representação, neste caso o estereótipo de clubes do povo, passa a se formar na relação direta entre dirigentes de torcidas organizadas, mostrando a influência dessas torcidas sobre a totalidade dos torcedores, que também encarnam esses laços ao pensar as relações de seus times.

Desta forma, para além de um pertencimento clubístico corintiano, também reconhecido como corintianismo, faz-se necessária uma análise aos vínculos de adesão e pertencimento propiciados pelas torcidas organizadas, por esses vínculos terem um constrangimento e adesão peculiar às normas do clubismo e a ele acrescerem outros códigos de solidariedade e lealdade.

Na visão de Toledo (1996), os elementos observáveis de coesão que aproximam torcedores das mais diferentes trajetórias de vida nas torcidas organizadas são o modo de conceber e externar a paixão futebolística. Escolhe-se integrar as torcidas organizadas por essas representarem uma forma abnegada, visceral e performática de representar essa paixão. A partir

da forma de representar sua paixão e do modo de vivenciar o pertencimento clubístico e o pertencimento a uma torcida organizada, Toledo reconhece a existência de um estilo de vida do torcedor organizado. O que o autor interpreta como um modo de expressão das paixões e a adoção de um estilo de vida, no caso paulistano, Richard Giulianotti analisa como uma escolha pela interação frente a uma sociedade britânica atomizada:

“A formação dos clubes de futebol e a associação constante e voluntária de torcedores e jogadores ajudam a contrabalancear os sentimentos de atomização e de alienação que corrompem indivíduos nas grandes e impessoais cidades. Os que participam do futebol integram-se em um sistema social mais amplo, uma vez que se encontram e interagem com os de outros clubes. Portanto, os clubes ajudam a promover formas mais profundas de identidade compartilhada ou de solidariedade nos níveis locais, municipais e nacionais.” (Giulianotti, 2010,31)

A análise do autor escocês de que a associação entre torcedores propõe e traz consigo a obrigatoriedade, mesmo que não frequente, interação com os rivais e adversários, faz pensar os modos relacionais entre oposições que na maior parte do tempo dividem espaço com outras identidades, mas no conviver dos espaços das torcidas organizadas e do futebol ganham protagonismo.

Assim, as formas de rivalidades já tradicionais da relação entre os clubes, seus embates e as identidades que representam são acrescidas às peculiaridades de suas torcidas organizadas e as vivências históricas de cada uma. O que pode ser um dos fatores que transformam a rivalidade futebolística entre os atletas e discursiva entre os torcedores, a partir de xingamentos e estereótipos, em agressões físicas e ciclos de violência que se baseiam em enfrentamentos constantes e o desejo de vingança posterior. Pois, as torcidas organizadas desenvolvem-se como instituições contrapondo-se entre si em diversos acontecimentos.

Por isso, manter-se no ciclo de rivalidades torna-se importante às torcidas organizadas por saberem que a partir dessas relações pode-se ter consciência do que a sua torcida significa ao adversário. A opressão e superação<sup>107</sup> do adversário são valores que regem essa lógica.

A violência não é anômala dentro da lógica do clubismo. A violência simbólica é parte constituinte deste código de pertencimento, inicialmente por ter entre suas bases a rivalidade, que tem diferentes níveis de permissividade na sociedade contemporânea, mesmo a violência simbólica tem sido reprimida mais assiduamente.

---

<sup>107</sup> Aqui o termo opressão abarca desde conquistas como a maior bandeira, o grande comparecimento de torcedores ao estádio, o bom desempenho no carnaval paulistano, como também as relações de violência entre os torcedores.

“O que se troca, no espectro do clubismo, são basicamente hostilidades, uma espécie de moeda comum, que se recebe quando o time perde e se retribui quando ele vence, indefinidamente. Como isto é tido como regra, que só não cumpre quem é pobre de espírito, o clubismo se torna um potente sistema de comunicação transversal, rompendo barreiras e credo, classe, raça, status, gênero e assim por diante. Está explicitada, portanto, a razão pela qual o futebol aproxima o porteiro do condômino, mas também porque a violência física não é estranha num contexto em que a violência simbólica tem limites elásticos.” (DAMO, 2006:51)

Contudo, em nenhum momento, os códigos do pertencimento clubístico são norteados pela violência física. As jocosidades e os xingamentos são dimensionados para afetar ao outro, sem que para isso haja o embate físico, atingir o inimigo dentro do nível permitido, pelos códigos do futebol e principalmente pelos da justiça, é o modo pelo qual procedem a grande maioria dos torcedores.

O desafio é analisar como o clubismo é dimensionado nas práticas de violência entre torcedores e na relação com a polícia, e que outros fatores se somam a ele.

#### **4.2 – Por que os torcedores brigam?**

A revisão bibliográfica de estudos estrangeiros e nacionais que abordam a violência entre os torcedores de futebol, e desses com outros participantes do espetáculo futebolístico, tem como objetivo proporcionar reflexões sobre as situações vivenciadas em campo, durante a observação dos jovens torcedores e seu cotidiano, bem como entender os pontos em que os torcedores de diferentes países, experiências e ambientes futebolísticos têm pontos em comum, condutas e discursos que muitas vezes se aproximam e outras tantas vezes se distanciam.

As peculiaridades do caso brasileiro, tanto em relação aos torcedores como na atuação da polícia, da Justiça e da mídia, não inviabilizam comparações, mas pautam o modo como conceitos estrangeiros contribuem na reflexão sobre os acontecimentos nacionais.

Os conceitos de processo civilizador e cadeias de interdependência, inicialmente desenvolvidos por Norbert Elias para pensar as relações entre distintos grupos sociais a partir da Idade Média europeia, mais especificamente na Inglaterra e França, foi apropriado por Eric Dunning na busca de uma explicação para o hooliganismo inglês.

O processo civilizador é um conceito que versa sobre a historicidade do processo de mudanças das sensibilidades dos grupos sociais em longos períodos. O constrangimento interno e

externo ao indivíduo ou grupo são centrais no conceito e na percepção da existência de um código de conduta e sensações chancelados socialmente, que estimula o juízo de valor social dos indivíduos.

Esses constrangimentos versam, sobretudo, o uso da violência, tanto em ambientes públicos como nos privados e o controle dos sentimentos, que passam da frequente externalização para o comedimento. Elias identificou que as sociedades analisadas ao longo dos séculos desenvolveram representações sociais negativas, uma moral e leis que se não impediavam os atos violentos, ao menos os tornavam repugnantes, regrados e determinavam espaços em que pudessem acontecer mediante normas específicas.

No conceito eliasiano existe um espiral de evolução, modelo apresentado em *O Processo Civilizador* (1994), no entanto não prevê um dia em que se alcançara o fim da violência na sociedade. Na análise de Elias existe a percepção de que as determinações externas de controle da violência, bem com a internalização dessas normas pelos indivíduos são condições fundamentais do processo histórico de complexificação das sociedades.

O processo de complexificação das sociedades, que para Durkheim (2005) marca a transição da solidariedade mecânica para a solidariedade orgânica, a primeira como modo de vida em que os grupos sociais são menores, mais isolados e que a divisão social do trabalho encontra-se voltada a uma gama menor de tarefas e a segunda como parte de uma sociedade complexa, em que as relações entre os indivíduos encontram sua lógica na necessidade recíproca que a divisão social do trabalho impõe nessas sociedades. Norbert Elias se aproximará da visão do sociólogo francês ao conceber as cadeias de interdependência como processos de aproximação entre os indivíduos, situação que se expande nas sociedades urbanas, pois nesses espaços a sobrevivência e mesmo o desfrute das potencialidades da sociedade só podem existir quando os indivíduos contam um com o trabalho do outro de modo direto ou indireto. Nas sociedades urbanas a imensa maioria dos indivíduos encontra-se como que atados entre si, condição de sobrevivência; unidos e sob muitos aspectos pacificados, pela incorporação de normas, tal qual uma segunda natureza, e pela presença dos órgãos institucionalizados de repressão, variando desde o ambiente escolar até o sistema prisional. Elias não nega que os indivíduos sempre tiveram um autodomínio, mas o que ele debateu é como esse autodomínio vai ser reformulando ao longo do tempo e como ele é primordial para a formação e continuidade das sociedades. O autodomínio como controle de impulsos instantâneos de todos os indivíduos.

É num ambiente em que o domínio da violência pelo Estado e que o autodomínio das pulsões já fazem parte do cotidiano da população que o futebol é criado na Inglaterra, encontrou repercussão e rápida disseminação nos grupos populares, condição para a massificação de praticantes e público, o que proporcionou a sua profissionalização, termo que vai encontrar distintos significados entre os países e épocas para esse esporte. Na incipiente profissionalização do futebol inglês é que Eric Dunning vai identificar os primeiros hooligans.

O termo hooligans, conforme o Dunning é uma corruptela de Hoolihans, família de origem irlandesa reconhecida como responsável por diversos distúrbios em Londres, nenhum deles referente ao futebol, vale frisar. Na concepção do autor, o hooliganismo é um conceito que supera as barreiras nacionais, temporais e principalmente as culturais, podendo ser utilizado para elucidar as relações violentas dos torcedores em todos os países em que o futebol é elemento de relevância na cultura local, pois Dunning identifica uma recorrência de lógicas, determinações e comportamentos que, em sua visão, são adequadas à análise de todos os casos de violência.

Contudo, o conceito de hooligans dificilmente pode superar peculiaridades das conformações regionais, as modificações sociais proporcionadas pelos diferentes tempos históricos e a especificidade de cada cultura, que encontram especificidades mesmo dentro de cada país. Refletindo sobre o caso brasileiro, por exemplo, existem diferenças irreconciliáveis nas relações dos torcedores em São Paulo e no Rio de Janeiro, por isso a necessidade de estudos de caso locais que afirmem as especificidades das práticas torcedoras.

Os grandes conceitos trazem diversas potencialidades, são tipos ideais que propiciam uma perspectiva das características principais de um fenômeno. Contudo, a partir desses tipos ideais a construção das características específicas é um processo necessário à formação do conhecimento sobre os diferentes grupos. Pensar sobre os hooligans é pensar sobre torcedores violentos, mas há diferenças determinantes entre os torcedores violentos, suas condutas, anseios e espaços que ocupam na sociedade, por isso a impossibilidade de enquadrá-los todos sob o mesmo conceito.

Por isso a palavra hooligan será utilizada fazendo referência apenas aos torcedores violentos do Reino Unido. Para a análise da bibliografia sobre futebol e violência de outros países serão adotados os termos autóctones ou simplesmente torcedores violentos, termo não reivindicado enquanto conceito.

No entanto, ao delimitar os conceitos que embasam o hooliganismo Dunning traz importantes contribuições à compreensão das sensações desencadeadas pelos atos de violência. A

excitação prazerosa provocada pelo caráter catártico e mimético do esporte, de sua prática e da condição torcedora, proporciona aos indivíduos vivenciarem sensações cada vez mais raras na vida cotidiana.

Frente a uma sociedade processualmente mais controlada, por meio do autocontrole individual e o controle dos aparelhos de Estado, a catarse, termo apropriado por Elias e Dunning a partir da obra de Aristóteles, seria a oportunidade de, a partir do embate competitivo com o outro, condição para o futebol, produzir e liberar tensões, seja durante a prática ou no ato de torcer, trazendo consigo uma adesão sentimental que pode ser interpretada como uma imersão no jogo. Tem-se a tensão, mas também as regras que determinam os modos como ela pode ser expostas, regras do jogo e regras da sociedade.

Assim, o conceito de descontrole controlado serve, conforme os autores, como espaços ou situação específicos do descontrole agradável e controlado. Encontra-se a possibilidade de burlar, ou melhor, resignificar determinadas normas sociais, como a utilização de palavrões, a violência exercida por meio de gritos de guerra e ameaças ao torcedor adversário, mas mantém-se a certeza de que o embate físico significa ultrapassa as barreiras do aceitável mesmo que seja na arquibancada de um estádio, espaço que é tomado socialmente como de maior liberdade e permissividade a atos ilícitos ou mal vistos socialmente. Talvez por isso seja tão frequente encontrar na cercania e nas arquibancadas dos estádios tantos torcedores consumindo maconha, uma droga ilícita, porém com uma crescente aceitação na sociedade, uma pequena desobediência civil que encontra respaldo na pretensa liberalidade dos estádios e na invisibilidade que a multidão proporciona.

O ambiente do esporte, bem como das artes e outros meios de lazer, proporcionam emoções mimetizadas de medo, desespero, prazer, triunfo. Todas elas reais, pois sentidas pelos indivíduos, mas diáfanas, por serem um fim em si própria, não podendo ser transpostas às condições de vida do cotidiano. O desespero sentido por um torcedor na derrota de sua equipe tem um significado outro que uma situação de risco de vida, contudo não é menos real ou menos sentida. O esporte, apesar do conceito de mimese que acompanha as atividades de lazer, tem uma relação diferente dos outros campos do lazer – em especial as artes – devido o embate entre indivíduos ou grupos que eles proporcionam e a catarse a partir disso, um modo especial da catarse. Pois conforme os autores, “O esporte é sempre, em todas as suas variedades, uma luta

controlada, num quadro imaginário, quer o adversário seja uma montanha, o mar, a raposa ou outros seres humanos.” (ELIAS & DUNNING, 1992:84)

(...)Como jogo, a sua estrutura permite contínuas e renovadas gerações de níveis de tensão-excitação, muito apreciados tanto pelos jogadores como pelos espectadores. Esta tensão-excitação assenta no fato das partidas serem ‘simulacros de batalhas’ travadas com uma bola, autênticas lutas físicas entre dois grupos sujeitos a regras que permitem o despertar das paixões ao mesmo tempo que – quase sempre – as controlam. Na medida em que são impostas e/ou voluntariamente aceitas, as regras do futebol limitam também o risco de ferimentos sérios entre os jogadores. (ELIAS & DUNNING, 1992:8)

Assim como na prática esportiva e no torcer, Elias e Dunning argumentam que a relação de determinados torcedores baseia-se nos níveis de tensão-excitação que o enfrentamento físico com o adversário incitam. A emoção prazerosa da batalha, o risco, a possibilidade de infligir dor ao adversário, elevado ao posto de inimigo seriam características importantes e motivos que levam os torcedores a violência simbólica a partir de jocosidades, xingamentos, gritos de guerra, ou mesmo aos enfrentamentos físicos.

Durante a pesquisa de campo e em entrevistas com torcedores mais velhos, como Vila Maria e Alex Minduin<sup>108</sup> do Movimento Rua São Jorge, ouvi por diversas vezes que a violência aumentou e causou mais vítimas a partir da tragédia do Pacaembu, pela política de proibições ocorrida no estado de São Paulo. As bandeiras sustentadas por mastros de bambu, o papel picado, as baterias das torcidas organizadas e vários outros implementos pensados como parte da participação da torcida no espetáculo esportivo foram proibidos, limitados ou são sujeitos a tamanha fiscalização que se tornam impraticáveis. Eram atividades que reuniam os jovens torcedores nas sedes das torcidas organizadas vários dias antes dos jogos, um trabalho coletivo com o fim de apoiar e engrandecer os times, essa ‘energia dos jovens’ como dito pelos entrevistados que não estava mais direcionada ao embelezamento do espetáculo esportivo foi se aproximando dos grupos violentos.

Segundo Vila Maria e Alex Minduin, a lógico é de que esses jovens que habitam as quadras das torcidas organizadas estão dispostos a apoiar seu time, fazer-se presentes e reconhecidos por isso, mas também sentir a emoção que não encontram nos outros espaços da

---

<sup>108</sup> Alex Minduin, torcedor dos Gaviões da Fiel e dirigente do Movimento Rua São Jorge, cedeu duas entrevistas a primeira no dia 30/05/2011 e a segunda em 30/03/2012. Ambas utilizando a metodologia de entrevistas semi-estrutura tiveram por objetivo conhecer melhor a história dos Gaviões da Fiel na virada da década de 1980 para 1990 e a análise de m dirigente do Movimento Rua São Jorge sobre os motivos geradores da violência e as possíveis estratégias vislumbradas por ele para a diminuição dos casos.

vida cotidiana na atividade torcedora, algo que dá sentido à existência de muitos jovens. E se essa oportunidade não acontecesse por meio do embelezamento do estádio seria por meio da violência, afinal existem várias interpretações do que seja a honra da torcida e do que é a vitória sobre o adversário.

Características encontradas tanto em torcedores ingleses, a partir das reflexões de Dunning, como em brasileiros observados durante o trabalho de campo. Durante as observações as histórias de enfrentamentos pretéritos com torcidas adversárias são narradas como grandes aventuras, permeadas pela excitação da briga, um misto entre o medo da derrota, da desmoralização e a vitória, a possibilidade de zoar o adversário até o próximo confronto.

Em uma concentração, antes do jogo Corinthians e São Paulo, tive a oportunidade de presenciar um relato sobre o caráter prazeroso de infligir dor ao outro. Dois garotos, entre 16 e 20 anos, que iam de ônibus para a sede da sua torcida organizada, chegaram rindo e enquanto jogávamos vídeo game para passar o tempo contaram que quatro quadras antes da sede da torcida encontraram um torcedor são-paulino na rua, por volta das 10:30 da manhã, e pelo fato do são-paulino olha-los de um jeito que não gostaram, resolveram bater no torcedor adversário até derruba-lo, depois disso desferiram chutes e por fim foram embora, pois estava juntando muita gente, ‘um bando de zé povinho... cuidando da vida dos outros!’ A agressão motivada por um olhar poderia bem ser compreendida como um desejo de diversão para a manhã monótona, o longo trajeto de ônibus, os risos davam a percepção de desobediência, porém a diversão de submeter um adversário, ainda mais um são-paulino, rival do dia fazia valer a pena.

Na experiência argentina, segundo Alabarces, o conceito de *aguante*, é fundamental para entender os embates violentos entre torcedores e destes com a polícia. Ter *aguante* é estar disposto a enfrentar os adversários de seu grupo de torcedores, jamais retroceder frente ao perigo, apoiar os seus e manter uma ética do confronto, ter *aguante* é a condição para a manutenção da honra, do indivíduo, de sua torcida e também da equipe de futebol que representam. “*Y es una ética, porque el aguante es ante todo una categoría moral, una forma de entender el mundo, de dividirlo en amigos y enemigos cuya diferencia puede saldarse con la muerte. Una ética donde la violencia, como dijimos, no está penada, sino recomendada.*” (p.64)2004

No sistema de relações do futebol profissional, conforme as observações de campo de Alabarces (2004), a polícia tem papel fundamental. Tida como elemento de combate à violência, os torcedores violentos a interpretam como a mais violenta e a maior das torcidas, ou adversários. Vencer os policiais, tomar-lhes bens que façam referência à corporação, são situações que elevam a honra da torcida, e também são protesto e ataques ao Estado e o descontentamento que este gera.

*A la vez, la violencia nombra, por exceso, un reclamo: los pibes expresan, en cada aguante, en cada despiote monumental, la presencia de aquello que fue excluido, y en el desborde reclaman una nueva inclusión social. Desde ya que aquí el concepto de exclusión supera el límite de lo simplemente socio-económico: porque nuevamente, no se trata de pobres, o no en su totalidad. Se trata de actores expulsados de la educación o del trabajo, en muchos casos; pero masivamente, también son actores expulsados de un relato democrático, que habla de una sociedad justa, respetuosa, tolerante y abierta, que ciudadaniza y contiene. (ALABARCES, 2004:113)*

O conceito de *aguante* que versa sobre a honra individual e a honra em grupo dialoga com os relatos de violência dos torcedores observados por mim em campo. Como na história que me foi contada na caravana para o jogo entre o Corinthians e Flamengo no Rio de Janeiro, no estádio do Engenhão, no ano de 2011. Quando alguns torcedores do MRSJ estiveram na cidade, foram recebidos por seus aliados botafoguenses, ao irem ao jogo do alvinegro carioca contra o Flamengo tiveram de serrar fileiras ao lado de seus aliados na briga e mostrar disposição para o enfrentamento, pois estavam lá representando a torcida corintiana, fortificando a amizade e mostrando que eram firmes. E para mostrarem que representaram bem o nome do MRSJ no Rio de Janeiro afirmavam aos colegas ao contar a história que a torcida do Botafogo era ruim de briga, o que fez com que a presença deles fosse importante para que os torcedores do alvi-negro carioca não perdessem o confronto.

Ter a consciência de que sua torcida ocupa um papel de destaque nos embates físicos, é ter respeito frente aos adversários e o apressado das torcidas amigas ou aliadas. Os torcedores sabem, a partir da experiência cotidiana nas torcidas organizadas no Brasil, qual a capacidade e qual o status de cada torcida.

Tanto o prazer do embate como o sentido de honra, para si e para os seus, dialogam diretamente com as experiências apreendidas com as relações de violência envolvendo os torcedores apreendidas em campo. As relações de violência não podem ser analisadas conforme o senso comum que imputa aos atos a conotação de selvageria, aos seus agentes bárbaros,

ignorantes, animais ou outros qualificativos similares. Não se tratam de impulsos animais e nem questões advindas de uma propalada ausência de cultura. As relações de violência são parte da cultura das cidades, do modo de vida de determinadas populações, e existe nos processos históricos das relações de clubes, torcidas e dos diferentes grupos sociais com as cidades.

A partir das visitas a campo pude observar que não existe apenas uma lógica determinante dos enfrentamentos, das relações de violência que encontram novas práticas a partir da década de 1990. A emoção do enfrentamento, o divertimento que este proporciona aos seus participantes, bem como o sistema de honra para si própria e para sua torcida são elementos que existem conjuntamente.

#### **4.2.1 O que a academia brasileira tem a dizer?**

Na análise da bibliografia nacional que aborda o tema, que em sua totalidade partem da análise centrada em torcidas organizadas, poderemos refletir sobre conceitos desenvolvidos a partir dessa lógica de conformação torcedora e também a partir das especificidades brasileiras e nacionais. A vasta bibliografia desenvolvida no Brasil a partir do final dos anos 1970 é centrada na área de Antropologia, Educação Física, Sociologia e História, contudo encontra caráter transdisciplinar em seus fóruns e discussões, contando também com os órgãos de justiça voltados à interrupção do problema e não do conhecimento e compreensão dos fenômenos a partir de uma lógica acadêmica.

Os primeiros estudos acadêmicos sobre torcida em finais da década de 1970 e início dos anos 1980, foi o artigo de Sérgio Micelli para a Revista de Administração de Empresas da FGV em 1978, e em 1981 a dissertação de mestrado de Benedito Tadeu César pelo programa de pós-graduação em antropologia social da Unicamp. Ambos os estudos não tem o objetivo central em tratar a violência entre os torcedores, mas por serem os primeiros a tratar sobre torcidas abordam o tema periféricamente e são de grande importância na composição de uma história sobre as torcidas neste período.

Micelli identificou já em 1978 uma série de comportamentos que ainda hoje fazem parte de uma caravana de torcedores: o xingamento aos transeuntes apoiadores de times adversários, bem como os furtos e roubos de produtos nas paradas na estrada para refeições, hoje conhecidas genericamente como ‘arrastar’. Os expedientes são os mesmos, bem como a atuação das

lideranças na contenção de problemas com a polícia, ou culpam-se os mais jovens ou quem é de fora da torcida e não conhece os seus procedimentos, por fim culpa-se o coletivo, o que esvazia de culpa todos os indivíduos. Uma reclamação histórica das lideranças, reutilizada em diferentes situações, é a dificuldade em controlar um contingente tão grande de torcedores com as mais diferentes vontades e atuações. Contudo, tanto as lideranças como os torcedores organizados de um modo geral têm a consciência de quem são os autores dos roubos e a recorrência desses atos, faz parte de toda a caravana.

O termo aventura, utilizado por Bernardo Buarque de Hollanda (2009), serve à reflexão sobre as caravanas e a licenciosidade que os torcedores adotam em diversos momentos. Durante as viagens, a interpretação das torcidas é que todos os ambientes, como postos de gasolina e restaurantes são ambientes do futebol, tal qual os estádios e suas cercanias, pela grande presença de torcedores e pelo conagraçamento que ocorre. Burlar a lei e utilizar-se da violência nos ambientes do futebol parece ser menos sério do que se fosse em situações recorrentes da vida. Embarcar em uma caravana é enfrentar o novo, o desconhecido, as possibilidades de armadilhas das torcidas contrárias, e para isso é preciso estar sempre preparado, ou como Alabarces apreende a partir do cotidiano dos *hinchas* argentinos, ter o *aguante*.

As caravanas ainda servem como aglutinadoras sociais e momentos privilegiados para a construção de uma história coletiva das torcidas, em que a vitória do time mescla-se à aventura em desbravar novos ambientes e nos embates com os adversários locais e a polícia local, afinal cada polícia tem seu expediente, e conforme a lógica torcedora, apresenta um desprezo especial à torcida visitante, uma hospitalidade às avessas.

Benedito Tadeu César (1981), a partir de uma etnografia que priorizou o convívio na quadra dos Gaviões da Fiel e idas aos jogos na capital paulista. Segundo entrevistas com fundadores da Gaviões da Fiel e Camisa 12 a quem tive oportunidade de ouvir, sempre existiram brigas, desde a fundação das torcidas organizadas, o que a etnografia de César faz coro, com exemplos de breves brigas entre os torcedores corintianos na arquibancada do estádio do Morumbi e o enfrentamento entre as torcidas organizadas corintianas Gaviões da Fiel e Camisa 12. Neste momento, César, mesmo sem ter a obra de Elias como referência, a partir das suas observações de campo e da participação no enfrentamento entre torcedores, a emoção prazerosa da batalha e a necessidade de defender a si próprio, sua honra e a honra da camisa que veste fazem parte do relato do autor. A sua descrição dos acontecimentos e da sua vivência junto aos

Gaviões nos faz inferir um cotidiano que a violência não é desprezada, em que os elementos externos, torcidas adversários, torcedores adversários isolados, gente que se infiltrara no ônibus em busca de carona, eram todos atacados a socos, pontapés, pedaços de paus e barras, mostrando também a premeditação das brigas, ou o anseio por elas, dados os materiais encontrados no ônibus. Ao mesmo tempo que se apresenta um ambiente que se forma uma família, laços de união entre os torcedores associados, mostra-se a hostilidade aos de fora e, principalmente aos adversários.

A atuação da torcida, seja ela a violência ou o discurso pró-forma que reprime essas atitudes, é um dos poucos instrumentos de atuação de reconhecimento e repercussão social que os frequentadores da torcida têm acesso. A visão de César, a partir de um viés estruturalista althusseriano, é de que a torcida é um instrumento avançado de intervenção social, um dos poucos possíveis às classes populares frequentadoras dos Gaviões da Fiel no período, é um modo de expressão, seja da festividade, seja do descontentamento com o Corinthians e também com a sua condição. Fazer parte de uma torcida, por ela bater e brigar não é fim em si mesmo, mas uma prática social, modo de se reconhecer perante o mundo e de práxis do corintianismo e de uma conduta dos Gaviões da Fiel.

Após um refluxo de produções sobre torcidas organizadas na década de 1980, Luis Henrique de Toledo (1996), ao fazer um denso estudo antropológico sobre o tema em seu mestrado se torna referência aos estudos vindouros e paradigma da discussão no circuito nacional. Ao analisar as torcidas organizadas dentro da trama da cidade, trabalho já esboçado por autores anteriores, porém sem a mesma profundidade, o autor tira a violência relacionada ao futebol de uma condição de anomalia social e a compreende enquanto possibilidade de manifestação.

Portanto, é preciso contextualizar o fenômeno do conflito como uma possibilidade aberta à condição humana de construção social e da cultura. Oportunamente, Roberto Da Matta adverte o fato de que um discurso excessivamente normativo sobre a violência e o violento acaba confinando tais fenômenos à esfera das anomalias que um determinado sistema provoca e não como uma possibilidade real e concreta de manifestação da sociedade. (TOLEDO,1996)

O autor vai tratar da violência voltada a outros ocupantes da cidade, os não-torcedores, e a depredação do patrimônio público como um profundo distanciamento, ou melhor estranhamento, em relação ao poder e esfera pública, dos direitos e deveres do cidadão. Além de uma espetacularização da estética plástica da violência, de seu funcionamento enquanto discurso

frente ao outro, integrante da cidade, mostrando que esses grupos ou indivíduos têm o poder de ‘apavorar’, ou seja, causar o medo e o terror no restante da população.

Carlos Máximo Pimenta (1997), em sua análise concebe a violência não somente correspondente ao futebol, impulsionada por uma política social de desconstrução de um Estado participativo, durante o governo militar. O autor, em suas entrevistas com torcedores organizados, dirigentes de clubes e a polícia paulista, analisa que o discurso hegemônico é de que violência deve ser combatida com violência, seja ela de repressão ou para fins de vingança.

Ao afirmar que a violência não é uma característica inerente às periferias, desvincula a ligação entre pobreza e violência, argumentando que cada sociedade está às voltas com sua própria violência, segundo seus próprios critérios, subjetividades e peculiaridades. Sendo que o Estado, é o agente que legisla e significa o que é a violência para o restante da sociedade.

O conceito de violência, imposto pelo Estado aos cidadãos, na visão de Pimenta, é um fator “intrínseco e fundante na construção de grupos de jovens” (PIMENTA,1997: 20) e as torcidas organizadas como grupo majoritário de jovens estão inseridas neste panorama. Contudo, Pimenta reforçou algo já dito por outros autores anteriormente, mas com maior peso reflexivo: a ruptura e as diferenças que existem entre a cúpula diretiva e a base das torcidas organizadas. Base aqui entendida simplesmente como uma massa diversa e de interesses variados, que não são os diretores, lideranças e elementos próximos. A existência de um discurso de direção, não necessariamente combina com a própria prática desse grupo e nem com as atuações sociais dos variados grupos e indivíduos que vivem a torcida. Desta forma, resulta uma simplificação abordar a torcida como um todo, mas também há a impossibilidade de abordar todas as virações e grupos existentes dentro das torcidas organizadas.

Heloisa Reis, ao analisar por mais de uma década a violência de torcedores, sob a teoria do processo civilizador de Elias, vai prosseguir na discussão sobre a violência ao não apenas analisar a condição do torcedor organizado, mas refletir sobre os outros atores do espetáculo esportivo. O papel fundamental de federações, poder público e policiamento e a sua influência numa dinâmica violenta.

A existência de uma lógica que desumaniza o torcedor, obrigado a frequentar a um alto custo estádios que não oferecem acomodações confortáveis, sequer descentes de uso, são fatores influentes se não para as práticas de violência, mas ao descontentamento frequente do torcedor.

A ausência de um Estado capaz de cumprir ao menos as próprias leis, como é o caso do Estatuto do Torcedor, que conforme observação da autora tem mais de 50% dos seus artigos não cumprido, parece ser parte integrante de uma sensação de impunidade. O fim dessa sensação, na visão da autora, e o maior respeito à condição do torcedor, não visto como criminoso, mas como cidadão que desfruta de seu momento de lazer, são fundamentais à administração das situações de violência (REIS,2010).

A autora, na busca de desmentir o senso comum e parte ideologicamente orientada da mídia, que imputa às torcidas organizadas termos como facção, que remete a organizações criminosas; e aos torcedores individualmente adjetivos como vagabundos e marginais, constatou por meio de entrevistas com torcedores organizados de três grandes times da capital paulista o elevado grau de ensino formal desses torcedores e o baixo índice de desemprego desse grupo, menor do que o enfrentado pela população brasileira geral no mesmo período. Colocando abaixo os estereótipos negativos sob este aspecto e ressaltando a torcida organizada como espaço de vivência de jovens entre 15 e 25 anos, grupo pesquisado pela autora. Mesmo reconhecendo a existência de integrantes praticantes de atos violentos, a autora ressalta o caráter positivo das organizações de torcedores como espaços para a discussão política, da política do futebol e dos clubes, bem como da assiduidade aos jogos como marca distintiva de parcela desses torcedores organizados, em que conforme dados da autora 85% dos entrevistados frequentam jogos do seu clube mais de uma vez por semana.

“As torcidas organizadas acabam, assim, preenchendo uma lacuna na sociedade, tornando-se um espaço de discussão política. Basta observarmos as situações que vivem os sindicatos e os partidos políticos, nos quais os jovens não conseguem encontrar espaço, e as escolas e universidades, que não conseguem mai congregar um grande número de alunos nos centros acadêmicos para abrigar esse tipo de debate.

Obviamente que os crimes e delitos praticados por membros de torcidas devem ser punidos como qualquer outro indivíduo não associado deveria ser punido, porém a falta de leis específicas e a cultura de impunidade no Brasil dificultam enormemente a minimização da violência relacionada a espetáculos esportivos.” (REIS,2010: 22-3)

A grande perspicácia da obra da autora é ressaltar a pluralidade dos atores envolvidos na violência, observando que além dos atores ativos, que na maioria das vezes são os torcedores e os policiais, existem agentes que mesmo não sendo ressaltados a todo momento têm papel fundamental na dinâmica da violência em espetáculos futebolísticos. Assim, a autora ressalta o papel de clubes, federações, proprietários e gestores dos estádios e legislativo, tanto responsáveis por propiciar ao torcedor condições salubres nos estádios, bem como garantir leis eficazes e sua

aplicação, além do papel central de campanhas para a disseminação de uma cultura de paz no futebol que diminui a possibilidade de embates físicos.

A autora, a partir da sua participação na confecção da Carta de Brasília (BRASIL, 2003), documento que visou aprofundar o debate sobre a questão da segurança e da violência em eventos esportivos no Brasil, analisou a importância de diversas categorias como a infraestrutura dos estádios, monitoramento e gestão de segurança, policiamento e justiça, educação e conscientização, transporte e segurança nos arredores dos estádios, coordenação e regulamentação de estádios, mudanças institucionais ou legislativas. O caráter propositivo dos estudos da autora buscou influir nas concepções de políticas públicas de segurança e do futebol, dialogando diretamente com a mídia e a persistente impunidade, que ao contrário do que se imagina não funciona apenas a favor dos torcedores violentos, mas também na permanência de práticas estimulantes da violência e dos maus tratos aos torcedores.

Tarcyane Santos (1994) argumentou que o fenômeno da violência no futebol está relacionado à despolitização pós-anos 1960 no Brasil. Contudo, analiso que o conceito de apolítica é usado de modo socialmente controverso pela autora. Vejo a necessidade de redimensionar o conceito de política a partir experiências do cotidiano, sejam elas de violência ou não, pois diversos posicionamentos dos torcedores incidem numa atitude política, seja ela aos moldes tradicionais ou não. Pois reunir-se na época da fundação das principais torcidas organizadas da cidade de São Paulo e em sua consolidação significava uma atitude política e a adesão a elas da mesma forma, não concerne o argumento de uma adesão completamente destituída de caráter político dentro das torcidas organizadas.

A autora identifica também como fator relevante à violência entre os jovens a tribalização nas metrópoles, a partir desse conceito afirma que os jovens são moldados pelas instituições, atuando por meio de personas, ou seja utilizando máscaras, para se adequar socialmente a determinados grupos, algo que não fica restrito às torcidas organizadas, mas faz parte da adesão às tribos urbanas.

A metáfora tribo aponta para o processo de desindividualização que está ocorrendo nos centros urbanos e de valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada a representar dentro do seu grupo, na medida em que ela é descrita como sendo padrão dos novos estilos de vida. Tal como as massas em permanente agitação, as tribos que nelas se cristalizam também são pouco estáveis e as pessoas que compõem essas tribos podem evoluir de uma para a outra... A fim de continuar pertencendo ao grupo, o membro comporta-se como persona, adotando papéis (máscaras) por onde procuram tornar evidentes os comportamentos e sentimentos do grupo. Nesse caso, a individualidade deixa de ser importante em detrimento do grupo. (SANTOS,1994:40-1)

Assim, a autora argumentou que alguns jovens podem envolver-se em atos violentos a partir dessa necessidade de fazer parte do grupo e, por isso, seguir as recomendações. Santos analisou que instituições como as torcidas organizadas, marcadas por um forte vínculo de solidariedade e amizade entre os pares, vêm ocupar um espaço deixado ocioso pelas instituições públicas e tradicionais espaços de encontros e formação, argumento que é corroborado por Pimenta (1997) e Reis (2010). A falência de modelos tradicionais de organização e um aparente fracasso da família nuclear são características sociais que os autores elencam para a maior incidência de jovens nas torcidas organizadas, e o caráter formativo que essas instituições ocupam na vida dos jovens.

A autora utilizou o conceito de desumanização do outro para tratar da violência entre torcedores organizados de diferentes torcidas e da espetacularização da violência, situação em que os torcedores encontram repercussão de outros agentes sociais, que no intuito de marginalizar a prática de atos violentos acabam por chancelar esses atos na visão de seus causadores.

“Além disso, a violência coletiva praticada por esses grupos de jovens, em sua espetacularização, também parece indicar o êxtase de pertencimento, principalmente, quando a violência é televisionada e visibilizada através dos meios de comunicação.” (Santos, 1994:102).

Conforme Santos, a negação de que a violência no futebol seja um problema endêmico e que tem raízes sociais, advém da vontade da sociedade negar a existência da violência de um modo geral. Ainda mais quando afeta um espaço caro de representações de nacionalidade como o futebol. Argumento esse da autora que propicia uma reflexão a partir de Bourdieu, e a compreensão da autonomia relativa dos campos, em que o campo do esporte, ou melhor o futebolístico, não encontra-se separado do restante da sociedade, mas faz parte dela, compartilhando problemas similares e outros específicos, ou como nos lembra Elias, a sociedade é formada por indivíduos, que no transcorrer do seu cotidiano desenvolvem diversas atividades e papéis sociais, o trabalhador, que ao mesmo tempo é pai e também torcedor organizado.

Rodrigo de Araujo Monteiro (2003), em estudo feito sobre a Raça Rubro-Negra, torcida organizada do Flamengo, ao analisar o cotidiano torcedor mostra além da peculiaridade dessa torcida, alguns traços da violência que propiciam a reflexão sobre os torcedores de um modo geral.

A peculiaridade da torcida abordada por Monteiro é a sua rivalidade acentuada com outra torcida flamenguista, a Jovem Fla, situação que já foi responsável por enfrentamentos em estádios, ocasiona um sistema de relações e amizades com outras torcidas organizadas que diferenciam esses grupos de torcedores e os tornam adversários na busca de novos torcedores e nas benesses distribuídas pelo clube. Assim, o sistema de rivalidades torna-se acentuado pelas disputas por uma legitimidade que se afirma em ser a torcida mais poderosa, mais destemida e a maior.

O autor ressaltou algumas características sempre apresentadas como geradoras ou estimulantes da violência entre torcedores como a falta de estrutura familiar, a não inclusão no mercado de trabalho e pergunta-se do por que dessa violência se manifestar contra os iguais, sob uma perspectiva de classe, e no espaço do futebol, não contra o governo ou membros das classes abastadas.

Em discurso em uma convenção da Raça Rubro-Negra, Monteiro apreende a rivalidade e a forma violenta como essa rivalidade é tratada no ambiente da torcida, tornando-se estimulantes aos seus torcedores. Termos como “massacrando os alemão” e “porrada nos Alface e nos Young Cus”, em que ‘os alemão’ são uma gíria genérica para se referir aos inimigos e o segundo trecho uma incitação ao enfrentamento contra os torcedores de Botafogo e Fluminense são sinais de um cotidiano desses torcedores em que a rivalidade é gerida a partir de trocas violentas, gestadas no discurso, alimentadas por um histórico de rivalidades e enfrentamentos. Ainda chama atenção, e é analisado detidamente pelo autor o trecho “mostrar a verdadeira Raça”, em que a palavra Raça, parte do nome da torcida faz referência a mostrar o verdadeiro poder da torcida e também de raça no conceito bastante disseminado no futebol que é dar tudo de si por uma causa, a abnegação, força de vontade. Monteiro tem a perspectiva de que não adiantaria apurar se as histórias de violência entre os torcedores organizados são verdade ou não, pois a validade dessas histórias é o reconhecimento do desejo, das ideias, dos simbolismos e representações que estão juntas da história da violência. Fazendo referência à sede da torcida como espaço de disseminação de valores violentos o autor argumenta:

É onde eles se reúnem para comentar as vitórias sobre outros times e para reforçar seu ethos guerreiro, demonstrando sua superioridade por meio do estímulo constante a atitudes violentas e agressivas que tornem aquela torcida respeitada e temida por tais características. (MONTEIRO, 2003,78)

Monteiro, a partir da análise de Bufford (1992) elenca duas categorias relevantes para entender a agressividade dos hooligans: a masculinidade e o nacionalismo, tudo isso permeado pela existência da multidão. O autor argumentou que o nacionalismo é uma característica que inexistente nos casos de violência brasileira, o torcedor adversário é da mesma etnia, habita o mesmo bairro, tem a mesma condição social, o que diferencia-os é a condição clubística. A existência de mais de um grande time nas principais cidades brasileiras, ao contrário de parte das cidades europeias, e as alianças entre torcidas de diferentes cidades mostra a superação do bairrismo e provincianismo, característica da política brasileira elencada pelo autor. Ressalta ainda a existência de uma vertente intelectual que liga a violência à falta de representatividade e participação dos torcedores nas instâncias decisórias de seus clubes, no que Monteiro questiona do por que dessa violência se voltar aos torcedores de outras equipes e não à burocracia dos clubes.

Contudo, a masculinidade, elemento não só ressaltado dentro das torcidas organizadas, mas espécie de norteador de um tradicionalismo reacionário do futebol, está presente no cotidiano e em alguns momentos determina a ação de alguns torcedores.

“(…) a violência, ritual ou real, não ocorre sem que nas relações pessoais se dê um incremento: a ascensão dos membros mais ‘viris’ e machos das torcidas organizadas em detrimento dos mais contidos e menos agressivos.” (MONTEIRO, 2003:71)

A consciência dessa lógica de pensamento que resalta a masculinidade existe nas torcidas e em diversos outros espaços sociais, faz com que, ao contrário do que as leis pregam, que a violência seja uma característica positiva e que rende dividendos simbólicos ou materiais. Muito elucidativo sobre o etos masculino das torcidas, a necessidade da manutenção de um comportamento masculinizante e também a cobrança que esse valor seja reverberado por tudo que diz respeito ao time, é o tratamento dispensado à Flagay, torcida flamenguista que pretendeu frequentar os estádios, sendo formada por torcedores flamenguistas homossexuais:

No final dos anos de 1980, surgiu nas arquibancadas do Maracanã um movimento de torcedores homossexuais do Flamengo, denominado Flagay, que reivindicava o direito de torcer pelo seu clube tal qual os outros grupos organizados. Tal movimento, no entanto, logo se tornou alvo de chacotas por parte das torcidas de outros clubes, de modo que os flamenguistas, sobretudo aqueles ligados à Raça Rubro-Negra e à Torcida Jovem do Flamengo, viram-se na obrigação de resgatar a sua ‘honra’. Assim, algum tempo depois, a Flagay deixou de aparecer nas arquibancadas, tornando-se apenas uma lembrança na memória dos torcedores. (MONTEIRO, 2003:86)

Contudo, frente ao quadro das torcidas organizadas em São Paulo, tal modelo organizativo em que o público homossexual conseguisse mesmo que por pouco tempo frequentar os estádios parece pouco provável; como também a iniciativa incipiente na atualidade das autodenominadas torcidas gospel no Rio de Janeiro, como a Fogospel e a Flagospel<sup>109</sup>.

Constatar um único motivo, ou até um majoritário que oriente o torcedor a práticas de violência em espetáculos esportivos, seja contra torcedores adversários, policiais, transeuntes é tarefa que resulta em vão, dada a diversidade de possibilidades e de motivações elencadas pela diversa bibliografia sobre o tema. Todas as características ressaltadas pelos autores citados em algum momento foram percebidas nas visitas a campo em conversas com torcedores, entrevistas e observações. Estilos de vida das metrópoles, modos de se portar dentro da dinâmica de status interno a torcida, reprodução de uma conduta masculina consagrada pelos usos históricos do corpo, além da representação do *aguante* e a sensação prazerosa da batalha, tudo contribuindo para a construção de um bem de alto valor simbólico, a honra.

---

<sup>109</sup> <http://www.patiogospel.com.br/2012/03/fogospel-botafogo-tem-torcida.html>



## 5. - Considerações finais

O ato de torcer para equipes de futebol ao longo do século XX no Brasil é permeado de tensões permanentes, que se não refletem dialogam diretamente com a sociedade brasileira. As questões relativas a classe, cor, gênero, são fatores que estiveram presentes nas tensões, embates e convulsões do futebol e relações dos torcedores entre si e com as forças de repressão do Estado brasileiro ao longo de todo o século XX e início do século XXI.

A exclusão deliberada dos homens e mulheres pobres, trabalhadores braçais e de cor, na chegada do futebol no Brasil, tanto como atletas do futebol de competição como para a assistência, logo seria rompido por interesses que envolvem a maior renda e competitividade, como advindos da pressão popular e seus subterfúgios.

Contudo, a concepção de uma normativa do ato de torcer, inclusive com a existência de manuais de aprendizado e o papel dos periódicos como elementos formadores de uma conduta torcedora, chancelada a partir dos modos, hábitos, experiências e *ethos* das altas classes (TOLEDO, 2002) dão conta de uma lógica opressiva aos elementos populares, que deveriam antes adequar-se a um estilo já existente e respeitado de torcer, negando a esses torcedores a liberdade de criar e experimentar novos modos.

No entanto, as rupturas nos modos elitistas de torcer, que vem das práticas populares acumuladas em outros espaços e de uma história de assistência em outros esportes não se dão em forma de negociação amistosa, ou lutas por vias institucionais de direito a participação, mas pela tomada de espaço, convulsões e pela manutenção de interesses financeiros das elites (MELO,2012). As formas de torcer populares, nas primeiras décadas, sofrem taxações como violentas e perigosas aos outros elementos do *ground*, como jogadores, árbitros e torcedores das arquibancadas, todos elementos de uma minoria elitista das cidades. A tensão que também existia em outras partes das grandes cidades no início do século XX, o medo das crescentes multidões nos espaços urbanos e a perda de um pretense controle dos espaços sociais e sua respectiva segregação pelas elites.

A segregação espacial, existente desde os estádios mais antigos, como as Laranjeiras no Rio de Janeiro e o Velódromo em São Paulo, é algo que não é superado, e inclusive se torna mais meticulosamente planejado com os novos estádios ao longo do século XX. Contudo, os espaços

populares se tornam realidade e a existência desses torcedores factual, sendo resignificada a todo momento ao longo do século XX, a partir de um diálogo plural e de poderes desiguais.

Assim, identifico a primeira vitória das classes populares na habitação dos estádios, passando posteriormente ao reconhecimento da figura do torcedor, não necessariamente vinculada à condição de sócio contribuinte dos clubes sociais. Apesar de ter que conviver com as recorrentes acusações de que os distúrbios violentos dos jogos fossem propiciados pela sua existência, e alguns desses distúrbios de fato eram (SILVA, 1996; RODRIGUES FILHO, 2003), a conquista dos espaços vinham por meio de batalhas e da superação de classismos e racismos, bem como da gradual constituição do clubismo, essa situação de pertencimento que o futebol elevará a outro nível dentro da sociedade brasileira (MELO,2012; DAMO,2007).

A fortificação dos elementos populares nos estádios, processo gradual, foi responsabilizado ainda pela fuga das famílias e das mulheres dos estádios, tornando-os espaços dos homens. Pois, os estádios atravessam um estágio de espaço de convívio entre elementos da mesma classe, homens e mulheres, jovens adultos e adultos, das classes altas para um espaço de pluralidade de classes e cor, muito mais próximo do que é o espaço plural das cidades do início do século XX, mas não do que é o espaço de convívio das elites das grandes cidades, principalmente das mulheres dessas elites (PEREIRA,2000).

Analisando os marcos do processo de construção de formas coletivas de torcer as torcidas organizadas no Rio de Janeiro e as torcidas uniformizadas em São Paulo, que se organizaram ao longo da década de 1940, não tiveram como questões centrais a classe e a etnia de seus integrantes, mesmo sendo questões que pudessem aparecer em segundo plano. O clubismo, fortificado como experiência de sensibilidade, pertencimento e representação coletiva, intensificou-se para aqueles que fizeram parte dessas organizações de torcedores de vínculos fluídos. Elementos que, somados a um *ethos* getulista de sua época, em que a valorização do trabalho, da coesão e do controle das instituições por militares, sob o perfil de uma paz social globalizadora dos mais diferentes grupos foi a tônica dessas organizações, em que o clube centralizava seus torcedores, normatizava sua forma de torcida, apoio, e suprimia conflitos e diferenças. A parceria entre os clube e a imprensa, contudo, não suprimiram os protestos daqueles que não faziam parte e não compactuavam da diferença e das benesses oferecidas a estes grupos, como Toledo afirma (2002). Assim, a hostilidade do torcedor que não participava dessas torcidas em São Paulo era um índice de descontentamento, não apenas com esses torcedores, mas à

condição de privilégios fornecidos pelos clubes. Ao não conseguir transformar as torcidas uniformizadas em modelo hegemônico acabaram sofrendo frente a sua perenidade, com exceção da torcida são-paulina que teve uma vida mais longa que suas adversárias no estado de São Paulo.

Outro destacado marco das formas coletivas de torcer, que distaram em mais de uma década da experiência das torcidas uniformizadas, são as torcidas organizadas. Formadas a partir do final da década de 1960, foram marcadas por conceitos iniciais como a autonomia frente ao clube, reivindicação política interna e externa ao clube, a masculinidade e os enfrentamentos físicos.

A percepção de que todos esses conceitos, vistos como tradicionais na experiência desses grupos de torcedores vão sendo constantemente remodelados e resignificados, a partir de discussões internas às torcidas, constrangimentos e impeditivos externos, faz com que seus mais de 40 anos de história no futebol paulista, caso analisado mais detidamente, nos dê pistas sobre um processo de modernização conservadora do futebol brasileiro, as relações entre os diversos atores do futebol e a crescente popularização e adesão de jovens a esse grupo, frente aos fracassos de instituições tradicionais de arregimentação de jovens em períodos anteriores, como associações de bairro, pastorais, até mesmo do enfraquecimento do futebol de várzea nas grandes cidades.

O fato de que não se pode negar a violência como marco fundante dessas torcidas organizadas, contudo não tem o caráter de reforçar rótulos sociais preconceituosos que utilizam-se de termos como bando e quadrilhas para juízos de valor das entidades e de seus associados. A análise é feita no intuito de perceber a violência como parte da masculinidade desse grupo majoritariamente de jovens, sendo tal prática compreendida enquanto discurso frente aos outros atores do futebol: torcidas adversárias, polícia, mídia, jogadores, diretoria dos clubes.

Além da compreensão de que este discurso, enquanto práxis, está vinculado às diversas possibilidades de pressões, status, trocas simbólicas e representações de lazer que esses indivíduos desenvolvem no espaço do futebol.

A violência no cotidiano dos torcedores organizados, não todos, mas parte deles, está relacionado aos ganhos e perdas individuais e coletivos que se podem aventar a partir das práticas, da expressão de um estilo pessoal ou da sua torcida e mesmo como expressão de lazer, em que a excitação do enfrentamento é um fator de destaque no universo do futebol.

Assim, não atestar a violência que existe, e eclode episodicamente, nas torcidas organizadas como mero horror e prática animalesca, é buscar a reflexão das práticas como discursos sociais sejam eles de ódio ou engajamento, o que diz muito da importância do futebol, do clubismo e das identidades atreladas às torcidas no cotidiano de muitos torcedores.

Ao pensar a ciência como um fazer cumulativo a presente dissertação de certo deixa questões para futuras pesquisas e estudos sobre o vasto tema das coletividades torcedoras. Como quais foram as formas de organização coletiva de torcedores que existiram dentro da cidade de São Paulo entre o ocaso das Torcidas Uniformizadas e a ascensão das Torcidas Organizadas, tema tratado perifericamente nesta dissertação. Ou ainda ao chegar à conclusão de um modelo hegemônico em São Paulo estimulado pela lógica dos Gaviões da Fiel, seriam estimulantes estudos que pudessem analisar a existência de lógicas diferentes em outras regiões do país, abarcando áreas ainda carentes de estudos relativos sobre o tema, bastante concentrados nas regiões Sul e Sudeste.

## Bibliografia

- AGUILERA, Camilo Toro. O espectador como espetáculo: notícias das torcidas organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004). Campinas. Dissertação de mestrado em sociologia apresentada no IFCH/Unicamp. 2004.
- ALABARCES, Pablo (org.). Peligro de gol – Estudios sobre deporte y sociedad em América Latina. Buenos Aires. CLACSO. 2000.
- ALABARCES, Pablo (org.). Futbolologías – Fútbol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires, CLACSO, 2003.
- ALABARCES, Pablo. Crónicas del aguante: Fútbol, violencia y política. Buenos Aires. Capital Intelectual. 2004.
- ALABARCES, Pablo (org.). Hinchadas. Buenos Aires. Prometeo Libros. 2005.
- ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas. São Paulo. Companhia das Letras. 2008.
- ANTUNES, Fátima M. R. F. O futebol nas fábricas In. Revista USP – Dossiê Futebol. Volume 22. São Paulo. Ano 1994. Páginas 102-109.
- ARCHETTI, Eduardo. Masculinidades: Fútbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires. Antropofagia. 2003.
- BARROS, Sérgio Miceli Pessoa. Os Gaviões da Fiel: Torcida Organizada do Corinthians. (in.) RAE – Revista de Administração de Empresas. Rio de Janeiro. v. 18 (2). p.43-46. Abril/Junho 1978.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1999.
- BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. São Paulo. Editora Brasiliense. 1990.
- BOURDIEU, Pierre. Pierre Bourdieu – Entrevistado por Maria Andréa Loyola. Rio de Janeiro. Editora da UERJ. 2002.
- BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro. Editora Marco Zero Limitada. 1983.
- BUFORD, Bill. Entre os vândalos. São Paulo. Cia. das Letras. 1992.
- CÉSAR, Benedito Tadeu. Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo ou o duelo. Campinas. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp. 1981.
- COSTA, André Lucirton. A organização cordial – Ensaio de cultura organizacional do Grêmio Gaviões da Fiel. (in.) RAE – Revista de Administração de Empresas. São Paulo. v. 35, n. 6. P.40-54. Novembro/Dezembro 1995.
- CUNHA, Odir & PERES, José Carlos. Dossiê – Unificação dos títulos brasileiros a partir de 1959 – O documento que resgatou a história do futebol brasileiro. Sem editora. 2011.
- DaMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. (In.) DaMATTA e outros. Universo do futebol: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro. Pinakotheke. 1982.
- DAMO, Arlei Sander. Do dom à profissão – A formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo. Hucitec. 2007.
- DAMO, Arlei Sander. Futebol e identidade social – Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre. Editora da Universidade – UFRGS. 2002.
- DATAFOLHA. DNA Paulistano. São Paulo. Publifolha. 2009.
- DUNNING, Eric. El fenómeno deportivo. Barcelona. Editorial Paidotribo. 2003.
- DURKHEIM, Emile. Sociologia. São Paulo. Editora Ática. 2005.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador – Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores. 1994.

- ELIAS, Norbert. & DUNNING, Eric. Em busca da excitação. Lisboa. Editora Difel. 1992.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. Deporte y ocio en el proceso de la civilización. México. Fondo de Cultura Económica. 1995.
- FAUSTO, Boris. De alma lavada e coração pulsante. (in.) Revista de História. São Paulo. n. 163. P.139-148. Julho/Dezembro 2010
- FONTENELLE, A. & STORTI, V. A História do Campeonato Paulista. São Paulo. Publifolha. 1997.
- FLORENZANO, José Paulo. A democracia corinthiana – práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo. Educ. 2009.
- FLORENZANO, José Paulo. A babel do futebol: atletas intelectuais e torcedores ultras. (in.) Revista de História. São Paulo. n. 163. P.149-174. Julho/Dezembro 2010
- HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge. A invenção do país do futebol – Mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro. Mauad. 2007.
- HOBBSAWM, Eric. & RANGER, Terence. A invenção das tradições. São Paulo. Paz e Terra. 1997.
- HOBBSAWM, Eric. Sobre História. São Paulo. Companhia das Letras. 2002.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. O clube como vontade e representação – O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Editora 7 letras. 2009.
- HOOLLANDA, B., MALAIA, J., TOLEDO, L. & MELO, V. A torcida brasileira. Rio de Janeiro. 7 Letras. 2012.
- MILIBAND, Ralph. O Estado na sociedade capitalista. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1972
- MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra! Rio de Janeiro. Editora FGV. 2003.
- MURPHY, P.; WILLIAMS, J. & DUNNING, E. O futebol no banco dos réus. Oeiras. Editora Celta. 1994.
- NEGREIROS, Plínio Labriola. A cidade excludente e o clube do povo. (in.) Revista de História. São Paulo. n. 163. P.207-242. Julho/Dezembro 2010
- OFFE, Claus. Problemas estruturais do Estado capitalista. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1984.
- PEREIRA, Leonardo Affonso Miranda. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Editora Nova fronteira. 2000.
- PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação: aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté. Vogal. 1997.
- PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. O sonho na sociedade contemporânea: juventude e futebol. (in.) PIMENTA, Carlos Alberto Máximo (org.). Antropologia Urbana: diálogos com Márcia Regina da Costa. Porto Alegre. Armazém Digital. 2009.
- POULANTZAS, Nicos. O Estado, O Poder, O Socialismo. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1980.
- REIS, D. A.; RIDENTI, M. & SA MOTTA, R.P. (org.). O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964 – 2004). Bauru. Editora EDUSC. 2004.
- REIS, H. H. B. . O espetáculo futebolístico e o estatuto de defesa do torcedor. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 31, p. 111-130, 2010.
- REIS, H. H. B. & ESCHER, T. Futebol e sociedade. Brasília. Editora Liber Livro. 2006.
- REIS, Heloisa Helena Baldy. Futebol e violência. Campinas. Editora Armazém do livro. 2006.
- REIS, Heloisa Helena Baldy. Futebol e violência uma relação histórica e de negligência (no Brasil) (in.) TURTELLI, Sandra Regina. Esporte em foco. São Paulo. Cultura Acadêmica. 2010.

- RODRIGUES, Nelson. A sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol. São Paulo. Companhia das Letras. 1994.
- RODRIGUES FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro. Mauad. 2003.
- SALDANHA, João. Histórias do futebol. Rio de Janeiro. Editora Revan. 1996.
- SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas – paixão, rito e magia no futebol. São Paulo. Annablume. 2004.
- SILVA, Elisabeth Murilho. As “torcidas organizadas de futebol”: violência e espetáculo nos estádios. São Paulo. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP. 1996.
- STREAPCO, João Paulo F. Cego é aquele que só vê a bola. O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1894 – 1942). São Paulo. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação de História Social da USP. 2011.
- TOLEDO, Luiz Henrique. Torcidas organizadas de futebol. Campinas. Autores Associados. 1996.
- TOLEDO, Luiz Henrique. Lógicas no futebol. Editora Hucitec/Fapesp. São Paulo. 2002.
- TOLEDO, Luiz Henrique. Estilos de jogar, estilos de pensar: esboço comparativo entre DaMatta e Archetti. (in.) TOLEDO, Luiz Henrique. & COSTA, Carlos Eduardo. Visão de jogo – antropologia das práticas esportivas. São Paulo. Editora Terceiro Nome. 2009.
- TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer: a metafísica do homem comum. (in.) Revista de História. São Paulo. n. 163. P.175-189. Julho/Dezembro 2010

#### Jornais

- FLORENZANO, José Paulo. A comunidade moral. Folha de São Paulo. São Paulo. 28 de fevereiro 2010. Caderno Mais. p.6.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. Torcidas-empresas. Folha de São Paulo. São Paulo. 28 de fevereiro 2010. Caderno Mais. p.6.
- TOLEDO, Luiz Henrique. Os sem-política. Folha de São Paulo. São Paulo. 28 de fevereiro 2010. Caderno Mais. p.6.
- REIS, H. H. B. ; ATHAYDE, P. . No anonimato da multidão: Pesquisa derruba mitos sobre os componentes de torcidas organizadas. Carta Capital, Brasil, p. 54 - 55, 29 jul. 2009.
- REIS, H. H. B. ; Iglesias, Marcelo . Heloisa Reis, estudiosa da relação futebol x violência - internet. Universidade do Futebol, Internet, p. 1 - 12, 07 jul. 2009.

#### Filmes

- Fiel. Direção Andrea Pasquini. Roteiro Sergio Groisman, Marcelo Rubens Paiva. 93min.
- Green Street Hooligans. Direção Lexi Alexander Intérpretes Elijah Wood, Charlie Hunnam, Claire Forlani, Marc Warren, Leo Gregory, etc. Roteiro Lexi Alexander, Dougie Brimson 109min.
- Green Street Hooligans 2. Direção Jesse V. Johnson. Intérpretes John Bariamis, Nicola Bertram, Matt Candito, Lonnie Cayetano etc.. Roteiro T. Jay O'Brien, Lexi Alexander, Dougie Brimson. 94min.
- Ser Campeão é Detalhe. Direção Gustavo Forti Leitão, Caetano Biasi. [S.I.] DNA Filmes. 25min.
- Só quem é sabe o que é. Direção Phydia de Athayde, Arthur Voltolini e Ronaldo Bressane. [S.I.] Porqueeu Filmes. 46min.